# Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 30 de JULHO DE 1972 - N.º 17817 - ANO 52.º - PREÇO 1$50

PÁG. 18

## A CADEIRA ELÉCTRICA PODE VOLTAR A MATAR

# O ASSASSÍNIO DE TROTZKY

*Monard, ferido*

*Trotzky, morto*

**O grande cartaz cinematográfico da Europa, no momento, é o filme de Joseph Losey, «O Assassino de Trotzky». O DL/Dominicaloferece-vos hoje uma reportagem feita no próprio local onde se verificou a morte do «leader» comunista exilado. (Pags. centrais)**

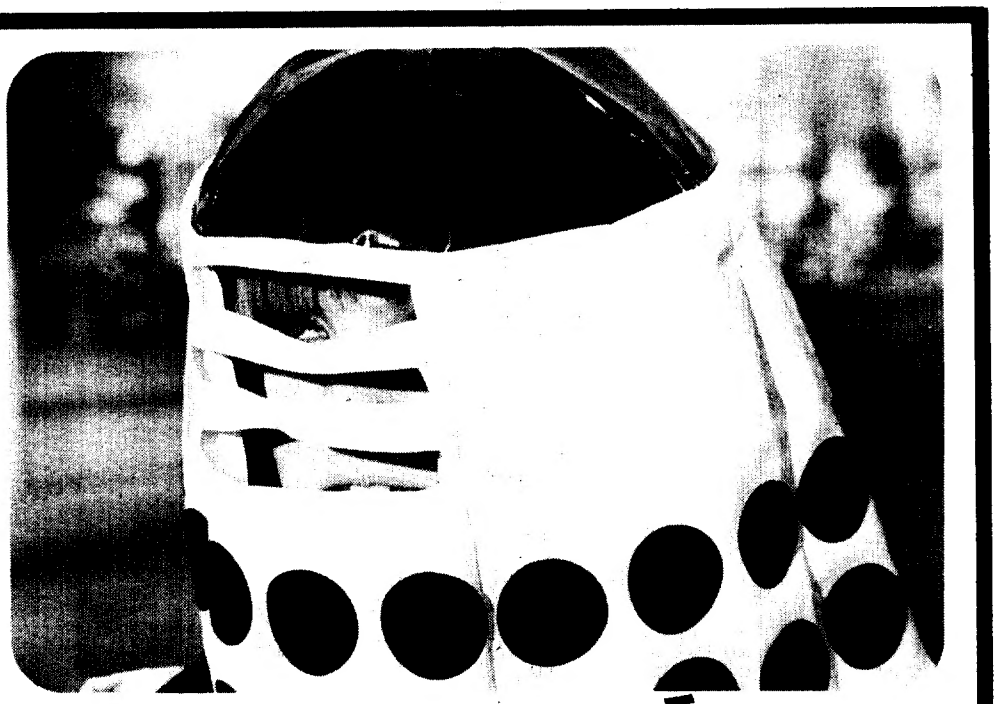
# A HISTÓRIA DO FIAT "BALILLA"

*O Fiat «Ballila» o primeiro utilitário italiano, nasceu na era de Mussolini e foi o sonho de todo um povo que acreditava ter chegado o seu momento de glória. A história do «Ballila» é também a do nosso tempo (Pags. 11/12/13)*

**DL DESPORTOS**

- **SPASSKY**
  **Contra**
  **FISCHER**
  **Dois mundos num tabuleiro**
- **MERCKX**
  **Uma história de êxito**

**HOJE: 32 PÁGINAS**



# O IMPERMEÁVEL DA ERA ESPACIAL

A moda da era espacial está a fazer a sua aparição na Inglaterra. Esta capa e capuz da era espacial, em plástico brilhante preto e branco (o novo material de classe), é um modelo exclusivo de uma das mais conhecidas *boutiques* britânicas, a «Snob» de Brighton.

Foi lançado com uma verdadeira eficiência da era espacial, pela artista de televisão Anne Nightingale. Como um foguetão que se eleva do seu abrigo subterrâneo de lançamento em Cabo Kennedy, Anne, envergando a sua capa e capuz, surpreendeu os compradores ao emergir de uma portinhola de entrada subterrânea em plena rua.

Anne disse: *«O conjunto é não apenas surpreendentemente moderno como surpreendentemente útil».*

O modelo é inspirado numa série muito popular da televisão «O Dr. Who e os Daleks» — sendo os Daleks umas máquinas que podem falar e cujo perfil se parece muito com o impermeável de Anne.

Esta, diz ainda: *«É o impermeável mais eficiente que alguma vez tive. A capa, com a sua gigantesca gola separável, em branco, é completamente impermeável. E o capuz é, na realidade, um visor de protecção com aberturas para os olhos»* (Rex Features/DL)

DL/DOMINICAL — SETE DIAS NO MUNDO

# CÍRCULO VICIOSO PARA HEATH

**Começou nos portos. Aí onde entram e saem as mercadorias do país que já foi o mais poderoso do mundo: a Grã-Bretanha. Foram os estivadores, tidos como os mais radicais dos operários ingleses, que desencadeavam a série de greves que ocuparam as primeiras páginas dos jornais durante toda a semana. Depois, foi a prisão de cinco dirigentes da estiva. Eram eles acusados de violação da nova lei sobre as relações industriais. Mais tarde vieram tipógrafos, camionistas, metalúrgicos, mineiros. Todos se mostravam solidários com os estivadores e os seus dirigentes presos. No fundo da questão está a tal lei sobre as relações de trabalho que os conservadores fizeram aprovar pouco depois da subida ao poder e que os sindicatos sempre consideraram atentória dos direitos conquistados em dezenas e dezenas de anos de lutas. É uma lei sem grande futuro. Terá a vida efémera de algumas nacionalizações dos trabalhistas que são invertidas quando o partido no poder é substituído pelo outro. No entanto, a legislação anti-greve — no fundo é disso que se trata — indica muito a respeito do sistema inglês e do estado em que ele se encontra. O poder sentiu a necessidade de recorrer a esse tipo de limitação das liberdades dos trabalhadores porque o equilíbrio (ou desequilíbrio) entre os dois grandes grupos em confronto se estava a alterar. E, evidentemente, não era no sentido mais favorável. Parte das dificuldades sentidas pelo poder advieram possìvelmente da necessidade de competir com o resto da Europa industrializada. Para bem competir era preciso ter a paz nas fábricas. A paz nas fábricas, a limitação das reivindicações dos trabalhadores, esses eram os objectivos, parece que pouco conseguidos, da nova legislação. Não se tratava apenas de aumentar o número de horas de trabalho, limitando o número de horas de greve, mas também de evitar os aumentos salariais de forma a permitir preços competitivos. Os trabalhistas olham para o panorama encantados. Cada dia que passa tem todo o aspecto de ser mais um degrau para o seu rápido regresso ao poder. Na verdade, não se vê como pode o Governo de Heath sair do círculo vicioso em que a realidade o vai metendo cada vez mais. Disso se aproveitarão os trabalhistas quando houver eleições. E depois? Bom, depois, ou os adeptos de Wilson se limitam a revogar algumas leis mais escandalosamente conservadoras (o que é o mais natural) ou então radicalizam substancialmente o seu socialismo.**

*Os cinco estivadores que a Justiça libertou em Londres*

### SEGUNDA-FEIRA

Pára-quedistas do Exército de Saigão investem contra a cidadela de Quang Tri. Desesperadamente, o general Van Thieu tenta mostrar alguns argumentos militares a Nixon. As conversações de Paris recomeçaram e Saigão continua sem produzir qualquer coisa que justifique a sua presença. A reconquista, apesar do apoio maciço da aviação americana, seria bem vinda para dar um pouco de vida à chama da propaganda. Entretanto, Kurt Waldheim, o secretário geral das Nações Unidas, pediu ao presidente Nixon que suspendesse os bombardeamentos dos diques do Vietname do Norte. Esta atitude de Waldheim valer-lhe-ia ser chamado «hipócrita» pelo presidente americano. Nixon não pode admitir que um homem com o prestígio moral inerente ao cargo de secretário-geral da ONU critique os EUA por um acto que o próprio Nixon não negou.

### TERÇA-FEIRA

— O Senado dos Estados Unidos aprovou uma emenda, proposta pelo senador Cooper, proibindo a concessão de créditos para a guerra do Vietname a partir da libertação dos prisioneiros americanos por Hanói. Era a mais drástica medida contra a guerra jamais adoptada no Capitólio de Washington. Porém, alarmados, os republicanos tocaram a unir e conseguiram anular os eleitos dessa emenda, rejeitando na íntegra o orçamento do auxílio militar ao estrangeiro em que se incluia. A emenda poderia ser avultada por Nixon (sê-lo-ia pela certa), mas a rejeição não pode. Não se veta o que não existe. Ao fim e ao cabo o auxílio militar ao estrangeiro acabará por se fazer, mas o aviso ficou por certo na memória do presidente.

### QUARTA-FEIRA

— Soube-se que, nos Estados Unidos, 200 negros tinham servido de cobaias humanas durante 40 anos, tendo-se-lhe recusado tratamento à sífilis, para estudar os efeitos da doença no corpo humano. Naturalmente, alguns dos pacientes morreram. Toda a gente sabe, mesmo em 1932, que a sífilis mata. É engraçado notar que as experiências com os negros pobres do Alabama se anteciparam um ano à subida do chanceler Adolf Hitler ao poder. Dez anos mais tarde, os EUA estavam em guerra contra a Alemanha hitleriana. Um cidadão lê estas notícias, vê as descrições de grandes generais como Paton e fica perplexo.

— Golda Meir apelou para Sadat. Quer encontrar-se com ele para discutir e solucionar a crise. Sadat, porém, apesar da saída dos conselheiros soviéticos, ainda não está preparado. Nem tem aspecto de vir algum dia a estar.

### QUINTA-FEIRA

— O Governo de Heath — como se não lhe bastassem já as dificuldades com as questões de trabalho — continua a ver-se a braços com a interminável (insolúvel) crise do Ulster. Desta vez teve de enviar mais quatro mil homens para a província irlandesa. Trata-se, diz o Ministério da Defesa, de fazer cumprir a proposta política de William Whitelaw que consiste em tomar uma atitude drástica em relação ao IRA. Fala-se na entrada em força das tropas inglesas nos redutos do IRA de Londonderry (Derry para os irlandeses católicos). Whitelaw, que tem mostrado algum bom senso, tem-se sempre oposto a essa tomada de força, alegando que ela causaria inúmeras vítimas inocentes. Esperemos que o bom senso predomine. A menos que se pretenda ir para a «solução final».

A VILLAVERDE CABRAL

## COMENTÁRIO INTERNACIONAL

— **Cem crianças da tribo Tangwena, na Rodésia do Sul, foram levadas para Umtali, ficando, portanto, isoladas das famílias que continuam a monte, fugindo das autoridades que os consideram em transgreção de uma lei que dá as terras em que nasceram como sendo «terra de brancos».**

### SEXTA-FEIRA

— Depois de ter afirmado que as suas tropas tinham ocupado sem resistência a cidadela de Quang Tri, de terem voltado um pouco atrás para afirmar que metade da dita cidadela continuava em poder do inimigo, Saigão admitiu que os seus soldados haviam evacuado a fortaleza daquela capital provincial. Segundo Saigão, os pára-quedistas tinham entrado na cidadela, mas foram obrigados a ceder perante a resistência. Em sua substituição seguiram os fuzileiros navais, que nunca passaram dos arredores. Confirma-se a opinião do comentarista do «Le Monde» já aqui citado. Dizia ele que a estratégia dos revolucionários era a de enfraquecer ou, pelo menos, fixar as tropas de elite de Saigão, depois de terem desbaratado as unidades mais fracas no princípio da ofensiva.

### SÁBADO

**George McGovern parece ter mudado de opinião a respeito da permanência na lista que encabeça do senador Thomas Eagleton. Alguns dirigentes democráticos deram a candidatura de Eagleton como não tendo qualquer futuro. As razões, como se sabe, residem nos tratamentos psiquiátricos a que o candidato à vice-presidência se teve de submeter há alguns anos. Como eventual sucessor de Eagleton, só se aponta um nome: Sargent Shriver. É o mais parecido com um Kennedy que se pode arranjar. Shriver é cunhado dos célebres irmãos.**

*Bombas provocam incêndios em Belfast*

**COMPRA**

**A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.**

**RUA DO GARRIDO, 73-A**

# «PRÍNCIPE PERFEITO»

## 1.º CRUZEIRO NA «ROTA DO SOL»

### AVISO

**SAÍDA DO NAVIO**

Pedimos aos Srs. Passageiros para se encontrarem na Gare Marítima de Alcântara, donde sairá o navio, no dia 3 de Agosto às 9 horas.

A saída do navio está prevista para as 11 horas, como oportunamente foi anunciado.

**BAGAGENS**

Para comodidade dos Srs. Passageiros o recebimento de bagagens iniciar-se-á na 4.ª feira, dia 2 de Agosto, pelas 14 horas, na Gare Marítima de Alcântara.

Pedimos a boa atenção dos Srs. Passageiros para as disposições relativas a bagagens constantes do «Bilhete da Passagem» e «Guia do Passageiro», oportunamente distribuídos.

# A SEMANA

**1**

*A semana política foi dominada por um acontecimento cuja importância dispensa sublinhados: a eleição para a presidência da República. O sr. almirante Américo Thomaz foi, tal como se esperava, sem competidores, eleito no primeiro escrutínio. O colégio eleitoral, que completamente reunido comportaria 669 membros, registou a presença de 645, tendo sido afirmado que a maior parte das ausências se deveu a motivos de doença. Entraram na urna 616 listas a favor do almirante Américo Thomaz e 29 nulas.*

A eleição começou às 9 horas da manhã do dia 25, tendo-se prolongado até às 13 horas e 5 minutos, tempo necessário para a primeira chamada, votação de retardatários e contagem de votos.

**2** *Este acontecimento, cuja importância, acentuamos, não precisa de encarecimentos, mereceu, logo no dia seguinte, alguns comentários de que transcrevemos as passagens mais importantes. Já o título merece imediato registo: «Novo Ciclo». Diz a «República»:*

«A personalidade de Salazar marcou profundamente os últimos quarenta anos da nossa vida. A situação presente do País não há dúvida que se deve a ele, à sua doutrina e maneira de governar. Enaltecido desmedidamente pelos seus partidários e adulado como poucos o foram em toda a nossa vida de Nação, só com o seu desaparecimento se pôde começar a fazer justiça para um e para os outros porque não temos ainda a serenidade, nem outras condições essenciais, desde a informação completa à ausência de entraves de qualquer espécie, que permitam formular juízo definitivo».

E a fechar: «*O País quer exprimir a sua opinião com inteira consciência e informação e na altura em que o Presidente da República vai iniciar novo mandato pode-se esperar legìtimamente que se concretize, sob as mais variadas formas, a política de consciencialização de todos os cidadãos e de harmonia entre eles preconizada pelo Presidente do Conselho ao tomar posse. Possa o novo mandato do sr. Presidente da República ser realmente novo ciclo na evolução portuguesa: o da comunidade de todos, num país que seja de todos nós*».

**3** *Assinalando o duplo aniversário da morte de Salazar, publicou o «Diário de Notícias» um artigo, onde o panegírico vive em boa paz com um certo tom reticente, e de que transcrevemos duas passagens:*

*«O homem que os (...) historiadores dirão talvez que foi igualmente duro e de uma vontade de ferro tinha gestos de uma grandeza de alma e de uma generosidade que surpreendiam mesmo os mais íntimos dos seus amigos e os mais próximos dos seus colaboradores. (...) O lugar que esse homem singular virá a ocupar na História de Portugal, não sabemos ainda exactamente qual venha a ser: as grandes figuras têm essa particularidade — continuam por largo tempo presentes e com influência na vida de uma nação, mesmo depois de terem fisicamente desaparecido do número dos vivos»...»*

**4** *Também à morte de Salazar dedica a «Época» algumas palavras eloquentes que terminam desta maneira:*

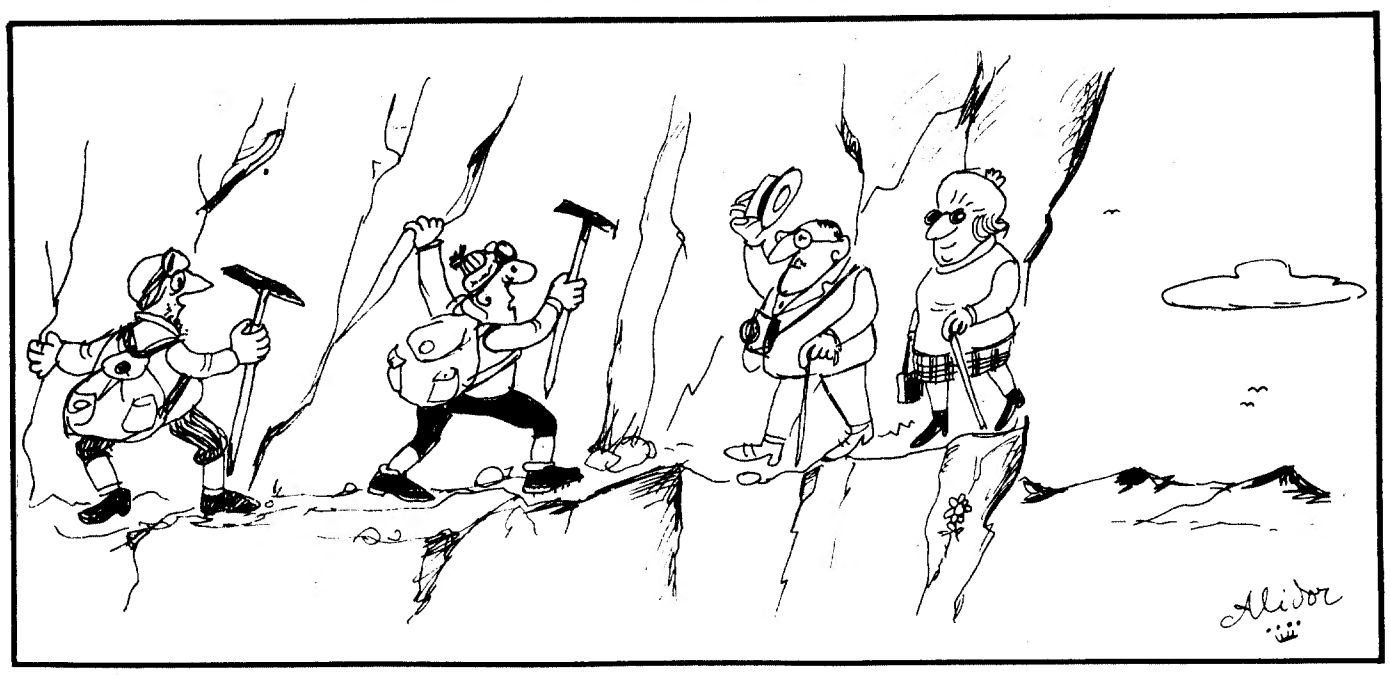
*«Há muito ainda por saber sobre os caminhos da realização da obra, os esforços, a vigília constante, a força da inteligência, a firmeza da vontade. Algo se revelou já nos corpos documentais sobre a nossa intervenção diplomática relativa ao caso do Estado Português da Índia e à Segunda Grande Guerra. Mas isso é apenas uma parte de bem mais largo conjunto. Como há ainda por revelar, da parte dos que conviveram de facto com Salazar, desde Coimbra, desde o CADC, desde a modesta casa da Rua Bernardo de Lima até à residência da Calçada da Estrela e ao Forte de S. João do Estoril — todo um volume de depoimentos vivos e autênticos que é urgente trazer a público para desmentir as fantasias dos paroleiros profissionais ou a imagem distante e fria de um medalhão clássico.*

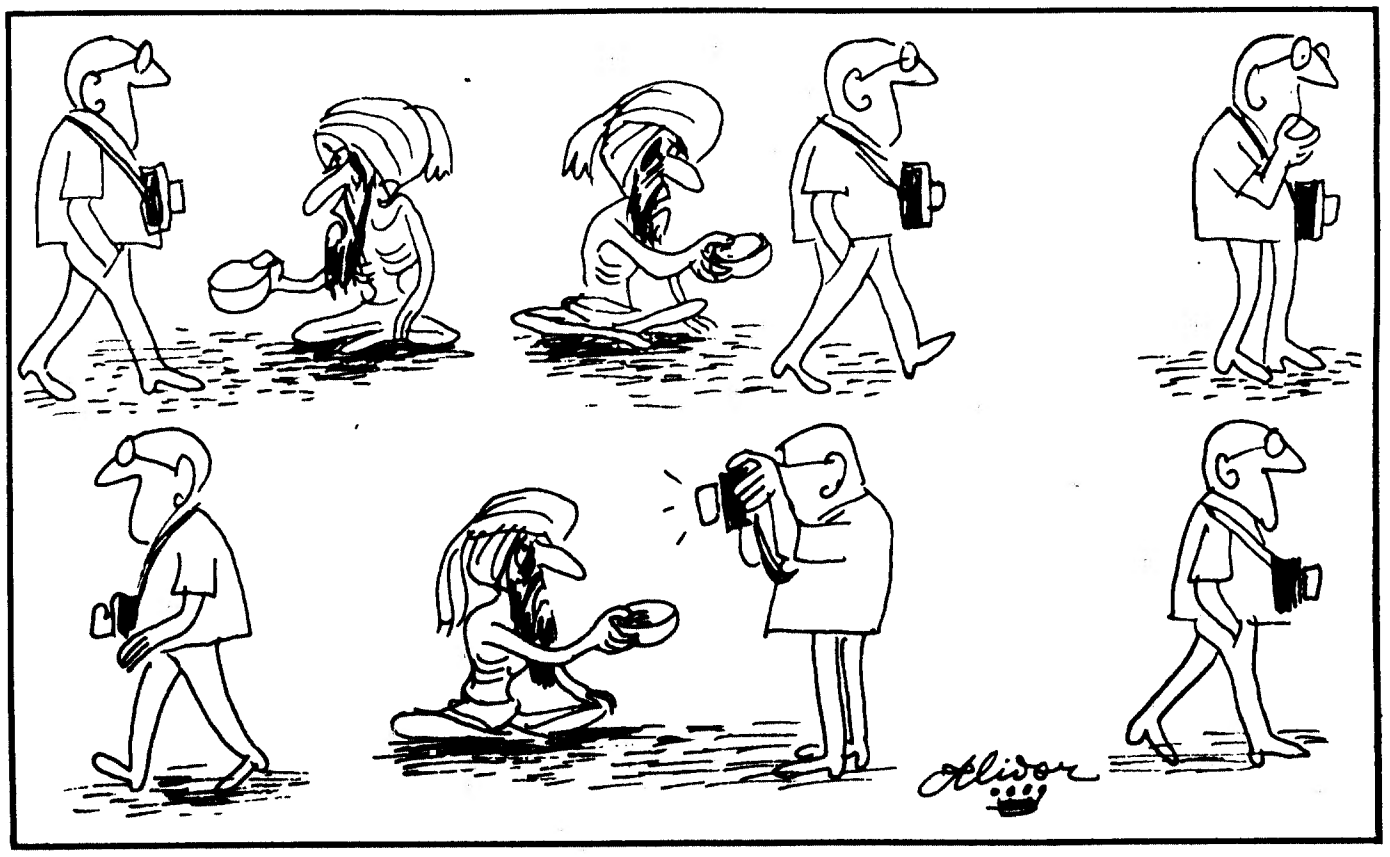
*«Dois anos volvidos sobre a morte de Salazar, será tempo de falarem os que têm obrigação de o fazer».*

**5** Por sua vez, o «Século» exprime-se desta maneira não menos eloquente:

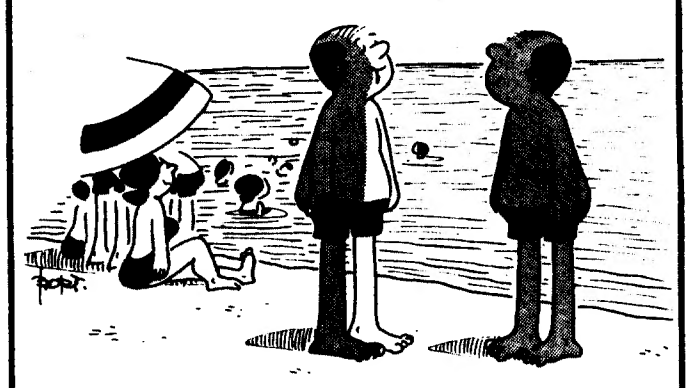
*«Completam-se hoje dois anos sobre a dolorosa data em que morreu o Presidente Salazar. Acontecimento que feriu profundamente a Nação, não podíamos deixar de recordá-lo comovidamente, pois recordar a personalidade do prof. Oliveira Salazar é recordar um dos períodos mais brilhantes da vida nacional».*

## FÉRIAS



*Se em vez de estudar tantas línguas tivesse aprendido a nadar!*



*O problema é que só posso apanhar sol à tarde; vou para o escritório de manhã*


# FIDES

## FUNDO DE INVESTIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

## Distribuição de rendimentos

A partir de 1 de Agosto encontra-se a pagamento, por cada unidade de participação emitida até 31 de Julho de 1972, a importância de

## ESC.: 5$50

Poderão os Senhores participantes optar pelo recebimento dos rendimentos ou pela subscrição, sem o pagamento da comissão regulamentar de 3%, de um número de unidades a eles correspondentes.

Os pagamentos e subscrições poderão ser efectuados em qualquer Agência, Dependência ou Sede dos estabelecimentos de crédito

**BANCO TÓTTA & AÇORES**
**PANCADA MÔRAES & C.ª**

DL/DOMINICAL — POLÍTICA MUNDIAL

# O PATRÃO SOU EU

**União das esquerdas e descontentamento dos gaulistas por uma política pouco ortodoxa. Estes os motivos que obrigaram Georges Pompidou a retomar sòlidamente as rédeas do poder. Com um novo primeiro ministro mais obediente às suas ordens, está assim pronto a enfrentar as eleições gerais de 1973.**

Por
**GIUSEPPE VENOSTA**
**Exclusivo**
**PANORAMA/«DL»**

**«Senhor presidente, tenho algo para lhe dizer».** Era meio dia de quarta-feira 5 de Julho, no termo de uma normal reunião do gabinete francês no Eliseu. Os titulares dos vários ministérios tinham já reposto os documentos nas pastas e olhado de soslaio os relógios, quando o primeiro ministro Jacques Chaban-Delmas se voltou inesperadamente para o presidente da República, Georges Pompidou. **«Há tempos, manifestou o desejo de mudar de Governo»**, disse Chaban-Delmas. **Eis, pois, as minhas demissões».**

Atordoados, os ministros franceses souberam, assim, que o ministério caía e que eles, portanto, a partir daquele momento, haviam perdido os seus cargos. Surpresa e crise, no entanto, duraram pouco tempo. Logo em 6 de Julho, o novo primeiro-ministro encarregado por Pompidou, Pierre Auguste Joseph Messmer, que no ministério de Chaban-Delmas havia sobraçado a pasta dos Territórios do Ultramar (isto é, a administração das poucas pequenas colónias que continuam a pertencer à França), podia anunciar a composição de um Governo quase em tudo semelhante ao precedente. Unicas caras novas: Edagar Faure, ex-primeiro ministro e ministro da Educação ao tempo do general De Gaulle, agora chamado aos Assuntos Sociais, e Hubert Germain, chefe do grupo parlamentar da corrente gualista ortodoxa **Presença** e **Acção**, chamado para os Correios e Telecomunicações.

Já há alguns meses que Pompidou pensava desembaraçar-se do seu primeiro ministro. Aos olhos do presidente, Chaban-Delmas tinha muitos defeitos. Por exemplo, tinha-se deixado envolver num escândalo de impostos não pagos que havia feito tremer o regime. E, depois, pior ainda, Chaban-Delmas demonstrava uma actividade e uma tendência para o liberalismo que De Gaulle nunca teria tolerado e que conseguia desagradar também ao seu sucessor. Num discurso pronunciado no princípio do ano, o primeiro ministro arrogara-se a parte de forjador da nova sociedade francesa, sem citar sequer o nome do próprio Pompidou. Chaban-Delmas estava disposto a escutar as razões dos sindicatos. Tinha afrouxado o controlo do Estado sobre a rede televisiva e, assim, o regime vira-se alvo dos motejos da crítica a que os expoentes gaullistas já não estavam habituados.

*O presidente Pompidou (de cigarro na boca) assiste a uma partida de râguebi. Com vista ás eleições de 1973, Pompidou decidiu uma nítida viragem à direita*

Finalmente, pílula que Pompidou nunca engoliu, Chaban-Delmas havia-o posto literalmente de parte, pedindo e obtendo, em 17 de Maio, um voto de confiança à Assembleia Nacional. Mas então, o gaullismo, aquela filosofia política que prega a dedicação incondicional ao chefe, aonde ia acabar? Os efeitos deste afrouxamento de travões não tardaram a fazer-se sentir. Em Abril, quando Pompidou tinha pedido uma maciça afluência às urnas para o referendo sobre o alargamento do Mercado Comum Europeu (uma consulta que mais do que qualquer outra deveria demonstrar à opiniãm pública mundial a popularidade e a solidez política do presidente), só 53 por cento dos franceses se dirigiram às urnas. E 25 por cento dos abstencionistas eram exactamente gaullistas ortodoxos que, desconcertados pela divergência de alinhamento entre Chaban-Delmas e Pompidou, haviam manifestado a sua desaprovação com o silêncio.

Assim, em 18 de Junho, 32.º aniversário do célebre apêlo de De Gaulle, feito de Londres, falando em frente do monumento à Resistência (uma gigantesca cruz de Lorena) erguido em Colombey-les-deux-Eglises, o templo do culto gaullista, Pompidou fez um juramento que, para Chaban-Delmas, sou como despedida: **«Perante este monumento e sobre a vossa sepultura, juro permanecer fiel à lição que me haveis transmitido, meu general».**

Manteve-se fiel à palavra dada. Messmer, o novo primeiro ministro, é o que de mais gaullista se pode encontrar em França. De família alsaciana, 56 anos de idade, alto atlético (ginástica todas as manhãs, ténis e vela na Bretanha), era tenente das tropas coloniais ao eclodir a Segunda Guerra Mundial. Após a derrota francesa, fugiu para Gibraltar e, a partir daqui, juntou-se às forças da França livre. Depois, foi a Legião Estrangeira, El Alamein, a campanha de Itália e, finalmente, em 1945, a Indochina, aonde foi largado em páraquedas para tomar contacto com os patriotas de Ho Chi-Min que combatiam contra os japoneses.

**Satisfação.** Coronel, hipercondecorado, governador de várias colónias francesas no após-guerra, foi chamado por De Gaulle para o ministério da Defesa em 1960. Ali permanece durante nove anos, obedecendo cegamente às ordens vindas do alto, embora se sussurrasse que não compartilhava muitas das ideias do general (sobretudo sobre o problema da evacuação francesa da Argélia e da criação da «**força de dissuasão atómica**). A sua devoção ao chefe (demitiu-se em 1969, quando De Gaulle deixou o poder) vale-lhe a satisfação de ser recebido, único entre os barões gaullistas com o ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Maurice Couve de Murville, em Colombey, pouco antes do general expirar, em Novembro de 1970.

Com este homem, que mais do que qualquer outro demonstrou saber obedecer sem interferir nas directivas do Eliseu, Pompidou propõe-se reforçar a própria imagem e a própria posição de presidente e sucessor do general, e, mais ainda, cerrar as fileiras dos gaullistas com previsão para as eleições gerais que deverão desenrolar-se durante a Primavera de 1973. Em parte, já o conseguiu. A França compreendeu quão pouco conta a Assembleia Nacional quando a sua vontade entra em contraste com a de Pompidou: os representantes do povo, que ainda há tão poucas semanas haviam votado a confiança a Chaban-Delmas, nem sequer foram consultados quando se tratou de o substituir. Logo a seguir, a demasiado atrevida televisão francesa recebeu de Pompidou um puxão das rédeas: o primeiro acto do governo Messmer, de facto, foi proibir um debate televisivo sobre a composição do novo gabinete entre dois deputados gaullistas e dois colegas da oposição.

Porém, para aumentar de estatura perante a opinião pública mundial e os gaullistas que recordam com saudade o general, Pompidou deve empenhar-se sobretudo na política internacional, o campo em que maiores têm sido as divergências entre a sua administração e as fileiras dos mais ortodoxos sequazes do general De Gaulle. Neste sentido, o presidente francês já fez qualquer coisa, antes ainda do render da guarda do Governo.

De facto, depois de ter aberto as portas da Europa à Inglaterra (invertendo a política de De Gaulle, sempre contrário ao ingresso da Grã-Bretanha no Mercado Comum), no mês passado fez bruscamente marcha atrás, durante um encontro que teve com o primeiro ministro belga, Gaston Eyskens.

A Eyskens, o presidente francês especificou que a projectada reunião ao mais alto nível da Europa alargada (isto é, os Seis mais a Inglaterra, a Irlanda, a Dinamarca e a Noruega) terá provàvelmente lugar em Outubro, só nas condições propostas por Paris: o secretário da Comunidade deverá instalar-se permanentemente na capital francesa (primeira fase da elevação de Paris a capital da Europa) e todas as decisões deveriam ser tomadas por unanimidade, e não por maioria absoluta, como prefeririam os outros parceiros do Mercado Comum, por forma que a França possa exercer o direito de veto, como acontecia nos tempos de De Gaulle, quando entraram em jogo os seus interesses particulares. O mesmo transparente ultimato apresentado a Eyskens, foi pouco depois dirigido por Pompidou ao chanceler federal alemão, Willy Brandt, durante o seu encontro em Bona (3-4 de Julho).

Na expectativa do inseguro alto nível europeu de Outubro, é fácil prever quais serão os próximos movimentos de Pompidou no campo internacional. Suspeita para com a Inglaterra, frieza para com os outros membros do Mercado Comum, acusações à política americana no Vietname e surda luta monetária contra aquela que, em Paris, se chama agora a «hegemonia» do dólar sobre os valores europeus. Na prática, um retorno ao gaullismo da primeira forma.

Talvez que tudo isto não estivesse nas intenções de Pompidou, porém, os resultados do referendo de Abril passado e, sobretudo, o acordo com que comunistas e socialistas, em 27 de Junho, decidiram apresentar-se às eleições numa única Frente Popular, o induziram a levar a cabo um nítido desvio para a direita. Acentua-se, assim, o processo de polarização tendente a dividir a França em dois blocos contrapostos, que se preparam para as eleições de 1973: de um lado, a França tradicional de Joana d'Arc, do outro, a da Frente Popular.

E é exactamente para recolher, aos olhos dos gaullistas, a espada de Joana d'Arc, com a qual De Gaulle conseguira fascinar tantos franceses, que Pompidou sacrificou o demasiado liberal Chaban-Delmas.

*PAIXÃO COMUM. Em baixo: Pierre Messmer chega ao Eliseu para aceitar o encargo de primeiro ministro. À direita: Jacques Chaban-Delmas, primeiro ministro francês cessante, durante uma partida de ténis. Messmer e Chaban-Delmas têm ambos a paixão pelo desporto*

ÚLTIMAS EDIÇÕES

**A PSICANÁLISE, CIÊNCIA DO HOMEM**
por WINFRID HUBER, HERMAN PIRON e ANTOINE VERGOTE
Todos os aspectos da psicanálise, da psiquiatria, numa obra moderna e actual que se impõe a todos os estudiosos ou interessados nestes temas. Trad. do Dr. Ramiro da Fonseca
Colecção «Vida e Cultura» Preço: 65$00

**O SANTO E AS IMPORTAÇÕES ILEGAIS**
por LESLIE CHARTERIS
Um romance de enredo apaixonante, moderno e vigoroso, capaz de desorientar o leitor mais experimentado
Colecção «Vampiro» — Policial
Livro de Bolso Preço: 15$00

**GATO PRETO EM CAMPO DE NEVE**
por ERICO VERÍSSIMO
Nova edição de um dos livros mais notáveis, do célebre romancista brasileiro
Colecção «Livros do Brasil» Preço: 50$00

À VENDA NAS LIVRARIAS E TABACARIAS
edições da
LIVROS DO BRASIL
Rua dos Caetanos, 22 — LISBOA

# CARTA DO BRASIL

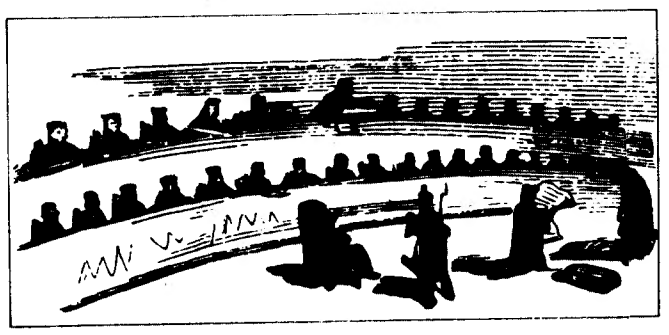
# CHIANCA DE GARCIA

# A morte do alucinado

Não gosto de escrever sobre mortos. Morreu, acabou-se. Mas hoje tenho compromisso com um amigo que me deixou herdeiro de todos os seus bens. Não fico rico, não, leitor. A única coisa que dele sobrou foi uma espécie de confissão, testamento ou desabafo. Três páginas gatafunhadas à mão. Porque até à máquina de escrever jogou do alto do seu décimo terceiro andar, numa transversal do Copacabana. Fechou-se por dentro e foi botando pelas janelas, móveis, armários, quadros, livros, roupas, fogão, telefone, e até uma televisão já com o dispositivo a cores, que tudo transforma naqueles postais ilustrado do tempo das nossas avós, quando o colorido extravasava do conteúdo para o continente.

Um escândalo, é claro. Vieram bombeiros com escadas trepadoras, e alguns comissários da polícia que por intermédio de megafones inutilmente o incitavam a conter-se. A concentrar-se. A meditar. A ter confiança. A pensar em Deus, etc. Tudo inútil. Como derradeiros artefactos jogou o bidé e a privada, que ao despedaçarem-se no asfalto atingiram uma velha demasiado curiosa. Depois ouviu-se um tiro. E foi o fim. **The end**, enquanto não impõem no Brasil, estùpidamente, a ideia de que todos os filmes estrangeiros devem ser dublados. Em brasileiro, tá na cara.

Finalmente as autoridades arrombaram a porta e encontraram-no no chão, em decúbito dorsal (como era de uso nos velhos contos policiais) tendo na mão esquerda (na outra o revólver) este caderno escolar onde está a sua desesperada despedida do mundo. Leitor, eis tudo quanto resta deste homem outrora inteligente, em que eu acreditava, e que tantas vezes me orientou do alto da sua profissão (talvez fictícia) ele intitulava-se psiquiatra.



### O INDIVÍDUO

Seu nome: Francis Neudstadt. Estava no Brasil desde os dez anos de idade. Nasceu na Austria, em Viena. Filho e neto de homens de cinema. O avô, ao que ele dizia, fora companheiro de Sigmund Freud. O pai, médico também, morrera louco em São Paulo. Resolveu então mudar-se para o Rio de Janeiro, onde se apresentou como psiquiatra. Nesse tempo, o Rio era ainda uma cidade de boa fé. Conheci-o por intermédio de Silvio Figueiredo, médico da Sociedade de Autores, embora também por sua vez especialista em saúde mental (coisa que não está errada numa associação de homens de letras). Francis pensava em dedicar-se ao teatro. O teatro, afirmava, era o meio ideal para levar os espectadores a encontrarem a sua própria personalidade.

Contou-me confusamente o tema de algumas das suas peças que, afinal, nunca escreveu. Defendia, freudianamente, creio eu, que as neuroses podiam matar por meios indirectos, ou então levar ao crime por necessidade fisiológica. Ùltimamente, desiludido com a profissão a que se dedicara, convencera-se de que psiquiatra e psicólogos são os principais transmissores de enfermidades neurológicas, que acabam transferindo para os clientes: — **Um perigo**, afirmava, **porque todo o psiquiatra é um moralista condicionado.**

### DÚVIDAS

Duvidei, muitas vezes, se Francis não seria, ele próprio, um caso clínico. Sua vida sentimental era um indício. Nunca lhe vi mais de duas vezes a mesma mulher. Desculpava-se, dizendo-se fadado ao desacerto:

— **A mulher para mim tem de ser tudo ou nada, compreende?**

Nestes dois últimos anos passaram pela vida dele uma suíça, uma dinamarquesa, duas alemãs, uma americana, uma argentima e até uma crioula da Bahia a quem os orixás salvaram. Mas nas outras, implacável, ele foi descobrindo taras, desequilíbrios, insatisfações, forçando-as a uma catarse que permitia interná-las, uma a uma, em clínicas especialisadas em enfermidades mentais. Lá estão todas até agora. Salvou-se, como já disse, a baiana, que é hoje acatada mãe-de-santo (Dona Lurdinha) num terreiro de Jacarépaguá.

### E EU?

Mas Francis era, para mim, um companheirão. Creio que muitas destas cartas eu devo a ele, que incutia em mim experiências mais dele do que minhas. Não me arrependo. Suas histórias tinham sempre algo de sobrenatural. Creio que era lido em Garcia Marquez, o autor dos **Cem Anos de Solidão.**

### O CONFLITO

Bem, aí está o rápido retrato do homem, ou do que eu entendia que ele era, como tal.

Agora, os factos. Tinha-se preparado para **incendiar** (a expressão é dele) o 1.º Congresso Internacional de Psicopatia que teve lugar esta semana aqui no Rio de Janeiro, e que durou três dias e três noites, e onde Francis Neudstadt, segundo contaram os jornais, provocou as mais ferozes controvérsias. A tal ponto que o congresso foi encerrado, abruptamente, em atenção à ética profissional. Não faltaram cenas de pugilato. Três congressistas foram acometidos de enfartos. E dois, à moda ainda em uso no Uruguai, desafiaram Francis para duelos à pistola, que ele não aceitou. Não houve sequer o banquete final.

### O SUICÍDIO

Isto, anteontem. Ontem aconteceu o facto lamentável com que iniciou esta crónica. Pois o homem que se matou no alto do 13.º andar do edifício onde morava, era exactamente Francis Neudstadt, deixando, para mim, a mencionada mensagem de despedida. Aqui a tenho. Meditei sobre o que deveria fazer. Queimá-la? Rasgá-la? Guardá-la no meu arquivo de absurdos? Não. Achei jornalisticamente que me competia torná-la pública. Como documento do tempo em que vivemos. Eis o que vou fazer agora.

Mas com a certeza, de antemão, de que o meu pobre Francis não passava de um louco. E por certo perigoso.

### A MENSAGEM

**Para ser entregue a fulano** (e citava o meu nome): **Amigo, este é o meu protesto. Neste congresso encerrado ontem de psicopatologia, fui desmoralizado. É claro, pelas eternas forças ocultas. Primeiro eu defendi que ninguém pode ser bem sucedido no campo da sanidade mental desde que antes não tenha enfrentado em si mesmo os desequilíbrios da mente. Mandaram-me calar. Pouco depois voltam à carga. E demonstrei que estamos errados quando pressupomos que o cliente é que está enfermo, e não nós. É esse o maior, talvez, dos erros psiquiátricos. Fora! Fora! ouvi gritar. Então um mexicano indagou: — Que é saúde mental? Apenas isto: — trazer de novo o enfermo ao normal equilíbrio da sociedade! Mentira, gritei. Então um mexicano indagou: — Que é saúde mental? Apenas isto: — trazer de novo o enfermo ao normal equilíbrio da sociedade! Mentira, gritei. Quem está enferma é a sociedade, e essa nós não podemos curar, porque é totalmente impossivel vencer a resistência daqueles, que no mundo inteiro, nos dominam. O que nós estamos fazendo é incutir nos nossos clientes um equilíbrio de mentira. Ora deles não estão errados, nem incertos, nem doentes. O que está incerta, errada, é a família, é a comunidade que obedece a leis que** lhe são impostas pelas sociedades autocráticas. Senhores, acreditem, **O HOMEM NÃO É UM ANIMAL PACÍFICO. Nunca o foi. O HOMEM PRECISA DE VIOLÊNCIA: Ouça bem, aprendi com meu mestre Anthony Burgess, que sem a violência individual de cada homem não existiriam civilisação, arte, literatura, nem sequer ciência. Só A VIOLÊNCIA transforma em novas forças a necessidade de dominar os outros. Viva pois a violência.**

**Fizeram um cerco em volta de mim, injuriaram-me, um copo quebrou-se de encontro à minha testa. O sangue espirrava. E eu na minha: — O nosso crime é querer que os inadaptados não saiam do sistema que nos é imposto. O que nós representamos é uma coisa que se chama a Lei. E quem nos diz que não são inadaptados que representam uma coisa que se chama a justiça? Prezados colegas, nós somos uma violação à liberdade do ser humano?**

**Fui expulso da sala a pontapés, massacraram-me, jogaram-me do alto de uma escada. Então, erguendo-me, e antes de fugir, ainda usei gritar-lhes: — Canalhas, obrigada. Vocês estão justificando a minha teoria. Vocês são a violência. E é nos divãs dos vossos consultórios de psquiatras que matam no ser humano o desejo da violência... o desejo da liberdade.**

**Depois disto, o que me restava senão este desejo de morrer violentamente? Adeus. Vou agora direitinho para o inferno. Lá espero por você. Um abraço.**

### DOCUMENTAÇÃO

Aos que acabam de ler juntou ainda uma série de colagens com recortes do «Journal do Brasil» de ontem, e de que faço, a seguir um rápido resumo:

**São Paulo (sucursal): Sandra Lopes de Castro, 19 anos, matou ontem com três tiros na cabeça, seu companheiro L. A. R. de menor idade. Esperou que dormisse e fez os três disparos não dando tempo a que a vitima esboçasse qualquer reacção.**

**Maceió (correspondente) Depois de discutir com seu irmão, Ailton Barbosa, sob o modo de servir o almoço, o lavrador João Barbosa assassinou-o ontem a facadas.**

**Rio — Duas irmãs mataram o marido de uma delas, por ele não querer que a cunhada fizesse «strip-tease» numa boite.**

**Maceió — O motorista Wilson Pinheiro, 38 anos, matou com um tiro de revólver sua filha Angela, estudante, por a encontrar namorando com o jovem Erasmo Rios.**

**São Paulo — O proprietário de uma frota de táxis, Fernando Melo, foi assaltado por dois jovens que fugiram levando o seu carro de luxo, jóias, dinheiro e um revólver calibre 28.**

**Rio — Comerciante foi assaltado ontem em Copacabana, quando era grande o número de pedestres. O comerciante ficou sem dinheiro, sem documentos etc. etc. etc.**

### NOTA FINAL

E à margem destas colagens ainda escreveu este comentário mordaz:

— **Sabe? Ninguém segura a violência neste mundo».**

Assinado: Francis Neudstadt.

Copacabana, Julho de 1972

**Para correspondência. Rua Fernando Mendes, 28 - Apt.º 908, Copacabana. Brasil.**


NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

LORNE & LESLEY VEDETA DA RADIO E DA TV INGLESA

ERNEST MONTEGO
Famosa atracção mundial

MARIEMA

BLUEBELL GIRLS' SHOW

JIRINA'S COMBO

"OS MOZAMBEAT'S"

FERRER TRINDADE e sua orquestra

NADJA NADLOVA
SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

GALETO
RESTAURANTE E SNACK-BAR — Telefone 44444
Avenida da República, 14-A — LISBOA — PORTUGAL

6.º ANIVERSÁRIO

*Com mais um Ano de existência, agradece a todos os seus estimados Clientes e Amigos a preferência que lhes têm dispensado, assim como a todos os que, directa ou indirectamente, têm contribuído para o seu progresso.*

A ADMINISTRAÇÃO

Câmara Municipal de Lisboa
Casa da Comédia

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO
Voltam a apresentar
Hoje e todas as noites pelas 21,45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA E DO GORDO SANCHO PANÇA»
de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo
JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)
Bilhetes à venda no próprio local
Descanso companhia 2.ª feira Grupo B — 10 anos

# JORNAL DOS ESPECTÁCULOS

## Jazz para matar a sede

Tudo leva a crer que tenhamos um II Festival de Jazz de Cascais este ano. Nada nos permite duvidar da afluência em massa de um público ávido de saber o que se passa na música que partiu da tradição popular e alcançou foro de cultura («Jazz é cultura» era um dos «slogans» do I Festival). Nada nos prova, por outro lado, que haja, da parte desse público, mais do que essa vontade de ver e ouvir o que os outros vêem e ouvem. Apregoava-se «Newport em Cascais» na promoção do I Festival. Correcto. Era a possibilidade de ir à terra do Jazz sem sair de Cascais.

Resultados? E evidente que não se pode esperar que as pessoas tenham aprendido o Jazz em duas noites. Posto isto, que sobeja daí? A dois níveis, teremos que:

1 — as pessoas já familiarizadas com esse tipo de música tiveram a oportunidade de ver e ouvir, músicos seus conhecidos do disco;

2 — os ainda não tocados pelo Jazz aprenderam, no terreno próprio, (ao vivo) muito mais de Jazz do que ouvindo dezenas de discos. Ou não fosse o Jazz a música que se constrói em cada momento.

Dirão alguns que os encargos, o trabalho, o tempo despendido, não valavua pena, pela escassez de compensações obtidas, por um lado e, outro, pela possibilidade que poderia haver de canalizar esse dinheiro e essa energia para outras realizações. Peguemos napalavra de Luís Villas-Boas: «Estar parado é que não!» Respondamos a seguir: à partida se sabia que os resultados não poderiam ser outros. Soube-se, que o Jazz havia conquistado mais alguns adeptos. Nada nos permite, portanto, dizer que não valeu a pena.

Aos que acham que a força que ergeu o I Festival de Cascais poderia ser canalizada para outro fim direi, apenas, que foram os do Jazz a trabalhar pelo Jazz. Está certo. (O seu trabalho, aliás, poderia ser tomado, em certa medida, como exemplo por pessoas ligadas a outros ramos...)

E já que estamos a falar de trabalho, convenhamos que há de facto, um longo caminho a percorrer, desde uma preparação musical básica. E muitas outras coisas a fazer, tal como a divulgação certa da música de qualidade. Quando tudo isso estiver em marcha, quando desaparecer a irresponsabilidade na divulgação da música que quotidianamente nos é dada, talvez então se possa discutir com bases concretas sobre a oportunidade de um festival de Jazz em Portugal. Nessa altura a questão já terá de ser posta de outro modo. E não poderá ser o Jazz o fulcro do problema: discussão, aqui, significa «discussão prática» — não se trata de não fazer um festival de Jazz mas de dar categoria de festival a outras realizações musicais, como, por exemplo, à verdadeira música popular que, penosamente, se tenta fazer em Portugal. Só que, para isso, não se terá, apenas, de canalizar dinheiro e trabalho. Aí, os obstáculos são outros. E o Pavilhão dos Desportos de Cascais encher-se-ia, com toda a certeza.

Mas falava-se de Jazz e do II Festival de Cascais. Pois que venha, que seja tão importante como o primeiro e que mate a sede que tanta gente tem de música de valer apena.

(Dessedentamo-nos um pouco e ainda fica tanta sede para matar...)

**NUNO GOMES DOS SANTOS**

*Henrique Viana, Ribeirinho, Margarida Mauperrin e Vasquinho Morgado: «Os Contestatários»*

## Portugal desconhecido

Inseguro, o Verão ameaça esconder-se por trás da neblina que vem do Tejo. Embora semidespovoada com a azáfama das férias, a cidade tem ainda muito para contar: vivemos numa terra onde a noticia está menos naquilo que se faz do que nas coisas que ficam por fazer. Explico-me: falamos, por exemplo, com muito mais naturalidade e prontidão do «festival de teatro que se devia fazer» do que daquele que já pôde ser feito. Temos, aliás, razões para reagir assim: durante anos consecutivos assistimos às mais graves mistificações. Em vez de teatro popular, tivemos de nos contentar com «fantochadas» (comédias digestivas e dramas anestesiantes); em vez de cinema de qualidade, articulado com uma realidade que nos compromete e limita, fizemos das tripas coração e continuámos a consumir as obras medíocres que certos exibidores decidiam impor-tar; em vez de música séria, cruzámos os braços e aceitámos o «folclore» de certas bandas oficiais E assim se foi definindo a nossa sina: misto de expectativa e de conformismo, que constantemente nos leva a verificar que o mais importante ficou por fazer.

Embora a situação não se tenha alterado de forma apreciável notamos que aumenta de dia para dia o número das pessoas que, por esse país fora, se tentam libertar da tutela intelectual de Lisboa lutando pela dinamização cultural das zonas onde vivem. Começamos já a ver anunciados, com alguma regularidade, espectáculos teatrais em vilas e aldeias e festivais de cinema fora do circuito limitado das salas de arte e ensaio. Integrados neste processo, grupos como o Atlético de Campolide e os «Bonecreiros» preferem as feiras e os arraiais ao luxo das grandes salas de espectáculos, superaquecidas ou excessivamente arejadas. Os resultados estão à vista: de Alcobaça à Baixa da Banheira, do Barreiro a Grandola, milhares de pessoas, que nunca tinham visto uma representação teatral, presenciaram-na pela primeira vez com um entusiasmo que não deixa margem para dúvidas. Entre o «Vison Voador» e o «D. Quixote», mesmo impreparado, o habitante rural escolherá o segundo, até porque de «visons» só sabe o que a televisão lhe mostra e o que a publicidade (?) lhe sugere. À Figueira da Foz chegam, entretanto, filmes de Pasolini e de Delvaux, de Bertolucci e de Lunz, que deste modo, mesmo em regime de festival escapam ao circuito dos pequenos estúdios lisboetas.

Não se julgue, no entanto, a partir destes dados, que a situação melhorou. Nada disso: pior ainda são as falsas «noções de progresso». Na realidade está quase tudo por fazer. Mesmo assim, o trabalho realizado até agora serve para nos deixar imaginar o que pode ser a cultura popular em Portugal. É por isso que o aplaudimos e o queremos ver continuado.

**JOSÉ JORGE LETRIA**

## O mais alegre de todos os fracassos

Uma comédia desmiolada, cheia de «piadas nojentas», mal encenada, mal representada e tudo o mais que os senhores criticos afirmaram, chega hoje ao fim da sua fulgurante carreira de pouco mais de 15 dias no Villaret. Originalmente a comédia intitulava-se «Olvida los Tambores». Ribeirinho queria dar-lhe o título de «Não penses mais nos tambores», que por coincidência correspondia exactamente à sua *grande frase* do segundo acto. No fim prevaleceu o critério de quem podia realmente decidir e a peça chamou-se «Os Contestatários», em homenagem aos personagens/chave desempenhados por João Perry e Margarida Mauperrin.

Ana Diosdado, a autora, conheceu assim, no Verão alfacinha, a mesma sorte que coube em pleno Inverno a Camus, Régio, Strindberg e Tchecov. Tendo «cometido» a sinistra versão portuguesa da pecinha, estou agora, com a maior tranquilidade,a organizar um «dossier» sobre as reacções que provocou. Simples amostra: a «Flama» condenou a peça acusando a autora de ser uma «burguesinha católica e reaccionária». Partindo da «Flama», havemos de convir que a acusação é, pelo menos, surpreendente. Pior ainda: Ana Diosdado não é católica nem reaccionária. Burguesa, deve sê-lo tanto como o critico da revista que, pelos vistos, *já foi* católica.

Aguardem o «dossier». Vocês vão divertir-se tanto como o público que, no final da segunda sessão da estreia, fez subir o pano cinco vezes e não apenas uma, como escreveu, com o maior descaro, um tal senhor Perucho na revistinha «R e T», aquela das misses.

**ARMINDO BLANCO**

O BERNA EXIBE ACADEMISMO SOVIÉTICO: "A GRANDE FUGA"

# Externato Marquês de Pombal

NOVAS INSTALAÇÕES

Em edifício próprio (5 pisos)

RUA MORAIS SOARES, 93 — Tel. 820221/834658 (ao Chile — Metro: Arroios)

PREPARATÓRIO — LICEAL — INSTITUTOS

CURSO COMERCIAL

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

Externato São Vicente — Rua do Paraíso 28 — Tel. 86 41 00

Externato Álvares Cabral — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica)—Tel. 70 69 74



# FIAT PORTUGUESA, S. A. R. L.

**Informa os seus Clientes que, por motivo de férias do seu pessoal, encerra as suas oficinas do Centro Assistencial de Alfragide, durante o período a seguir indicado:**

**—de 11 a 29 de Agosto de 1972**

**No entanto, lembramos aos nossos Clientes que durante o período de encerramento, continuam ao vosso inteiro dispor as oficinas da nossa organização:**

## AUTO DINIS DE ALMEIDA & FREITAS, S. A. R. L.

Rua Andrade Corvo, 15 e 15 A — Tel. 4 13 91 - 4 71 79

Rua dos Lusíadas, 6 A e 6 B — Tel. 63 88 26 - 63 74 55

## CARLOS EDUARDO TROVÃO

Avenida Marconi, 8 A e 8 C — Tel. 73 13 62

## ELECTRO CENTRAL VULCANIZADORA, LDA.

Rua de St.º António à Estrela, 31 A — Tel. 67 10 91

## FÉNIX

Rua Palmira, 62 — Tel. 84 41 69

## GAROL - Garagem e Oficinas de S. Sebastião, Lda.

Rua Filipe Folque, 10 L — Tel. 5 73 96



# MOCAR, S. A. R. L.

## PEUGEOT — ALFA ROMEO

Ex.mos Clientes,

Durante o período de férias que fica compreendido de 31 de Julho a 1 de Setembro inclusive, as nossas Oficinas de Assistência:

N.º 2 — Alam. das Linhas de Torres, 157-A

N.º 3 — Rua Luciano Cordeiro, 79 A, B e C

N.º 4 — Rua dos Soeiros, Lote B-2

encontrar-se-ão encerradas, mantendo-se porém em serviço a nossa Oficina de Assistência:

N.º 1 — Rua D. Luís de Noronha, 40

aonde estaremos ao Vosso dispor.

MUITO OBRIGADO



PARA REPRESENTAR PORTUGAL NO VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

.....

Envie por correio ou entregue pessoalmente no «Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA


# AINDA ONZE DIAS PARA VOTAR

Os leitores do «Diário de Lisboa», que tão bem têm sabido corresponder à nossa iniciativa — a escolha, por escrutínio popular, de um representante da canção portuguesa para participar no VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro, têm, ainda, onze dias à sua frente para continuar a enviar votos para o intérprete que, por uma razão ou por outra, seja, no seu entender, o mais indicado para estar presente num certame de canções com a importância do F.I.C. O prazo termina no próximo dia 10 de Agosto.

Como habitualmente, publicaremos amanhã a votação correspondente à última contagem de votos. Lembramos entretanto os nossos leitores que a classificação dos dez primeiros é a seguinte: José Afonso (1.º) e, depois, até ao 10.º, Duarte Mendes, José Cid, Humberto de Mascarenhas, Maria de Lourdes Resende, Isabel Fontes, Paco Bandeira, José Jorge Letria, Carlos Mendes e António Calvário. Na última classificação publicada pelo «DL» verificou-se que os primeiros doze da tabela tinham mantido as suas posições relativamente à classificação anterior. Tudo leva a crer que essa situação não se mantenha por muito mais tempo. Amanhã, aliás, já poderá haver uma ou outra alteração, quem sabe?

Prosseguem entretanto os trabalhos referentes à canção que Paulo de Carvalho leva ao Rio. Como é sabido, Paulo foi o intérprete escolhido pela organização e a sua canção está a ser preparada por Pedro Osório (música) e José Niza (letra). Recordemo-nos das palavras de Paulo de Carvalho: *«A música é muito boa»*. Na altura, já Pedro Osório tinha concluída a primeira parte do trabalho.

Portanto, a primeira garantia de qualidade está dada: nomes como os de Paulo de Carvalho, Pedro Osório e José Niza não necessitam de mais apresentações. Por outro lado, os nomes que encabeçam a votação do «DL» são outra garantia de qualidade. Este ano teremos, com toda a certeza, uma excelente representação portuguesa no Festival do Rio.


# NATIONAL PANASONIC

# há alguma novidade?

**Há, sim senhor: o gravador de cassetes com AUTO STOP da NATIONAL.**

Da qualidade já não é novidade. O que é novo no mundo dos gravadores é o AUTO STOP, um dispositivo que desliga automàticamente o gravador quando as cassetes chegam ao fim. — Para quê?

Para evitar que as pilhas «morram» porque V. se esqueceu de o desligar...

Para evitar que a fita magnética da cassete, sujeita a uma pressão constante e desnecessária, corra o risco de se avariar.

Para evitar o desgaste prematuro das peças do gravador.

sonipol LISBOA · PORTO

NATIONAL

# CALORIAS ASSASSINAS

**A prosperidade moderna encoraja abundantes colheitas de gorduras e dois terços daquilo que comemos ajudam os médicos a viver. As pessoas comem até ficar doentes. Portanto, passe-se fome para se ser feliz.**

*Mais trinta quilómetros de veias*

**«Estais a ajudar a cavar as sepulturas dos vossos familiares»**, avisa um perito de nutrição, dirigindo-se às donas de casa. Ele quer referir-se ao facto de estarmos a ingerir calorias em doses enormes e de a gordura matar. **«A obesidade é, talvez, a forma mais insidiosa de alimentação deficiente»**, diz um outro perito. Porém, considera, também, um futuro bastante severo quando a alimentação vier a ser tão apetitosa como uns comprimidos de aspirina — irremediàvelmente sem apelo. Estas tristes dietas de pílulas têm de ser suplementadas como «enganadoras» refeições em que se oiça o crepitar e se sinta o gosto de um verdadeiro bife com batatas fritas — gosto apenas, porque serão totalmente isentas de calorias como valor alimentar.

Mastigar esses saborosos sintéticos não será mais essencial do que ler o jornal ou assistir a programas de televisão — tão-pouco fará engordar mais do que aquelas distracções. Nutrição, mas exactamente a suficiente, passará a ser administrada em pílulas. Na verdade, estes maravilhosos substitutos dos alimentos ainda não foram desenvolvidos, e, assim, continuamos o jogo voraz de ingerir demasiado alimento verdadeiro.

O homem médio ingere hoje mais cerca de vinte e cinco litros de cerveja por ano do que ingeria há seis anos. Se um homem tem um excesso de peso de cerca de 12 quilos aos 45 anos, a sua vida tem toda a probabilidade de ser reduzido de 25 por cento. Um médico especializado em nutrição diz: **«Uma terça parte do que comemos permite-nos viver — duas terças partes permitem que os médicos vivam»**. Uma outra autoridade afirma que a maioria de todos nós deveríamos reduzir a quantidade de alimentos ingeridos em vinte e cinco por cento.

Não se sabe suficientemente a respeito da nutrição, apesar do enorme **record** de alimentação da raça humana. Os investigadores não conseguem encontrar gente suficiente que esteja disposta a submeter-se a dietas reduzidas e prolongadas. Mesmo para aqueles que não querem comer em demasia, a variedade dos alimentos é o condimento da vida. Como resultado: não há voluntários. Um facto ressalta claramente, apesar de tudo. Alimento em demasia é tão perigoso como muito pouco alimento. Quando alguém tem um excesso de peso de 15 quilos, quer isto dizer que acrescentou trinta quilómetros de veias extras no seu corpo. Isto exige um tremendo esforço ao coração. Ataques de coração e outras desordens circulatórias afligem as pessoas que têm excesso de peso. As pessoas gordas são, também, alvos fáceis para diabetes, artrite, gota e os mais variados distúrbios no fígado e vesícula.

Depois, há os problemas emocionais e sociais enfrentados especialmente por aqueles que têm um grande excesso de peso. Os médicos modernos estão prestes a fazer ir pelos ares o mito de que o homem gordo é homem feliz. Recentemente, um médico canadiano afirmou numa conferência: **«Nunca tive um cliente obeso no meu consultório que não acabasse por chorar durante a primeira consulta.»**

O caso da senhora Marie Peterson mostra o patético de se ser gorducho. Trata-se de uma novaiorquina de 146 quilos de peso que foi notícia quando um juiz lhe ordenou que perdesse quilo e meio por semana até conseguir baixar o peso para 95 quilos. Ela havia ameaçado um polícia com uma faca quando aquele tentara por termo a uma luta entre Marie e uma outra mulher. Marie disse ao juiz que não podia pagar uma multa de cem dólares que ele lhe havia aplicado porque estava desempregada. Explicou depois que não conseguia arranjar emprego. Ninguém a queria por causa do seu peso.

Há relatórios que provam que nove de cada dez pessoas gostariam de ser mais magras. A Associação Nacional de Auxílio a Pessoas Obesas representa uma posição defensiva comum de um grupo minoritário. Gordura é formosura, dizem eles muito pouco convincentemente. A associação luta, talvez justamente, contra as piadas e a descriminação contra a gente gorda. Assim, o Poder Gordo juntou-se às fileiras de protestos já avolumados pelo poder negro, pelo movimento de libertação feminina, pelo poder jovial e por um que acaba de começar — o poder das flores.

Não havia por certo felicidade alguma para o inglês Arthur Armitage antes de ter perdido perto de 120 quilos num ano. Certa vez, o solteirão de 41 anos e 257 quilos de peso, bebeu cerca de 12 litros de cerveja numa noite acompanhados com pão e batatas fritas. Não era capaz de caminhar até ao portão do jardim sem sucumbir de cansaço. Logo que reduziu o seu programa alimentar para um ovo cozido ao almoço e uma peça de peixe ao jantar, os quilos começaram a desaparecer em avalanche. **«Passe fome e seja feliz»**, foi o seu primeiro conselho aos colegas gordos no aniversário da dieta.

O que é que faz com que o peso suba dessa maneira? Porque é que as pessoas comem até ficar doentes? As respostas não são tão simples como se possa imaginar. As dificuldades, sob a forma de alimentação deficiente, começam frequentemente à nascença. A criança média de um ano de idade pesa hoje aproximadamente um quilo mais do que o seu coetâneo de há 35 anos.

Um pediatra faz notar severamente que a alimentação excessiva está **«a transformar o obsoleto em crianças da mesma maneira que os fabricantes o transformam em carros»**. As investigações efectuadas mostram que os adultos com problemas de peso tem muito mais dificuldade em emagrecer se foram crianças gordas. Há provas de que os hábitos de alimentação são herdados ou, pelo menos, imitados, pelas crianças. Os pais cuidadosos na maneira como se comportam na presença dos filhos, talvez fizessem melhor em cuidar da maneira como comem na presença dos filhos.

Um dos mais comuns incentivos para comer em excesso é o **«comer em associação»**. As pessoas criam o hábito de comer enquanto fazem qualquer outra coisa. Estes hábitos tornam-se tão automáticos que a vontade interior de comer nada tem a ver com eles. Muitos obesos mastigam em frente ao aparelho de televisão. Este esmagar mecânico de calorias é especialmente perigoso porque, frequentemente, acontece sem uma completa consciência. As donas de casa ingerem, muitas vezes, uma dose importante de calorias durante as «provas» enquanto preparam as refeições. Outras aproveitam as migalhas que ficam depois do jantar. O hábito devia ter começado com uma sensação de culpa relativamente ao desperdício de comida. Porém, termina normalmente com um muito maior problema de desperdício.

Os maridos que têm questiúnculas contínuas com as suas mulheres gordas, estão a pedir mulheres ainda mais gordas. Os psicologistas afirmam que o questionar contínuo as torna mais gordas e mais pesadas. Muitos homens, ao que parece, querem que as suas mulheres sejam pesadas. Uma mulher gorda ficará em casa e tratará de si, teòricamente. Muitos homens pensam, secretamente, desta forma, dizem os médicos, mas, frequentemente, os maridos escondem a ideia no subconsciente. Uma esposa gorda fá-los sentir seguros.

E que se passa com os verdadeiros campeões da gordura? O facto estranho é que não é a fome que os faz comer. Factores externos esti-

**Por TIM LEACH**

**Exclusivo CAMARA PRESS/«DL»**

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO
E ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES
ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA
SHARVEN-FRANCE
Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-5
Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.
Se tem 20 000$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.
DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE
QUEIRAM ENVIAR-ME SEM COMPROMISSO INFORMAÇÕES DETALHADAS
Nome .....
Morada .....
Telef. .....
D. I.

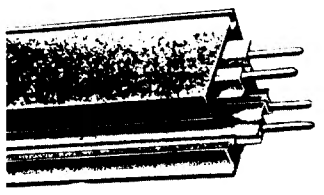
IPAVIL
«PREPARAÇÃO PARA OS EXAMES DE 2.ª ÉPOCA»
Cursos intensivos nos meses de Agosto e Setembro, orientados por professores do Liceu Francês Charles Lepierre:
**Informações:** Av. Almirante Reis, 63-1.º
Telefone 45293

SALDOS
NA QUADRANTE
LIVROS BRASILEIROS
DE ECONOMIA, DIREITO E SOCIOLOGIA
AGOSTO / SETEMBRO

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

Passe o VERÃO mais ATRAENTE com BIQUINIS ou FATOS DE BANHO da
Loja da América
Rua do Ouro, 208
Telef. 321764

PREÇOS ACESSÍVEIS

CANALIZAÇÕES ELÉCTRICAS
PRÉ-FABRICADAS

DOMÉSTICAS COMERCIAIS INDUSTRIAIS

JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

*O controlo diário defende a saúde*

mulam a sua gulodice. O cheiro, gosto ou vista da comida, mais do que aquela sensação de vazio, roedora, a que chamamos «fome», é que, frequentemente, acorda o seu desejo. Ora, a comida pode acalmar as frustrações emocionais. Porque não é a fome que desencadeia a superalimentação compulsiva, as pessoas gordas acham mais fácil omitir várias refeições do que as pessoas magras — pelo menos se as gordas se mantiverem afastadas dos cheiros ou paladares que as incitam a começar.

Uma estranha forma de alimentação compulsiva tem provado ser uma trágica assassina. Estes desejos de comer chamam-se «apetites» e incidem sobre um determinado alimento. Uma vítima dos «apetites» come dez molhos de aipo por dia. Uma outra mastiga 12 embalagens de pastilhas elásticas por semana. algumas chegam a comer barro. Já têm morrido algumas crianças porque o seu «apetite» as levou a comer a cobertura de tinta à base de chumbo que se desprende das paredes! Muitas pessoas são insaciáveis comedores de gelo. Uma deficiência em ferro, fàcilmente curável, está por detrás de todos estes estranhos hábitos gostativos.

A prosperidade e um modo de vida cada vez mais cheio de ócios são condições que animam o aumento da recolha de banhas. Porém, a prosperidade pode proporcionar um arsenal de armas para o controlo do peso. Saunas (banhos de vapor) são um dos últimos êxitos. O equipamento vai da variante doméstica para duas pessoas, até aos modelos de luxo encontrados nos institutos de beleza. Muita gente da classe média está a tomar banhos de vapor com equipamentos que costumavam ser brinquedos sòmento da gente rica. Os institutos de beleza e balneários estão a extrair mais quilos de gordura excedente do que nunca. Para os envergonhados que não querem eliminar os quilos a mais na presença de terceiros há uma porção de peças de equipamento a preços módicos para uso na intimidade do lar.

As drogas para perda de peso, as anfetaminas, já não podem ser receitadas às pessoas gordas. Actuam como supressoras do apetite, mas também levam o paciente em dieta, comedor de comprimidos, ao hábito. São boas, mas conduzem à habituação. A ideia é afastar as pessoas do hábito de comer, mas não as levando a cair no hábito do medicamento. As dietas são ainda o lento mas firme caminho para perder peso e há milhões delas. Uma boa porção de alimentos de «baixas calorias» torna as coisas um pouco mais fáceis, porém, há que ter cuidado com propagandas enganadoras. Palavras como «elegância» e «sem açucar» não significam necessàriamente baixas calorias. Um hospital de Filadélfia adiciona suplementos alimentares às dietas de café e chá. Os resultados são dramáticos — até os gorduchos recuperados sairem do hospital. Dois terços voltam a comer de uma forma suicida.

Alimentos ricos em gorduras animais são os piores inimigos: manteiga, creme, queijo, leite, ostras, mariscos, presunto, borrego e gorduras animais cozinhadas. Carbo-hidratos ricos em energia, vêm em segundo lugar na lista das coisas que mais é preciso evitar: açucar, doces, bolos, biscoitos, pão e cereais. Depois de uma refeição saturada de alimentos gordos, faça-se um longo passeio. Os exercícios pesados não são aconselháveis para perder peso. A duração é mais importante do que a intensidade. Entre as idades de 25 e 35 anos situa-se a década perigosa para os homens.

Um homem moderadamente activo, de altura média, deveria comer entre 2200 e 2900 calorias diárias na idade de 25 anos. As mulheres da mesma categoria parece necessitarem entre 1600 e 2100 calorias diárias. Normalmente, 100 calorias a menos por dia equivale à perda de cerca de meio quilo ao fim de um mês. Em termos de comida, isto traduz-se por quatro torrões de açucar, uma fatia de pão com manteiga, uma mão cheia de amendoins ou uma tijela de leite com flocos de cereais. Recentes investigações puseram a descoberto uma feliz constatação: as batatas, sem manteiga ou molhos, não contêm mais calorias do que as maçãs. O homem que o demonstrou merece uma medalha. Ele comeu uma porção de batatas correspondente a um ano em 22 dias.

Os factos médicos apontam para um conselho que serve para prolongar a vida: as calorias contam, portanto, conte as calorias.

# MAIS ESBELTOS COM O COSE-ABDOMEN

De aspecto é uma coisa intermédia entre uma tesoura de trinchar aves e uma máquina de costura de mesa: «E, com efeito, funciona um pouco como estes dois instrumentos em conjunto», explica Mario Giordani, de 45 anos, romano, um dos mais conhecidos cirurgiões italianos, especialistas do aparelho digestivo, que fez propositadamente uma viagem ao Japão, a Tóquio exactamente, para comprar (preço: cerca de nove mil contos) a «cosedora Nakajama», um instrumento cirúrgico revolucionário que corta sutura num espaço de tempo brevíssimo, evitando qualquer perda de sangue. Giordani, que é um dos pouquíssimos médicos do mundo, excluindo os japoneses, que adoptou a cosedora, afirma que o aparelho «**representa o futuro da cirurgia, a passagem do artesanato à automatização**».

*O prof. Mário Giordani com a cosedora Nakajama, de invenção japonesa, que mantem juntas as bordas da ferida durante a intervenção cirurgica e depois volta a cosê-las automàticamente*

Quando uma parte qualquer do abdómen tem de ser cortada, a cosedora mantém unidos os bordos da ferida durante a acção do bisturi, impedindo o sangue de sair e aplica automàticamente micropontos de prata (custam cerca de vinte escudos cada série, bastante menos do que o material usado normalmente nas operações): «**Uma sutura perfeita**», diz Giordani, que, com este sistema já efectuou mais de 40 intervenções. Evitam-se, assim, as transfusões de sangue, não se tocam com as mãos (**«instrumentos inevitàvelmente imperfeitos»**) as partes a operar e, sobretudo, reduzem-se os tempos da intervenção. Para uma operação que requeria habitualmente uma hora e meia bastam, com a cosedora, quarenta minutos.

Parece não existirem contra-indicações para o uso do novo instrumento inventado e posto a funcionar pelo professor Komei Nakajama, de 62 anos, director do Instituto de Gastroenteralgia do **Tokio Womwn's Medical College,** um dos cirurgiões do abdómen mais famosos no Japão e no mundo (um seu livro foi já traduzido em sete línguas)

Embora, à parte Giordani, pouquíssimos outros cirurgiões tenham adoptado a cosedora, sabe-se que em França e na União Soviética estão em fase de estudo protótipos para a imitar e aperfeiçoar.

## Marlene canta em alemão

BERLIM — Marlene Dietrich canta em alemão os seus principais êxitos em disco gravados recentemente. Naturalmente, inclui a famosa «Lili Marlene» e «Miss Otis Regrets», de Cole Porter.


**COLABORE COM AS AUTORIDADES E PROTEJA O SEU AUTOMÓVEL!**

**GANSO**

20 CARROS POR DIA FURTADOS EM LISBOA

**AUTO ALARME**

VIBRATÓRIO

(GARANTIDO POR 1 ANO) Ref. 33 801

A Polícia Judiciária aconselha

«DEVE-SE INSTALAR UM SISTEMA DE ALARME SONORO NO CARRO QUE... SÓ SERÁ VÁLIDO SE SE LIGAR CONVENIENTEMENTE AO SAIR».

PROTEJE: CARRO — PNEUS — RÁDIO — ACESSORIOS — OBJECTOS NO CARRO

BAPAL

LOJA 1 — RUA DAVID DE SOUSA, 19-A
LOJA 2 — AV. ÓSCAR MONTEIRO TORRES, 35-A
LISBOA — TEL. 762128

(DESCONTOS ESPECIAIS PARA REVENDA)

DL/DOMINICAL

## EUROPA EM 1975

# A NECESSIDADE DE NOVIDADE

**A Europa estende-se até ao Elba, até ao Ural ou até ao Ussuri? Em que língua fará o Homem europeu as suas exigências? Porque, pode-se estar certo disso, ele não deixará de as fazer. A quem endereçará ele as ditas exigências? A um «governo europeu» ou a uma potência hegemónica? Basta de perguntas incómodas. É escusado fazê-las no futuro; como os futurólogos, quando se trata do Homem é sempre o passado que responde. Diz que o Homem — o de Roma e o da Grécia, do Renascimento, o godo, os outros, e até o Homem moderno — nunca passou de uma variante moral, estética ou, muito simplesmente, de estilo, em relação a um só e mesmo tipo. Por este facto, o «homem europeu» — qualquer que ele seja — não exige quase nenhuma investigação. Para o essencial, já deve existir. O que é que pode distinguir das variantes anteriores?**

### UM DESEJO INDOMÁVEL

O que ele tem de novo, é o seu desejo de novidade. «**O mundo está repleto de um desejo indomável de novidade, cheio de uma ideia obcecante de modificação, de progresso**», notava já Robert Musil em 1922, e este conceito deveria manter aquele em que o poder continuar a pertencer ao capital e aos meios de comunicação de massa. Estas duas forças apoiaram-se em tudo o que era novo para o fazer prosperar, e marcaram profundamente o nosso cérebro com os seus interesses. Até ao momento de se eclipsarem, somos modernos.

O «**homem novo**», ou o «**homem europeu**» futuro, não acredita na Natureza. Não crê na cultura nem em si próprio, pois o homem presente já não faz nenhum caso disso. Ainda se podia fazer caso disso no século XIX. Que auxiliares tem? A razão? Ele também já não acredita nela, pois, entretanto, tornou-se evidente que a razão não pode criar nem a ordem moral nem a ordem social capazes de merecer uma adesão leal. Uma adesão sentimental, esquecida das suas exigências, não é suscitada pelas inovações ou pelas informações. A razão só é capaz de apresentar arranjos utilizáveis. O progresso, esse, significa a substituição das instituições cujos defeitos são conhecidos por outras instituições cujos defeitos não são ainda conhecidos.

O limite deste progresso reside no facto da Pequena Europa (aquela que vai até ao Elba) não estar na posse das tecnologias mais interessantes, pois ela está excluída das grandes aventuras espaciais e forma, de certo modo, o consórcio dos deixados por conta. Ela desempenha o papel que outrora foi desempenhado pelo império alemão. De resto, de 1914 a 1945, ele próprio se desfez, e existe na História uma determinada instância que não esquece nunca nada, mesmo quando não sonha com nenhum acontecimento preciso. Com o pressentimento da sua existência apressamo-nos para o futuro, e o excesso de pressão que se exerce sobre nós, liberta-se na vacuidade. Ninguém quer a estabilidade, a exploração dos valores, a expansão. Todos querem algo de novo.

Como se sabe, é preciso dizer sempre algo de construtivo. Eis, portanto, algumas suposições positivas. O europeu da época futurista terá um porte médio de 2 metros e casará duas vezes durante a vida. Será portador de um sinal, tatuado sobre o peito, que garantirá a sua identidade, um «E» seguido de um número de nove algarismos. Vertir-se-á com tecidos recentemente descobertos, leves como penas e à prova de balas, em todas as cores da moda. Deambulará, sereno, mas com uma certa prudência doentia, pelos locais do seu lugar de residência que as guerrilhas urbanas terão ocupado. Quanto ao nome de «homo sapiens», para quê modificá-lo?

# ABAIXO O MELTING POT

**A Europa, diria eu, para mim — pelo menos o seu centro é a área aonde reinam os ideais da cultura francesa. Històricamente, não a faço remontar muito longe no tempo: penso que a Europa foi criada por uma conjugação da Revolução Francesa de 1789 e do Congresso de Viena, aonde foi decidido que ela não seria dominada pelas baionetas francesas.**

Nesta área, a população, para o seu conjunto é, quer católica, quer anticlerical (até mesmo as duas coisas ao mesmo tempo), quer ateia. O anti-semitismo — ai de mim! — pode insinuar-se aí, mas não se encontram «ghettos». Há uma classe de camponeses, proprietários das suas terras, que é poderosa no plano político, e vêem-se poucas barreiras. O vinho e o café são as bebidas correntes. O material fixo das casas de banho inclui um bidé, mas só os «palaces» fornecem sabão. Nos hoteis é preciso dar-se a conhecer, na ocorrência, pelo passaporte ou outro documento de identidade. Os teatros líricos abundam. Contràriamente ao que se passa nos Estados Unidos, tem-se à disposição uma rede ferroviária ainda excelente; contràriamente ao que se passa em Inglaterra, é possível conseguir que sirvam bebidas a qualquer hora do dia ou da noite. De tudo isto resulta que os países protestantes, como a Prússia e os países escandinavos, e também a Grécia, com a sua Igreja ortodoxa, estão à margem desta referida Europa. Tanto como os ingleses que, até agora, nunca se «sentiram» europeus, com excepção de alguns intelectuais que lêem a literatura do Continente em traduções ou no texto original, e que possuem algum conhecimento de uma ou das duas línguas que aí se praticam, e um punhado de aristocratas entrados, por aliança, nas grandes famílias europeias. A maioria dos ingleses «vai ao ultramar» quando visita o Canadá ou a Austrália, e «vai ao estrangeiro» quando atravessa a Mancha.

Quaisquer que sejam as objecções que possam ser levantadas pelo homem da rua, na Grã-Bretanha, contra a adesão do Reino Unido ao Mercado Comum, eu suponho-o a procurar dar uma forma racional ao deplorável preconceito segundo o qual os europeus não pertencem completamente à raça branca. Donde vem, exactamente, este preconceito, ignoro-o. É evidente que ele não podia existir na cristandade da Idade Média, mas estou certo de que causava sevícias no século XVIII.

Nada percebo de economia e, portanto, não faço a menor ideia das repercussões financeiras que se verificarão sobre a Grã-Bretanha em virtude da sua entrada para o Mercado Comum. Não obstante, sou um caloroso partidário desta adesão, pois penso que a classe trabalhadora britânica não se curará nunca da sua insularidade enquanto não tiver experimentado os estaleiros da Europa. É impossível exercer uma profissão num país estrangeiro sem apanhar algumas frases da sua língua, sem travar conhecimento com alguns autóctones e sem lhes levar, também, qualquer coisa. Pelo meu lado, estou muito reconhecido aos trabalhadores turcos e jugoslavos que afluiram há pouco tempo à Áustria: os austríacos detestam o borrego, que é a minha carne preferida, e eu tive dificuldade em a encontrar durante a minha primeira estadia na Áustria. Actualmente, é bem mais fácil.

Em contra partida, e por muito rentável que seja, o turismo em nada contribui para melhorar a compreensão mútua. Os turistas mais bem informados interessam-se exclusivamente pelos tesouros de arte ou pelos locais pitorescos e não mostram curiosidade pelos indígenas. Quanto aos que exaltam o turismo dito «do número», não têm interesse absolutamente por nada, nem tão pouco pela cozinha local.

### AS DUAS INVENÇÕES MAIS PERNICIOSAS

Se se quer especular sobre o futuro, o da Europa ou o do mundo em geral, os receios levam, no entanto, às esperanças. Na minha qualidade de poeta, amo a diversidade. Em poesia, graças a Deus, não é preciso haver, como na arquitectura, digamos, um estilo internacional. Não é maravilhoso que, por exemplo, um poeta alemão possa, na sua língua, orientar efeitos que eu, em inglês, cou incapaz de obter, e vice-versa? O pior que pode acontecer à Europa, quanto a mim, será tornar-se um «**melting pot**», um cadinho no qual desaparecessem as diferenças culturais. Ora, quem ousará sustentar que é impossível? Penso que as duas invenções tecnológicas mais perniciosas até agora verificadas, foram o motor de combustão interna e a máquina fotográfica, e que esta última é a pior das duas. Com efeito, é-me permitido antever o momento em que as gentes acharão tão intolerável o engarrafamento da circulação, que exigirão a substituição do automóvel a gasolina por um veículo eléctrico que não polua o ar e que rode à velocidade de 30 quilómetros por hora (um andamento mais rápido deteriora o ser humano). Porém, neste impulso, sou incapaz de ver o fim da publicidade fotográfica ou da televisão, que estão em vias de criar uma cultura de massa à escala mundial.

A Europa que eu conheci adolescente, e que aprendi a amar, ainda é reconhecível a despeito de todas as perturbações. Possa ela continuar a sê-lo ainda durante muito tempo!

DL/DOMINICAL EXCLUSIVO

# HÁ QUARENTA ANOS NASCEU O "BALILLA"

Por **SILVIO BERTOLDI**

**O autor deste artigo reevoca a época em que nasceu e se afirmou um dos mais populares automóveis, o Fiat 508, apresentado em Abril de 1932, como o primeiro «utilitário» italiano.**

Apresentaram-no em 1932 no Salão Automóvel, que agora tem lugar em Milão e não em Turim, durante a Feira de Amostras. Custava nove mil e novecentas liras o tipo «spider» e dez mil e oitocentas liras o tipo berlina. Podia percorrer cem quilómetros com sete litros de gasolina, tinha quatro cilindros, três velocidades, 995 centímetros cúbicos de cilindrada. Lançado a toda a velocidade atingia os 80 quilómetros à hora e em percursos mistos era capaz de manter, durante longas distâncias, uma media de sessenta. Primeiro automóvel utilitário italiano, era construído pela Fiat e trazia um nome claramente preparado para uma manobra de relações públicas, na primeira década do fascismo. Chamava-se Balilla.

Não sei o que, hoje, este nome possa dizer aos leitores especialmente aos que nasceram depois da Segunda Guerra Mundial. Talvez nada. O que pode significar agora um modelo de automóvel, quando aparecem dois ou três novos modelos todos os anos? Quando é clamorosamente ultrapassada a concepção da máquina, em função de **status symbol**, de elemento de qualificação social, e, pelo contrário, se faz uso dela (e se deita fora) como se fosse um par de sapatos?

Mas, para a geração que tinha quinze ou vinte anos em 1932, o Balilla representou (e na nostalgia dos últimos sonhos continua a representar) um estágio da vida, uma espécie de personificação mitológica da juventude perdida, o metafísico objecto que serviu para identificar e perseguir uma ambição concreta, a aspiração para se libertar das dificuldades de uma condição de subdesenvolvidos, para entrar no movimento autêntico do mundo moderno. Finalmente, a liberdade de dispor de si mesmo e das coisas, um arrebatamento.

Parecem palavras bombásticas. Mas, de facto, a geração de que falo, viveu anos agitados, esperando chegar a possuir aquele automóvel que deveria ter sido universal e continuava a ser o de uma classe social: a sentir-se orgulhosa de participar, senão das comodidades difícilmente atingíveis, pelo menos na glória nacionalista; a interpretá-lo como uma espécie de símbolo de prosperidade (fictícia) para um povo atrasado e econòmicamente inerte, mas quase revolto pela retórica da «ressurreição» politica.

*O primeiro Balilla na Praça de S. Pedro, em Roma, em 1932. Com uma cilindrada de 995 cm3 atingia os 80 quilómetros à hora.*

Durante anos, naquele tempo de meio fascismo e de meio tudo (meios ganhos, meio decoro, meias loucuras), o Balilla mostrou aos italianos o que eles poderiam ter sido, graças a ele, graças ao esforço para chegar a ele. Tinha nascido, como escreveu, então, uma revista especializada em automobilismo, **«para sair de uma situação crítica»**, e acrescentava: **«é necessário, antes de mais, um acto de força que decida o início do ressurgimento»**. Este acto de força num país que possuía apenas a força da conversa fútil, era exactamente a oferta de um bem quimérico, porém, vendido a um preço largamente acessível.

O bem quimérico, então, era o automóvel, objecto de luxo, raríssimo nas estradas italianas e, no entanto, já vitorioso e difundido no estrangeiro. A grande manobra propagandística e comercial consistia em conseguir construir um carro para ser vendido por pouco dinheiro, embora possuindo os requisitos sem os quais nada agrada aos italianos: a elegância de linha, a beleza «estética», as qualidades exteriores. A Fiat tentou, quando meteu ombros a este trabalho, fazer pela Itália qualquer coisa de semelhante àquilo que havia sido feito nos Estados Unidos pelo conhecido Ford T, ou seja, o carro que, de improviso, fizesse o milagre da motorização geral.

É apresentado um belo automóvelzinho, não grande, de linhas clássicas e sérias, de cor negra. O famoso piloto de ensaios Salamano apresentou-o aos jornalistas na rampa do castelo de Avigliana, em Val di Susa, espantando os presentes pela facilidade e força de subida da nova criatura. Os jornalistas, de guarda-pó e polainas, olhavam admirados aquele quatro lugares de dimensões revolucionárias, mas clássicas (quando fora anunciado um utilitário, muitos haviam acreditado que se tratasse de uma espécie de triciclo ou, no máximo, de um ou dois lugares com um motorzinho de motocicleta): tinha os guarda-lamas como se usavam então, a roda sobressalente encaixada no guarda-lamas direito, os faróis destacados da carroçaria, o pára-brisas móvel, um único e pequenissimo limpa-vidros, nenhuma mala para a bagagem e também nenhum sinalizador (pisca-pisca ou seta) de direcção.

Comparado com o Fiat mais famoso que o havia precedido, e ao qual — pelo menos sob o aspecto de novidade revolucionária — podia ser equiparado, isto é, o «Zero», o progresso conseguido era enorme. O «Zero», nascido em 1913 e ainda em circulação em 1932, não tinha instalação eléctrica nem acessórios, era descoberto, possuía travões apenas às duas rodas, atingia, no máximo, 65 quilómetros à hora e custava tanto como seis mil e oitocentas liras. A todos, pois, imediatamente, o Balilla apareceu como uma jóia. E pareceu uma jóia até no estrangeiro.

Deveria ter sido, e num certo sentido foi, o carro da família italiana. Nos anos seguintes, uma canção popularíssima se fez ouvir em pleno estio, com aquele irónico estribilho: «...sulla vecchia Balilla s'avanza, la famiglia Brambilla in vacanza...» (... com o velho Balilla avança, a família Brambilla em férias...). A família Brambilla era o «quadro» milanês: mãe e filhos, apinhados às costas do respectivo marido e pai, furioso por se sentar ao volante e pilotar, levando a afeiçoada tribo, debaixo de uma soalheira poeirenta, até às pérgolas do lago de Como, nas primeiras afoitas excursões dominicais. Um orgulho libertador, um impulso de prestígio: mas quantos, na realidade, podiam permitir-se esse luxo?

O facto de ser a família Brambilla a ir para férias de Balilla, parece já indicativo: gente de Milão, a cidade mais rica onde o dinheiro tinha mais circulação e os ganhos eram mais altos. Mas, fora de Milão? Juntamente com aquela outra já citada, os italianos cantaram — e não em 1932, mas sete ou oito anos depois — uma canção igualmente popular e alusiva, que dizia: «Se pudesse ter mil liras por mês...». O sinal da maior aspiração económica, o ideal inatingível, a sistematização definitiva e total: qualquer coisa bastante semelhante ao milhão hodierno, o acesso ao reino dos **happy fews**, ao bem-estar.

Mil liras por mês! Poucos

**Engenheiro Químico**

**ou**

**Agente Técnico de Química**

**PRECISA**

**Empresa em fase de desenvolvimento a 100 km de Lisboa, para Director de Producão.**

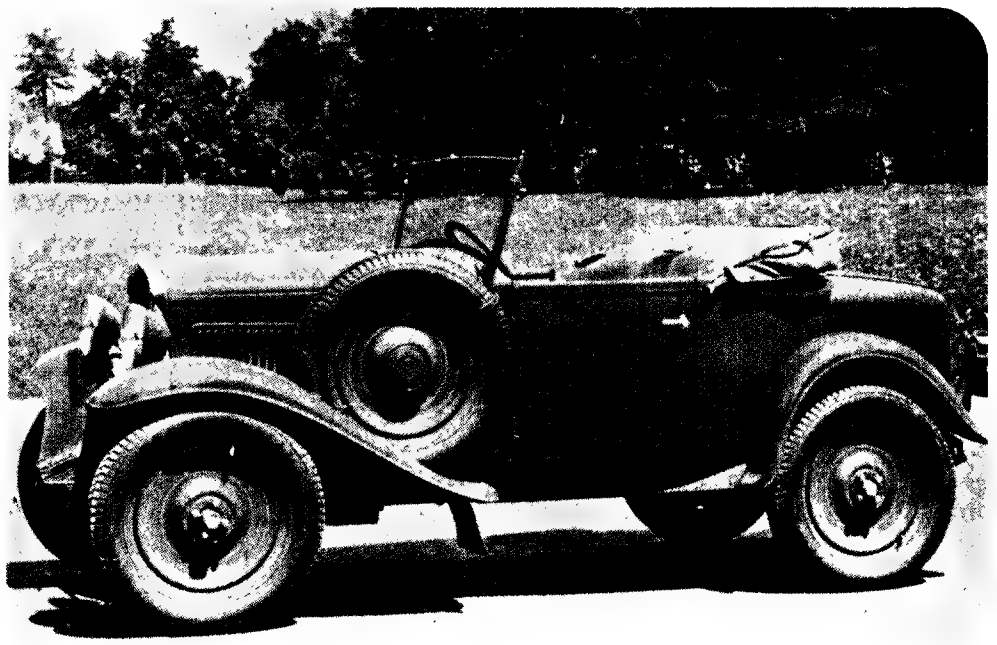
**— Enviar «Curriculum Vitae».**
**— Indicar vencimento pretendido.**
**— Excelentes possibilidades de promocão.**
**— Bom ambiente de trabalho.**
**— Com conhecimentos de inglês e francês.**

**Resposta a este jornal ao n.º 605.**

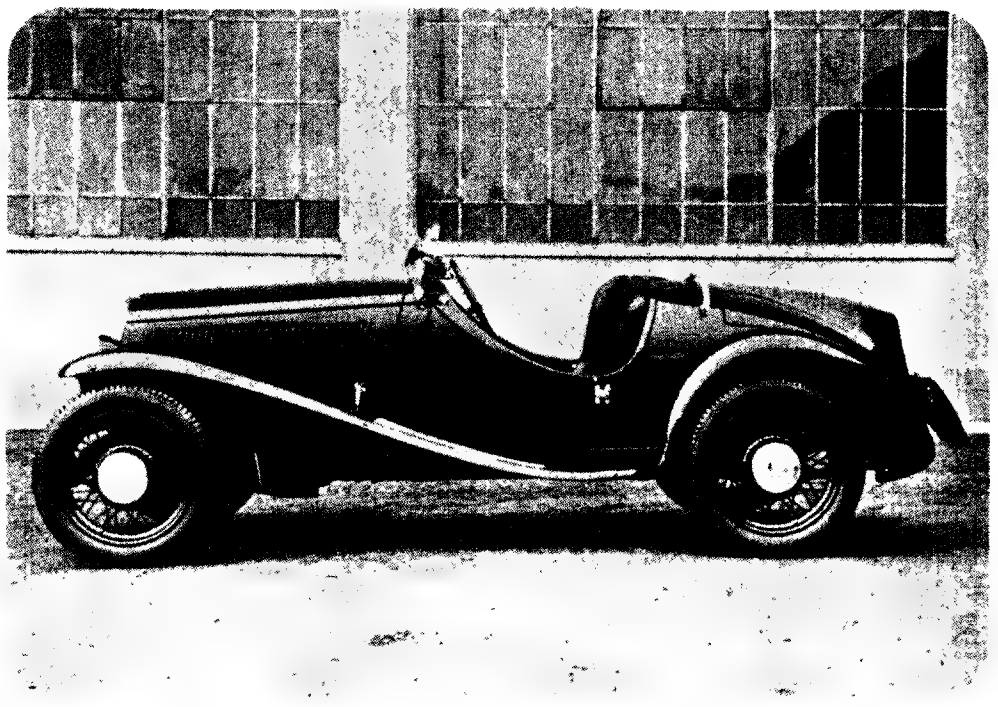
# HÁ QUARENTA ANOS NASCEU O "BALILLA"

Continuação da página anterior

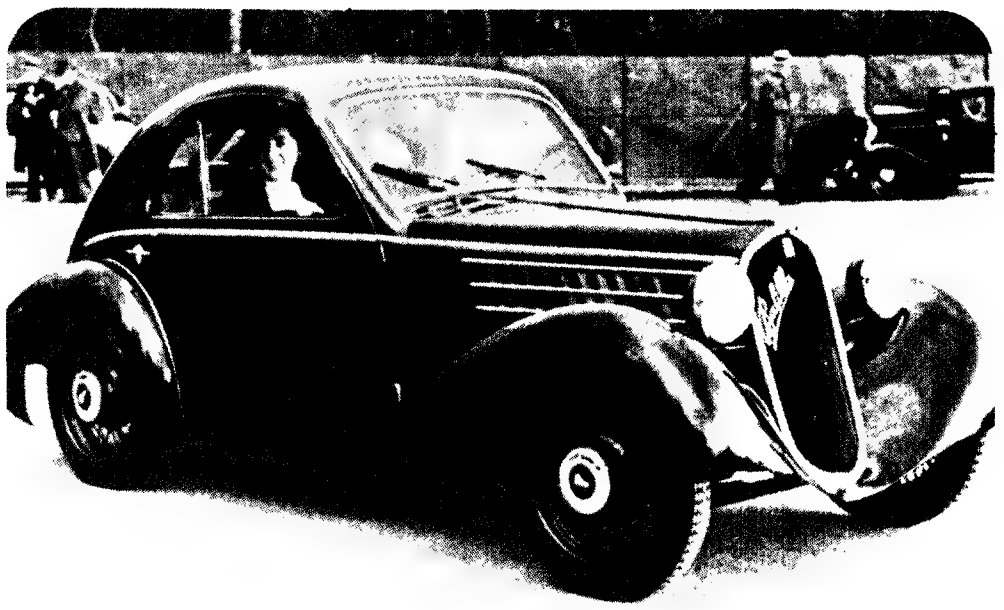
tinham este ordenado por volta de 1939 ou 1940: e imaginar-se em 1932, quando teria bastado muito menos para apagar os mesmos desejos, e quando nos escritórios e nos bancos um ordenado de seiscentas liras mensais era considerado óptimo. O aluguer de uma casa com cinco divisões numa cidade de província atingia, então, setenta liras, nas famílias dos empregados do Estado comia-se carne um par de vezes por semana, a primeira economia era feita à custa da fruta destinada a desaparecer da mesa a cada crise doméstica, de cinema quase não se falava, as roupas viravam-se, primeiro para o chefe de família e, depois, para os filhos, as mães corriam a fechar a luz dos quartos apenas dali se saía, e guardava-se ou punha-se de parte tudo o que ainda pudesse vir a servir: papeis de embrulho, cordeis, alfinetes, tocos de lápis, selos postais não carimbados nos sobrescritos da correspondência, as meias folhas não escritas dos cadernos, aparos e botões das camisas. Quem podia permitir-se ao luxo de gastar onze mil liras para comprar o automóvel talvez menos caro da Europa, mas caríssimo para os italianos?



*«SPIDER» 3 velocidades, transformado em automóvel militar, em 1935, para a guerra da Etiópia.*



*«SPIDER SPORT» S, quatro cilindros e com a carroçaria mais lançada e futurista.*



*BERLINA MIL MILHAS, o exemplare das melhores competições desportivas.*

Onze mil liras: poucas e muitas. Lembro-me de uma outra grande operação de alinhamento europeu tentada também naqueles anos, e, desta vez, de cunho diferente. Refiro-me à Enciclopédia Treccani, que deveria ter servido, se não para outra coisa, para tirar os italianos do horrendo provincialismo cultural em que estavam a chafurear. Porém, custava cinco mil liras e quase todos continuaram no pântano: excepto os directores das repartições públicas, que a tiveram por conta do Estado.

O Balilla, com aquela espada de Démocles das onze mil liras, podia ficar aquilo que era: um sonho. E, no entanto, pelo contrário, difundiu-se, espalhou-se, encontrou compradores, venceu, porque a ideia luminosa tinha sido, não tanto a de dar aos italianos um carro capaz de os motorizar, mas a de convencê-los de que o automóvel valia a própria vida, que não havia nada de melhor e de mais exaltante, que a vida sem ele não merecia ser vivida e, em suma, que os verdadeiros consumos indispensáveis são os supérfuos.

O lançamento do Balilla significa, por isso, de chofre o dever de o comprar. E, po consequência, a descobert da letra de câmbio. Creic que, a partir daquele 12 de Abril de 1932, a letra, também chamada «borboleta», tenha começado verdadeiramente a obscurecer com as suas asas o céu italiano. Que outro modo poderia ter havido de montar a máquina, com o dinheiro que corria? O fascismo, no poder há dez anos, continuava a encher a cabeça da gente com manias de grandeza baseadas na conversa fiada. Eramos os primeiros em tudo, a Itália era escutada e respeitada nos congressos internacionais, o Duce impunha a sua vontade aos estadistas da Europa e da América, sentia-se já que, mais cedo ou mais tarde, daríamos uma tareia em alguém. Mas não conseguíamos levar a nossa mulher ao restaurante, nem sequer uma vez por mês, e de férias nem se falava; os meninos tinham olheiras profundas e cresciam à força de óleo de figado de bacalhau, não obstante a Obra Nacional Balilla. A verdade é que tudo custava demasiado caro para o pouco destinado às despesas.

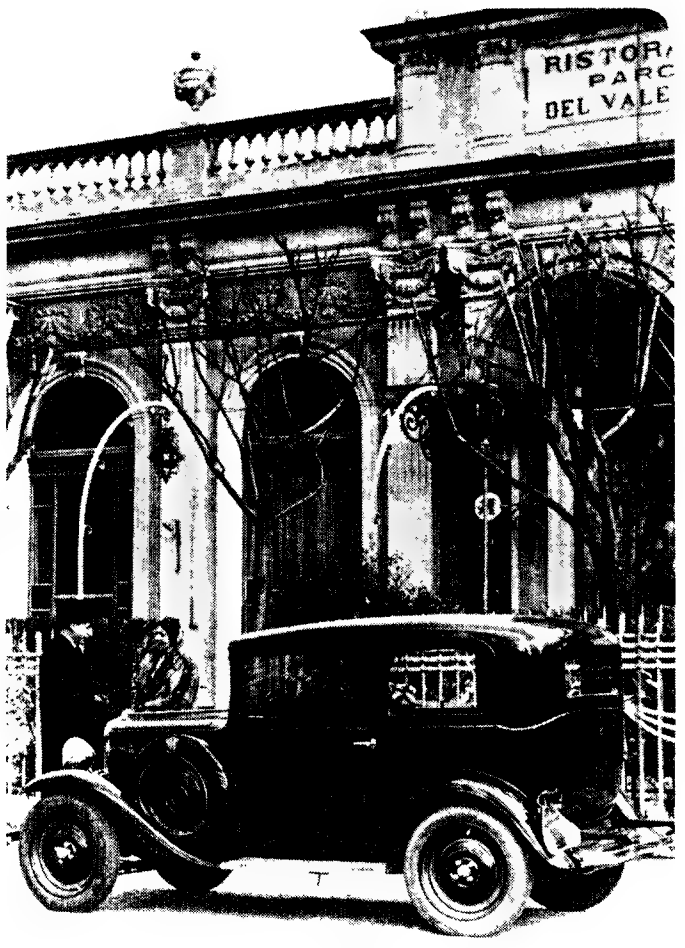
O preço da gasolina era de uma lira e oitenta por litro, do qual uma lira e vinte e três cêntimos era destinada ao fisco. Pela licença do Balilla pagavam-se 513 liras por ano. Se não fossem as letras, aquele belo produto, corajoso e optimista, da Itália do decénio fascista não teria passado de uma quimera.

Não obstante, tratava-se de uma pequena obra-prima, em todo o sentido. O Balilla nascera de uma ideia genial do engenheiro Tranquillo Zerzi, técnico formado na Alemanha, que o tinha desenhado e projectado: um dos «pais da pátria» da Fiat, como o engenheiro Cavalli, criador do «501» e o engenheiro Giacosa della Topolino. Era uma viatura de excepcional estabilidade, maneabilidade, comportamento em estrada e aceleração. Agradou imediatamente. A fábrica apresentou-o, após o Salão de Milão, no de Paris e no Olimpia Show de Londres, entre gerais aplausos e elogios; em breve começou a alargar o número dos modelos, a retocar-lhe a estática, a fornecer aos clientes, a pedido, qualquer coisa mais, para satisfazer as exigências de quem queria empregá-lo para correr, para fins desportivos, para **rallye**, para tudo quanto — no fundo — contrastava com o seu princípio original, isto é, levar a passear, aos domingos, os italianos, fazendo-os gastar pouco dinheiro.

Oficialmente, chamou-se «508», por respeito às tradições Fiat, então orientada para aqueles números, como agora o está para os das centenas (124, 125, 128, 130, etc.). Mas ninguém sonhou usar qualquer outro nome para além daquele triunfal, do seu lançamento: Balilla, no qual não se identificou nada de político, porque se sentia estar aderente ao objecto a que se referia. Como acontece com os combóios, com a Littorina que continua ainda hoje a chamar-se assim, não obstante os esforços dos caminhos de ferro do Estado para a rebaptizar automotora e depurá-la do seu passado mussoliniano.

Dois anos depois, em 1934, o Balilla apresentava-se com um novo vestuário, completamente refeito e ainda mais lisonjeiro e excitante. Agora, tinha quatro velocidades, o radiador com escudo de protecção, as rodas sobressalentes colocadas posteriormente sobre o porta-bagagens incorporado, que aparecia pela primeira vez, os faróis implantados sobre a extremidade superior dos guarda-lamas, dois meios pára-choques, coisa até então ignorada, e mais dez quilómetros de velocidade.

A primeira das novas séries de automóveis que viriam a descender do modelo do Balilla, até à última 1100 de há relativamente pouco tempo, tinha vivido dois anos. Logo a seguir nasciam o Balilla «sport» Berlina, o Balila «spider sport», o Balilla «spider sport» torpedo de corrida «sem estribo, com guarda-lamas reduzido, dos quais os anteriores mudáveis com as rodas». Pouco mais tarde, novo e clamoroso **exploit**, o Balilla Mil Milhas, viria a entrar em competição com belas vitórias na mais




*Um dos primeiros exemplares de Balilla no Parco do Valentino, em Turim. Em 1932 a gasolina custava uma lira e oitenta cada litro.*

*O Balilla conduzido por Braida - Jesi, primeiro na classe até 1 100 cm3, categoria turismo, nas mil milhas de 1937*

entusiasmante corrida em estrada de todo o mundo.

A geração dos hodiernos cinquenta anos, pensando que hoje o Balilla completaria quarenta anos, não pode deixar de voltar a percorrer por um instante — com nostalgia e saudade — aqueles que foram, no bem e no mal, **«os mais longos anos da nossa vida»**. Um Mussolini de quarenta e nove anos empolgava multidões, subjugava pelos filmes Luce e pelas fotografias das revistas uma massa de italianos disposta a reconhecer nele o príncipe da juventude. O fundo era lisonjeiro: um país ordenado, com os comboios dentro do horário, de fácil exaltação colectiva, finalmente dispensado da fadiga de pensar e de decidir, orgulhoso de um suposto prestígio internacional.

O marechal Badoglio, saído esmagado de Caporetto, mas logo restaurado pela casa de Sabóia, anunciava, nas suas vestes de governador da Líbia, que a colónia fora reconquistada e pacificada. Em Março, dando início à obra de saneamento do Agro Pontino, o Duce indicava o local onde deveria vir a nascer a primeira das nove cidades dos pântanos beneficiados e propunha o nome: Littoria.

Em Roma, destinada a tornar-se a triunfal capital emblemática do novo verbo político, tudo será grande, novo, ronamo. Assim se devasta todo um antigo bairro, entre o Foro de Trajano e o Coliseu, para abrir uma via digna do passado e do presente. Também nós teremos a nossa Unter den Linden para fazer desfilar as legiões domésticas. Surge simultâneamente, sob as encostas do Monte Mario, o novo estádio com a sua galeria de marmóreos atletas, que imediatamente se tornaram o assunto preferido das graves sátiras dos romanos e do impotente desdém dos religiosos, estes últimos, demasiado comprometidos com o fascismo para poderem protestar em nome da moral.

Sucedem-se acontecimentos talvez hoje esquecidos ou esbatidos, mas, então, decisivos ou desesperantes por tantos motivos. Enquanto, em Paris, Carlo Rosselli, democrático irredutível, funda o movimento «Justiça e Liberdade», na capital francesa, em 29 de Março, morre Filippo Turati, que ali havia encontrado extremo refúgio. Mussolini é recebido no Vaticano por Pio XI, que lhe entrega as insígnias do Esporão de Ouro. Na sua juventude de provisório e eventual socialista, tinha-se declarado propenso a dar a morte por estrangulamento a padres e freiras, e tinha invocado, em desafio, de uma tribuna suiça, os raios fulminantes de Deus sobre a sua pessoa, para poder depois proclamar, jubilando, que Deus não existe dado que aqueles raios não tinham vindo fulminá-lo. Agora, a transformação era completa, e eis o filho do ferreiro de Predappio, já anárquico revolucionário e maximalista da esquerda, passado para a parte da autoridade e das divisas cesáreas, completar a obra com as genuflexões ao papa.

Mussolini acaba de concluir os dezoito colóquios com o biógrafo entrevistador alemão Emil Ludwig, especialista em ditadores vivos e mortos. Fôra visto, quase todas as tardes, no palácio de Veneza, a fazer declarações de toda a ordem: conceitos, disparates, invocações, invectivas, revisões históricas e apocalípticas ameaças. Depois, quando do aparecimento da primeira edição — oh, céus! — os hierarcas, ao lerem que o chefe lhes havia chamado incapazes e pesos mortos, encolerizam-se e Ludwing é cortado, censurado, emendado. Esta é a Itália dos grandes discursos, das inaugurações solenes e do culto do elmo de Cipião.

Os monumentos malbaratam-se. Primeiro é a vez daquele a Anita Garibaldi, no Gianiclo, ao lado da estátua ao herói dos dois mundos (que, sentindo-se celebrado pelos fascistas, deve ter-se revolvido no túmulo). Depois é o dedicado ao «bersagliere» (soldado de um corpo especializado da infantaria italiana) em Porta Pia, sempre com alocuções mussolinianas. E, também, a Itália dos processos contra os anti-fascistas e dos atentados contra o Duce; talvez a monolítica unidade popular seja um pouco menos monolítica. Por duas vezes, em Milão, realizam-se processos de opositores ao regime. Trata-se de operários, empregados, agentes comerciais, não de políticos profissionais.

Em Junho será fuzilado Angelo Sbardelloto, com uma acusação que cobre de vergonha os mestres de retórica orgulhosos de terem nascido na «pátria do direito»: intenção de atentar contra a vida do chefe do Estado. Pela primeira vez, num país civilizado, uma pessoa paga não por um delito cometido, mas por ter pensado, no segredo do seu espírito, cometê-lo. Sbardelloto, preso na praça Veneza com um passaporte falso e uma bomba na mão, confessa que se propunha lançar aquela bomba contra o Duce. No decurso de dez dias encontra-se perante o pelotão de fuzilamento.

E também a Itália da mão de ferro contra o crime. Rosa Vercesi, culpada de assassínio na pessoa de uma amiga para a roubar, é condenada a prisão perpétua, em Janeiro, em Turim, ao cabo de uma série de audiências que apaixonaram profundamente a opinião pública. Diego Mignemi, um velho camponês de Caltanissetta, por ter violado e, depois, morto uma rapariga de treze anos, paga com a vida, fuzilado pelas costas. Morrendo, desagrada-lhe apenas não ver a seu lado também o cúmplice do delito, que escapou à morte mas não à prisão perpétua.

E uma Itália toda de aparência, toda celebrativa e incensatória, a que vê nascer o Balilla. Durante semanas e semanas sucedem-se, de Milão à Sicília, as comemorações em honra de Arnaldo Mussolini, falecido em Dezembro de 1931. Era um homem privado de qualquer outro mérito que não fosse o de ser irmão do ditador, não obstante o que toda a Itália deve chorar e condoer-se pelo seu desaparecimento. Starace, já secretário do Partido Fascista, inventa manifestações e epígrafes inconscientemente ricas, de um irresistível sabor burlesco: os filhos da loba, a saudação ao Duce, o apelo fascista dos mortos, as dezenas de insígnias com fivelas, laços, fitas e medalhas em que deverão afundar-se os italianos, os chefes de indústria, as folhas de ordem, o Sábado fascista...

Leo Longanesi, num breve intervalo de antifascismo, descobrirá qual o segredo de Mussolini para conquistar os italianos: dar a cada um deles um cargo, mesmo pequeno, com permissão para abusar dele. Na realidade, o centro do problema, para os italianos, não é nunca o de dispor de autoridade, mas exactamente de abusar dela. Sob este ponto de vista, Mussolini foi verdadeiramente um génio.

As pessoas procuram evadir-se. Sim, a família Brambilla vai para férias no velho Balilla. Esta maquineta continua a acompanhar as tristes e as alegres ocorrências do povo. Dentro de um par de anos, em 1935, ao som do canto «Cara negra», acompanhá-lo-á também em Africa, à conquista de um império, mascarado com cores miméticas, para transformar o seu bonacheirão aspecto de viaturazinha burguesa no militaresco e robusto de engenho de guerra. Mas por muita mimetização que o cubra, continua a ser sempre o utilitário dominical, o sonho do empregado que — na futurista possibilidade de chegar às mil liras por mês — o coloca no primeiro lugar da lista das satisfações a suprimir.

Não há divertimentos, não há recreações, tudo custa muito dinheiro. O cinema está ainda na fase pós-adolescente, o teatro já aborrece. Os «motivos vienenses», de vez em quando, deixam cair uma alça, com ataques dardíacos entre os espectadores aglomerados nas primeiras filas. As noites passam-se no café, em frente de um «expresso», em família a ler o jornal ou a jogar à bisca ou ao sete e meio. A rádio é de poucos, a sua difusão fatiga. Os aparelhos parecem pagodes, têm um grande cavalete quadrado de fios, que viria a ser depois, a antena, e a voz sai de uma campânula semelhante à dos gramofones, mas em malaquite negra.

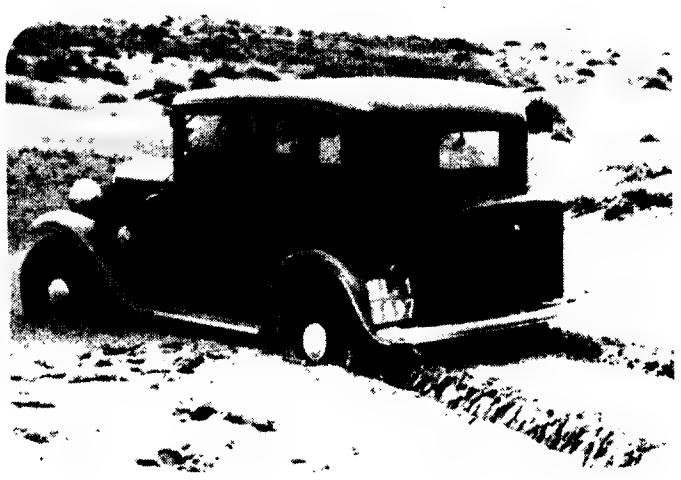
Ao Ambrosiana-Juventus, quase uma final do campeonato de futebol (vencerá o Juventus por 6 a 1), estão presentes vinte e cinco mil pessoas. Um **record** dados os tempos. Os ases que exaltam os entusiasmos populares são: o ciclista Binda, o futebolista Meazza, os pugilistas Locatelli, Jacovacci e Tamagnini, os campeões do volante Nuvalori e Varzi, o trotador Hazleton, os esgrimistas Marzi e Gaudini, os tenistas De Morpurgo e Gaslini.

A corrida Milão-São Remo, no entanto, vence-a um «rude escalador» de nome Bovet, liricamente exaltado pelo chefe dos serviços desportivos do **Corrieri della Sera**, Emilio De Martino; nas Mil Milhas, chega primeiro Borzacchini. No Verão, em Los Angeles, durante as Olimpíadas, um atleta desconhecido, saído como que do nada, conquistará a vitória mais prestigiosa, triunfando nos 1500 metros e batendo o **record** do mundo. Chama-se Luigi Beccali, vive ainda esquecido em qualquer parte.

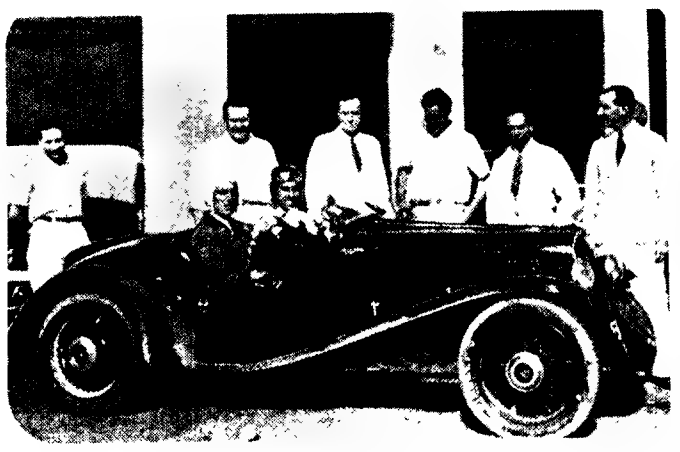
Enquanto o Balilla começa a sua interminável viagem pelas estradas de Itália, o mundo regista acontecimentos do que deverá um dia extrair um bem triste balanço. Na Alemanha, às elições presidenciais, apresenta-se contra o velho marechal Hindemburg um tipo de fanático com uma melena para a testa e os movimentos mecânicos de um boneco articulado. Está a inocular hàbilmente nos alemães o bacilo da **revanche**, chama-se Adolfo Hitler, é um austríaco, já hóspede das pátrias prisões por episódios de violência insurreccional. De momento é derrotado, o marechal prevalece, Bruning acredita tê-lo salvo.

Em Bombaím, os ingleses prendem um pregador da não violência e metem-no na prisão: esta Gandhi causa verdadeiros aborrecimentos. Os japoneses continuam a guerra contra os chineses e entram em Xangai após uma luta sangrenta. Depois, também Nanquim cai nas suas mãos. Num pequeno centro de New Jersey, Hopewell, nos Estados Unidos, o homem mais popular da América vive uma tragédia que, embora pessoal, se tornará na tragédia de toda a América. Raptaram do berço o filho de Lindbergh, o herói da travessia aérea do Atlântico Norte, e até Al Capone, do cárcere de Chicago, pede liberdade apenas pelo tempo necessário para fazer capturar os raptores.

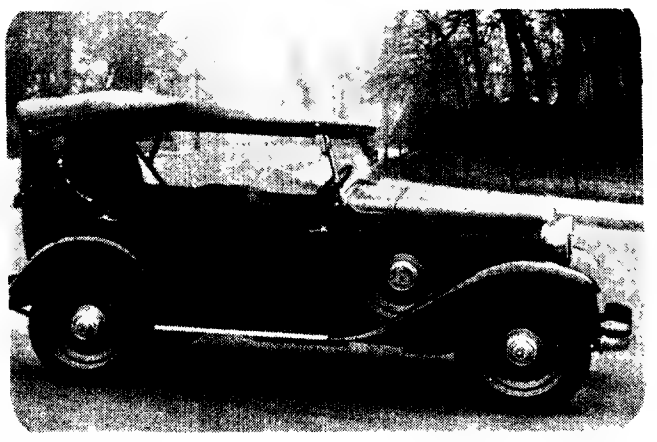
Meu Deus, o Balilla completa quarenta anos. É possível? Ou melhor, completá-los-ia se ainda circulasse (e poderia ainda circular, melhor do que muitos dos seus decantados colegas hodiernos).



*BERLINA 3 VELOCIDADES em África em 1932, ao atravessar as areias do deserto.*



*«SPIDER SPORT» em Java, em 1934. Estabeleceu um «record» num percurso de 853 quilómetros.*



*TORPEDO. Em cada 100 km consumia 7 litros de gasolina*

# EXCURSÕES CP

**LISBOA — MADRID — EUROPA**

- Viagens até Madrid, ida e volta, no comboio «TER», com refeições.
- Assistência em Madrid e transferências Estação/Hotel/ /Estação.
- Circuitos em modernos autocarros.
- Serviços médios, Hotéis de 2 e 3 estrelas.
- Tudo incluído no preço.

| | |
|---|---|
| LOURDES 6 dias | 2.870$ |
| LOURDES e ANDORRA 7 dias | 3.200$ |
| PICOS da EUROPA 7 dias | 3.600$ |
| ANDALUZIA e COSTA do SOL 9 dias | 4.300$ |
| MEDITERRÂNEO 9 dias | 4.300$ |
| PARIS TURÍSTICO 10 dias | 4.300$ |
| PARIS HISTÓRICO 14 dias | 5.180$ |
| ITÁLIA TURÍSTICA 16 dias | 6.650$ |
| ALPES e SUÍÇA 13 dias | 7.650$ |
| PARIS e PAÍSES BAIXOS 14 dias | 8.150$ |
| PARIS e LONDRES 14 dias | 8.560$ |
| SUÍÇA e ÁUSTRIA 18 dias | 9.040$ |
| ÁUSTRIA e HUNGRIA 19 dias | 10.370$ |
| TURQUIA BULGÁRIA ROMÉNIA 17 dias | 10.760$ |
| EUROPA, com Berlim 21 dias | 11.400$ |

...E mais uma variedade de itinerários a preços sugestivos.


## A estreia de Mia Farrow

LONDRES — Mia Farrow desempenha o principal papel da peça de J.M. Barrie Mary Rose, que subiu à cena no Teatro Shaw, numa produção de Braham Murray. Ralp Bates, Olivier Ford-Davies, Ann Way e Roy Sampson contam-se também entre os principais interpretes.

## Casal ribatejano morreu em Valência

UTIEL, ESPANHA, 29 (ANI) Um casal português morreu num acidente de viação ocorrido na estrada entre Madrid e Valência, a saída da povoação de UTIEL, perto de Valência.

Os infortunados conjuges são José Augusto Correia Bastos, de setenta anos, e Guadalupe Bruno Bastos de quarenta, ambos de Vila Franca de Xira. Por excesso de velocidade, o automóvel em que viajavam saiu da estrada e espenhou-se num barranco depois de dar várias voltas sobre si.


# JOTOCAR, SARL

**PORTO/LISBOA**

## COMUNICADO

**Temos a honra de informar todos os nossos Clientes e Amigos que a última fase da mudança das nossas instalações fabris para a nova unidade Industrial situada em Rechousa - Canelas - Vila Nova de Gaia, terá início no próximo dia 1 de Agosto.**

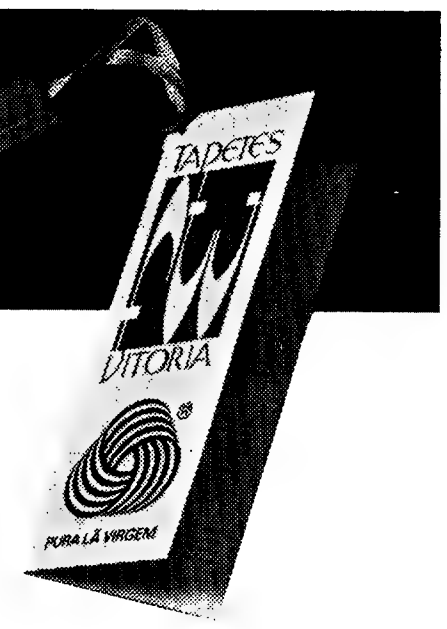
**Este facto aliado ao período de férias colectivas do nosso pessoal fabril terá como consequência algumas perturbações na regularidade de abastecimento dos nossos produtos, principalmente no que respeita a colchões de medidas não standardizadas.**

**Mais informamos, que os nossos Serviços de Expedição estarão em funcionamento quase normal para satisfazerem os vossos pedidos de material existente em stock.**

**Contamos que os inconvenientes causados por esta mudança sejam mínimos ao mesmo tempo que contamos também com o espírito de compreensão e boa vontade.**



# FÁBRICA de TAPETES VITÓRIA




FORNECEU AS ALCATIFAS E TECIDOS DECORATIVOS PARA O

## GRANDE CASINO PENINSULAR DA FIGUEIRA DA FOZ


## DL/DOMINICAL

# ELE E O CID CAMPEADOR DOS CONSUMIDORES

# RALPH NADER CONTRA O CONGRESSO

*BATALHAS. Ralph Nader, organizador de um inquérito sobre o Parlamento americano. Nader é famoso pelas suas batalhas a favor dos consumidores*

Quem pagou as despesas da sua campanha eleitoral? O que é que já fez de útil desde que foi eleito deputado ou senador? Como ganharia a vida se não tivesse sido eleito?

Estas são algumas das 633 perguntas de um questionário de 96 páginas que Ralph Nader, o defensor dos consumidores americanos, enviou nestes últimos dias aos 535 membros do Congresso de Washington, no quadro de um inquérito destinado a dar uma imagem precisa do Parlamento com todos os seus defeitos, as suas irregularidades, os seus interesses declarados e não declarados, as clientelas e os grupos de pressão, como explicou o próprio Nader.

Ralph Nader, 38 anos, licenciado em leis pela Universidade de Harvard, hábitos espartanos (habita em Washington, num quarto mobilado, sem telefone e sem televisão, não fuma e não bebe), havia conduzido até agora no campo dos consumos uma dúzia de inquéritos que tiveram ressonância nacional. Descobrira, entre outras coisas, que os frangos vendidos nos supermercados americanos continham substâncias nocivas, que os **hot dogs**, as populares salsichas, eram feitos frequentemente com carne de refugo (300 criadores e produtores de enchidos foram obrigados a fechar os seus estabelecimentos) e que um novo modelo de automóvel, apresentado há três anos pela General Motors, o Corvair, não correspondia às prescrições da segurança das viaturas.

**PREJUÍZOS** — O inquérito sobre o **Corvair,** que aparece nas livrarias em edição económica sob o título **Perigoso a qualquer velocidade,** provocou a retirada imediata de viaturas da circulação. A casa construtora sofreu um prejuízo de muitos milhares de dólares. Aos inquéritos sobre as trapaças comerciais, Ralph Nader havia feito seguir, depois, estudos sobre diversos sectores da economia, desde as minas aos bancos, trazendo à luz factos e circunstâncias que poucos americanos conheciam.

O primeiro ataque de Nader às instituições, como definiu o **Wall Street Journal,** preanuncia-se maciço. Para reconstruir a vida pública e privada dos 535 membros do Congresso, delinear a sua acção política, descobrir os métodos de luta, os interesses, os laços e as amizades, Nader fará interrogar pelos seus colaboradores, em viagem pelos Estados Unidos, não menos de 30 mil pessoas. Serão entrevistados todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, têm tido que ver com os parlamentares, desde o amigo de infância à ex-mulher, dos companheiros de partido aos adversários políticos. Procurar-se-à estabelecer, entre tantas coisas, até que ponto os parlamentares têm mantido as promessas feitas aos eleitores: **«Sejam cortezes com toda a gente»,** recomendou Nader aos seus colaboradores, na sua maioria voluntários sem qualquer retribuição (estudantes, donas de casa, professores, operários e advogados), **«mas não se cansem nunca de interrogar. Interrogar sempre sem piedade».**

Discutida pormenorizadamente na sede de Ralph Nader, em Washington, dotada de televisores em circuito fechado e de computador (a despesa do inquérito cifrar-se-à no equivalente a cerca de 4 mil contos), a avalanche de informações, será, depois, condensada numa série de volumes em edição económica que compreenderá 16 mil páginas, que serão publicados no próximo Outono.

A cada biografia serão dedicadas, de facto, trinta páginas. Completarão os volumes estudos de especialistas sobre poderes e o funcionamento do Congresso, o trabalho das comissões, os grupos de pressão: **«O nosso objectivo é esclarecer as ideias ao público»,** explicou Nader, **« para que todos estejam em posição de julgar e, portanto, de exercer melhor o próprio controlo sobre a mais importante instituição do Estado, subtraindo-a, assim às inevitáveis influências dos governos».**

Até agora, apenas 12 membros do Congresso, num total de 535, recusaram responder às perguntas de Ralph Nader.


## EMPREENDIMENTOS MECÂNICO CIVIS EDUARDO MARTINS, S. A. R. L.

**VILA NOVA DE GAIA**

Têm o prazer de comunicar a todos os Ex.mos Industriais de Panificação e Pastelaria dos Distritos de Lisboa e Santarém que nomearam distribuidor exclusivo de todos os seus equipamentos de panificação e pastelaria, para os mesmos Distritos, a firma **FANEMA, S. A. R. L. (Fabrico Nacional de Equipamentos Marítimos),** com sede na: **Av. D. Carlos I, 35-3.º, Dt.º — LISBOA.**

HISTÓRIA

# O ASSASSÍNIO DE TROTZKY

**Enquanto o filme de Joseph Losey sobre o famoso revolucionário está a circular por toda a Europa, quisemos fotografar na Cidade do México os lugares autênticos do atentado. O neto de Trotzki, que habita ainda na ex-casa fortaleza, dispôs-se a reevocar os trágicos dias de 1940, e a mostrar as salas em que o exilado viveu desde a Primavera de 1939 até 20 de Agosto do ano seguinte, data em que foi morto.**

*Leon Trotzki à sua mesa de trabalho, poucos dias antes do atentado de Mornard, que teve lugar em 20 de Agosto.*

**Por FRANCO NENCINI**

A casa onde foi assassinado Trotzki, na Cidade do México, surge na Avenida Viena, no número 19. Na Primavera de 1939, quando ele ali entrou, a rua terminava no pó e no silêncio dos campos: grossos muros separavam a velha e sólida construção, dos fins do século XIX da estreita rua que a ligava com o bairro de Coyoacan, a uma dezena de quilómetros do centro da capital. Os únicos seres humanos num raio de um par de milhas eram **campesinos** que viviam em pobres barracas aos lados da estrada, e com eles Trotzki, sempre firmemente dissuadido pelos seus guardas de corpo, tinha algumas vezes tentado satisfazer a sua curiosidade ideológica sobre os êxitos humanos da revolução mexicana.

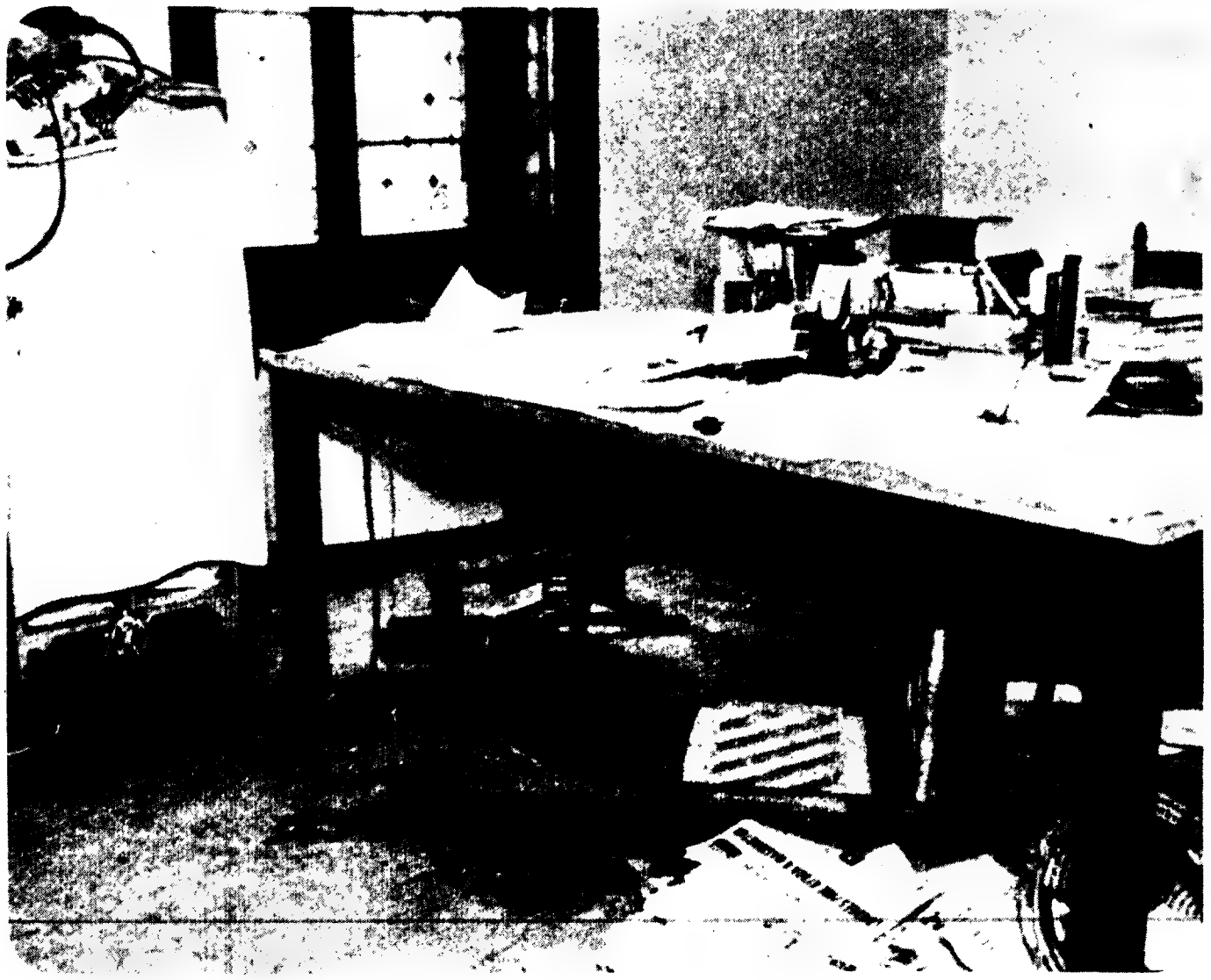
Hoje, a Avenida de Viena é uma artéria residencial da pequena burguesia: uma grande artéria calma e anónima, aflorada a pouca distância da auto-estrada que leva ao aeroporto. A casa amarela de Trotzki, ainda semelhante a uma fortaleza em desuso, com a sua porta blindada, as suas torrinhas, não faz pensar, por certo, num museu: e não o é. Da curiosidade da gente, que presumìvelmente aumentará depois da exibição no México do filme de Losey, que reevoca o assassínio de Trotzki, defendem-na duas criadas mexicanas e quatro meninas loiras: todas, invariàvelmente, respondem que «**o engenheiro não está em casa, não se sabe quando voltará e sem a sua autorização é impossível visitar a casa**».

O engenheiro, esta kafkiana presença cuja infância foi vivida à sombra de tragédias inenarráveis, é o último protagonista (juntamente com o assassino Ramon Mercader, aliás Jacques Mornard, que hoje vive em Praga com Roquelia Mendoza, irmã de um seu companheiro de prisão) da ocorrência terrena de Leão Trotzki. O engenheiro chama-se Seva Volkov, e é um homem moreno, de rosto intenso, de 45 anos de idade. Sua mãe, Zina, era a filha mais nova de Trotzki. Doente dos pulmões e com a mente transtornada por uma vida que se tornara uma fuga contínua, separada da família, expulsa de uma Alemanha já vizinha do chancelerato hitleriano e do triunfo do nazismo, suicida-se com gás, em Berlim, nos primeiros dias de Janeiro de 1933.

O menino foi recolhido por Lyova, o filho mais velho de Trotzki, também ele destinado a morrer no hospital, perseguido pela GPU, e em circunstâncias não menos misteriosas. Finalmente, após infinitos infortúnios, Seva, depois de ter sido criado por Jeanne, viúva de Lyova Trotzki, em Julho de 1939 junta-se ao avô em Coyocan. Acompanhavam-no Alfred e Marguerite Rosmer, os únicos amigos desde o tempo da Primeira Guerra Mundial que ainda restavam aos Trotzki.

«**O terrível drama do avô**», escreve Isaac Deutscher no terceiro volume do seu estudo sobre Trotzki, «**parecia reflectir-se no minúsculo quadrante da sua infância. O pequeno começava a dar os primeiros passos quando lhe tiraram o pai, e mal tinha ido para junto da mãe, em Berlim, quando esta se suicidou... Depois, Lyova, que se tinha tornado para ele um segundo pai, era morto imprevistamente e em circunstâncias misteriosas: o menino havia-se tornado o objecto de uma luta familiar e foi raptado, escondido e recuperado, até que o levaram novamente para junto do avô que apenas recordava, mas que lhe haviam ensinado a adorar. E, agora, o orfão confuso e amedrontado olhava com inquietação a estranha casa cheia de gente e entrincheirada como uma fortaleza para onde o haviam levado, uma casa já marcada pela morte...**»

Eis por que a casa de Trotzki jámais será museu, eis por que o engenheiro não permitiu que o filme de Losey fosse rodado naquela casa (por isso, os interiores foram reproduzidos com escrupulosa fidelidade nos estúdios de Roma), eis por que este homem taciturno não gosta dos estranhos. Tudo, naquela casa, é hoje silêncio, recordações, respeito: até as meninas, adolescentes e etéreas, já leram Deutscher, Gorkin, a «vida» escrita por Natália e falam disso em voz baixa com o visitante, admitido após muitos dias de espera. O escritório de Trotzki, as suas escrivaninhas, o quarto de cama, esburacado pelas balas do primeiro atentado, o jardim com os cactos por ele apanhados nas montanhas e amorosamente plantados, tudo permaneceu como cristalizado no tempo e na recordação.



*A mesa de trabalho de Trotzki logo depois do atentado. No chão, é visível o sangue da vítima. Embora ferido profundamente na cabeça, Trotzki atirou contra Mornard todos os objectos que teve à mão, até o ditafone. Depois conseguiu arrancar-lhe a picareta, mordendo-lhe os dedos.*

O primeiro atentado contra Trotzki sempre ficou, para Seva, como uma destas recordações indeléveis. Era a noite de 23 de Maio de 1940, e às quatro da madrugada o telefone tocou em casa do coronel Leandro Sanchez Salazar, chefe do serviço secreto da polícia da Cidade do México. «**Atacaram a casa de Trotzki**», disseram-lhe do outro lado do fio os seus colaboradores. Salazar correu a pôr o cinturão e a pistola e precipitou-se, de automóvel, para Coyocan. Conhecia bem o caminho: admirava Trotzki e tinha-lhe afecto. A ordem que lhe havia sido dada pelo presidente Cárdenas de vigiar e pilhar pela sua segurança, tinha-se tornado, para Salazar, uma verdadeira e bem definida missão.

Durante a noite tinha chovido torrencialmente. As ruas estavam cobertas de lama. Na Avenida Viena as rodas do automóvel patinavam. Não tinha ainda amanhecido, mas os galos haviam começado a cantar. Ao entrar em casa, Salazar vê os secretários e guardas de Trotzki precipitarem-se ao seu encontro com ar aturdido, ainda de revólveres em punho. «**Alguém matou Don Leon?**» «**Não, coronel.**» «**Há mortos ou feridos?**» «**Não, coronel.**»

**Continua na página seguinte**

# O ASSASSÍNIO DE TROTZKY

Continuação da página anterior

**«O que aconteceu? Quantos tiros foram disparados?» «Cerca de trezentos, mas é melhor que fale com Don Leon...»**

Salazar subiu aos andares superiores e encontrou Trotzki e a sua mulher Natália, estranhamente calmíssimos, que acabavam de ligar o pé de Seva, o nètinho, que fora ferido de raspão por uma bala que ricocheteara na parede. Eis como se passaram os factos, segundo o relato deixado por Trotzki (num artigo escrito em 8 de Junho de 1940 e publicado pòstumamente na **Fourth International**, em Agosto de 1941, com o título **Estaline quer a minha morte** e por Natália Sedova, em **Vida e morte de Leão Trotzki.**Trotzki tinha-se deitado tarde e tomara um soporífero. Por volta das três e meia da madrugada foi acordado por um rumor semelhante ao crepitar de uma metralhadora e no torpor do soporífero não compreendeu imediatamente que se tratava de um ataque à casa; porém, a mulher já se tinha levantado da cama e servia-lhe de escudo com o próprio corpo, deitando-o por terra e empurrando-o para debaixo da cama, perto da parede. Entretanto, um infernal fogo cruzado (virá a saber-se depois que os assaltantes tinham colocado no jardim metralhadoras encobertas pelas árvores e em frente das janelas) abatia-se sobre as paredes: Logo se ouviu a voz de Seva que chamava «Avó!», **«A voz do menino»**, diz Trotzki, **«é a recordação mais trágica daquela noite»** e, recorda Natália, **«... gelou-nos até à medula dos ossos.» «Raptaram-no...»**, pensou Trotzki. Depois de umas quantas rajadas isoladas, tudo ficou silencioso.

No colóquio que pareceu tão estranhamente tranquilo a Salazar, Trotzki disse-lhe: **«Não tereis dificuldades em encontrar os autores do atentado: o culpado é Joseph Estaline, que se serviu, como intermediários, dos homens da NKVD. Queriam matar-me e destruir os meus arquivos, porque sabem que estou a escrever uma biografia de Estaline que denunciará ao mundo os seus crimes...»**

Como semelhante assalto (capitaneado pelo pintor David Alfaro Siqueros, comunista estalinista e chefe do sindicato dos mineiros mexicanos) conduzido por uma vintena de homens armados até aos dentes, possa ter falhado em todos os seus objectivos, nunca foi esclarecido. Por certo, a imperícia dos assaltantes — que, todavia, não puderam atingir fisicamente Trotzki e Natália graças às portas blindadas que separavam o seu quarto do resto da casa — foi, pelo menos, semelhante à dos guardas, na sua maioria jovens trotzkistas americanos.

Além disso, não obstante Leon Trotzki ter sempre repelido a hipótese de traição por parte do seu amigo Bob Harte, que naquela noite estava de guarda à porta (e chorado ao ser encontrado o seu cadáver, e querer até levantar-lhe uma lápide no jardim da casa), é certo que Siqueros e os seus sequazes, disfarçados de polícias, entraram sem disparar um tiro e puderam fugir nos carros que se encontravam no pátio da vila: além disso, Harte fora visto a travar amizade com Mornard-Jacson, o futuro assassino, e, frequentemente, que, de preferência a sofrer tanto, **«teria abreviado a agonia demasiado prolongada»**.

O Trotzki que naquele fatídico dia 20 de Agosto de 1940 seguiu Jacson (sobre cuja história havia confiado no dia anterior a Natália nutrir suspeitas) no escritório aonde o viria a ferir selvàticamente na cabeça com uma picareta de alpinista que trazia escondida sob o impermeável, não ia, portanto, ao encontro de uma renúncia voluntária, se não mesmo com uma vontade de enfraquecida, ao fim de uma existência de inquietação?

Tais foram, pelo menos, os dias que se seguiram à noite de Maio. Tudo parecia recordar-lhe a morte. Os amigos que lhe haviam oferecido um colete de malha de aço à prova de balas. As autoridades que o obrigarám a tornar a casa da Avenida Viena cada vez mais semelhante, como disse o próprio Trotzki, **«... a uma prisão medieval...»**. Natália, sobre cujo rosto tenso lia fúnebres pensamentos, saíam juntos.

Leon Trotzki estava, no entanto, condenado desde muito antes daquela dramática noite. Os seus **Arquivos** e o seu **Diário no exílio** mostram que ele pensava estar atacado por uma grave forma de arteriosclerose e suspeitava que os médicos lhe escondessem a verdade. Tendo presente a longa doença e a paralisia de Lenine, tinha escrito que esperava que a morte o atingisse repentinamente, com uma hemorragia cerebral: tinha também acrescentado, porém, tanto que, quando acordava de manhã, Leon não conseguia deixar de repetir aquele habitual e lúgubre gracejo: **«Vê, nesta noite que acaba de terminar, ainda não me mataram; e tu não estás contente?»**.

Nela, de resto, bastante mais do que a uma espécie de **summa** das suas doutrinas políticas, Trotzki tinha pensado ao ditar o seu testamento, no fim de Fevereiro, **«...Além da felicidade de combater pela causa do socialismo»**, escrevia nas suas últimas vontades, **«o destino concedeu-me a alegria de ser seu marido. Durante quase quarenta anos de vida em comum, Natália foi sempre uma fonte inesgotável de amor, de magnanimidade, de ternura... Reservo-me o direito de estabelecer eu próprio a hora da minha morte, mas quaisquer que sejam as circunstâncias, morrerei com plena confiança no futuro do comunismo. Esta fé no Homem e no seu futuro infunde-me sempre uma força que nenhuma religião pode dar...»**

Um outro passo consciente para a sepultura tinha-o dado Trotzki nos fins de Abril, fazendo chegar à Rússia, por via clandestina, um folheto de propaganda intitulado **«Estão-vos enganando»** e dedicado **«aos trabalhadores, camponeses, soldados e marinheiros soviéticos»**. Havia escrito, entre outras coisas, esta passagem: **«...A vossa burocracia é implacável e sanguinária na pátria, mas timorata e vil perante as potências imperialistas... a burocracia estalinista é enfrentada hoje como no passado tivemos de enfrentar a czarista...»**.

O assalto de Siqueiros e dos seus **comandos** foi, portanto, talvez, uma acção decidida localmente «a quente», mal programada e não comandada nos seus pormenores pela NKVD. Porém, à volta de Trotzki, há meses que se estava a tecer uma rede mortal, bastante mais lenta, bastante mais sofisticada: uma rede iniciada em Espanha, continuada em Paris, estudada nos seus mínimos pormenores na Cidade do México.

O instrumento inconsciente daquela teia foi uma mulher feia, já nada jovem, por certo mais avessa às longas discussões ideológicas do que ao jogo das paixões. Chamava-se Sílvia Agelof, e era uma trotzkista americana, cuja irmã trabalhava ocasionalmente como secretária de Leon Trotzki em Coycoacan. Em Paris conheceu, sem saber que ele a controlava há já algum tempo, Jacques Mornard, aliás Jacson, aliás Ramon Mercader, filho de Caridad Mercader, uma estalinista espanhola conhecida pelas suas ligações com a NKVD (ou GPU). Mornard, esta espécie de **playboy** despreocupado e rico que se gabava de amizades diplomáticas e fingia um desinteresse total pela política, seduziu-a fàcilmente e em breve teve com ela meses românticos e despreocupados passados no campo, em França.

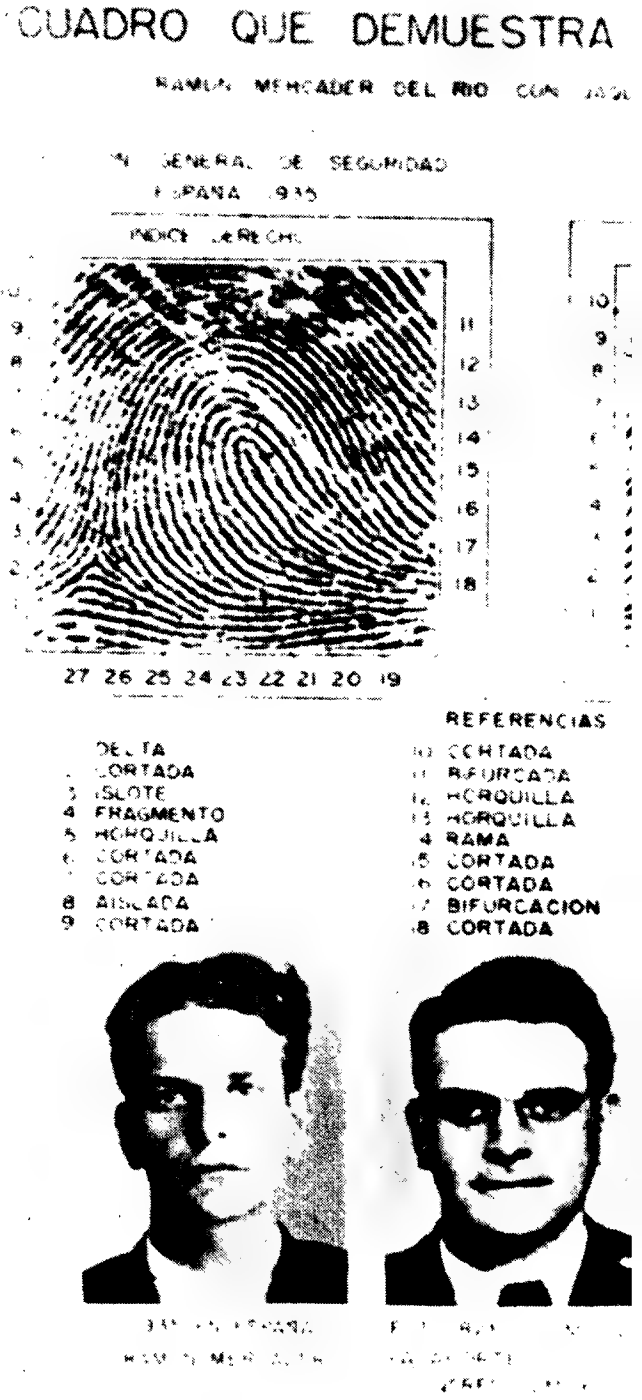
Mornard entrou assim, lenta mas seguramente, sem nunca forçar as ocasiões, sem nunca cometer erros, na órbita que o devia conduzir até à Cidade do México, até à casa de Trotzki.

Durante meses, o «marido de Sílvia» (como lhe chamavam), fingindo um escrupuloso respeito, limitara-se a acompanhá-la de automóvel e a esperá-la fora dos muros amarelos do fortim da Avenida Viena 19. Ali entrou, quase casualmente, na manhã de 28 de Maio, para se juntar aos Rosmer a quem se oferecera para acompanhar a Vera Cruz. Encontrou-se em frente de Trotzki, no pátio, e este apertou-lhe a mão. Em 29 de Julho foi convidado para tomar chá juntamente com Sílvia e, a partir daquela data — como reconstituirá depois Sanches Salazar nas suas investigações — e até 20 de Agosto, ali voltará dez vezes. Sempre para breves visitas, plausivelmente com pequenos pretextos, levando sempre flores ou guloseimas para Natália «da parte de Sílvia», comportando-se sempre com tacto e muita humildade.

O ensaio geral do assassínio tem lugar em 17 de Agosto. Jacson levou a Trotzki um artigo que dizia ter sido escrito **«contra Burnham e Shachtman»**. O primeiro era professor de filosofia em Nova Iorque, e o segundo um porta-voz do partido comunista: ambos haviam entrado em forte polémica ideológica com Trotzki, denunciando claramente a União Soviética, após o pacto Hitler-Estaline, como uma potência expansionista nada diferente das imperialistas... Trotzki ficou primeiramente surpreendido, porque Jacson sempre se havia apresentado como um tosco discípulo e nas suas conversas com Sílvia nunca tinha tomado posição; depois, como sempre fazia com quem lhe pedia conselho ou direcção intelectual, convidou-o a acompanhá-lo ao escritório.

Quando saíram, passados dez minutos, Leon Trotzki estava pensativo e tenso. O texto era infantil mas, sobretudo, tinha-o perturbado o comportamento de Jacson. Este último tinha-se sentado sobre a escrivaninha, por forma a ficar fisicamente sobranceiro ao mestre e, muito estranhamente, não tirara o chapéu nem o impermeável — estranha indumentária para o tórrido Verão mexicano — que levava enrolado no braço. Sob o impermeável, Jacson tinha já a curta picareta de alpinista e, enfiados no cinto, levava o punhal e a pistola que, na sua mente, deveriam servir-lhe, após o assassínio, para abrir caminho para a fuga. De facto, por detrás da vila tê-lo-ia esperado um automóvel com o motor a trabalhar — revela Julien Gorkin na sua obra **O assassínio de Trotzki** — no qual se encontrava sua mãe Caridad Mercader e o seu amante Leonidas Eitington: ambos trabalhavam sob a direcção pessoal de Sudoplatov, um dos principais chefes da espionagem soviética no hemis-

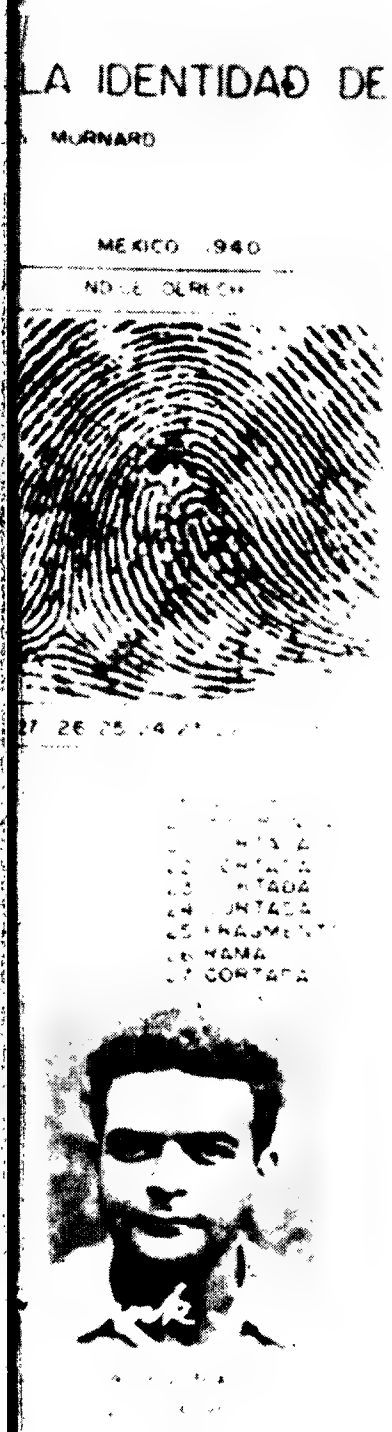
*Caridad Mescader, mãe de Jacson-Mornard. Durante o atentado, esta mulher esperava o filho num automóvel. Em baixo: Silvia Agelof, que foi o ignorante instrumento dos assassinos, ao apresentar Mornard a Trotzki, numa fotografia de alguns anos mais tarde.*




*A FICHA SINALETICA do assassino com as fotografias que apareceram nos seus vários documentos de identidade: como Ramon Mercader, como Jacson e como Mornard*

60

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257




fério ocidental. Tal como na relação desumanamente programada entre Jacson e Sílvia, também naquela entre a madura mas ainda bela Caridad e o mais jovem Eitington, a paixão havia sido posta ao serviço do crime.

Trotzki manifestou no dia seguinte, 18 de Agosto, a Natália e a Hansen (um dos guardas) o seu mau humor e as suas incertezas relativamente a Jacson, acrescentando que devia ter mentido sobre a sua nacionalidade porque não se comportava como um francês.

Porém, tudo ficou no ar, como se se tratasse de um mau humor passageiro. Em 20 de Agosto, Trotzki estava novamente alegre. Havia dormido a noite sem necessidade de soporífero, o Sol resplandecia, o correio matinal trouxera uma boa notícia .. os seus **Arquivos** haviam chegado sãos e salvos à Universidade de Harvard. Disse a Natália que se sentia em esplêndida forma e que queria voltar depressa ao livro que estava a escrever sobre Estaline. Pouco depois das 17 horas, após várias horas de intenso trabalho, Leon Trotzki desceu ao jardim para se distrair durante alguns minutos com o seu passatempo preferido: dar de comer aos seus coelhos. A estes, como aos «seus» cactos gigantes, dedicava o pouco tempo livre dentro do fortim.

O assassino já estava no jardim. Lívido, agitado, perturbado a ponto de não saber responder acertadamente a Natália que lhe oferecia chá e lhe perguntava se se sentia mal. Trotzki desviou a cabeça da coelheira e, embora não tivesse nenhuma vontade de ler a nova versão daquele artigo irremediàvelmente banal, dirigiu-se para o escritório com Jacson, que, mais uma vez, não obstante a canícula, levava chapéu e o pesado impermeável enrolado no braço. Poucos minutos depois, enquanto jazia ensanguentado sobre o pavimento, Leon dirá a Natália o que lhe viera ao pensamento: «Este homem poderia matar-me».

Portanto, porque é que Trotzki, não obstante estes presságios, estas vagas sensações, se encaminhou voluntàriamente, e sòzinho com Jacson, para o segredo do escritório onde ninguém podia defendê-lo e onde, dali a alguns momentos, soltaria o seu grito lancinante de animal ferido? Segundo Isaac Deutscher, «**pensamentos desse género deviam ter-lhe ocorrido já outras vezes, para serem logo repelidos, quando recebia a visita de desconhecidos, a sós ou em grupo. Trotzki tinha resolvido não arruinar a existência com o medo ou a misantropia; e, por isso, sufocou então este último instinto de conservação. Dirigiu-se para a escrivaninha, sentou-se e inclinou a cabeça sobre o texto dactilografado**».

«**Tinha apenas lido a primeira página, quando recebeu um tremendo golpe na cabeça. Coloquei o impermeável sobre um móvel**», dirá Jacson na sua confissão, «**tirei dela a picareta de alpinista e, fechando os olhos, baixei-a sobre a cabeça dele com toda a força**».

Jacson esperava que, depois deste violento golpe, a sua vítima morreria sem emitir um som e que ele poderia sair de casa e desaparecer antes do delito ser descoberto. Ao contrário, a vítima soltou um terrível grito lancinante. «**Recordá-lo-ei durante toda a minha vida**», dirá depois Jacson. Com o crânio fracturado e o rosto coberto de sangue. Trotzki pôs-se de pé de um salto, atirou contra o assassino todos os objectos que estavam ao seu alcance, livros, tinteiros e, por fim, o ditafone, após o que se lançou sobre as suas costas, mordendo-lhe os dedos e, batendo-lhe, conseguiu arrancar-lhe das mãos a picareta.

Na rua, entretanto, aquele grito bestial tinha sido ouvido por Caridad, a mãe do assassino. Devorada pela angústia, viu o tempo passar sem que Ramon saísse de casa. Depois viu chegar duas ambulâncias. Uma transportava Trotzki moribundo ao hospital, a outra transportava seu filho, ferido na cabeça pelas coronhas das pistolas dos guardas, que teriam acabado com ele se Trotzki, num lago de sangue, não se tivesse lùcidamente oposto, dizendo: «**... Não, não é preciso matá-lo, é preciso fazê-lo falar...**».

Trotzki morreu no Posto Central de Socorro da Sexta Secção citadina, em 21 de Agosto de 1940, às 7,25 horas da tarde. A autópsia revelou um cérebro de peso extraordinário de mais de um quilo e um coração também muito grande. Porém, Jacson, embora continuando vivo, nunca revelou os verdadeiros mandantes, a longa e subtil teia de aranha com a qual os sicários de Estaline, depois de terem morto os filhos e os secretários de Trotzki, tinham chegado até ele.

Na confissão que lhe foi encontrada, escrita à máquina em três folhas de papel, numa das algibeiras das calças (e talvez a tivesse consigo durante o «ensaio geral» (de 17 de Agosto), Ramon Mercader tenta uma justificação moral e ideológica para o crime. Repetindo as mentiras sobre a sua identidade, afirma ser um fervoroso trotzkista que, de princípio, teria dado pelo mestre até a última gota de sangue. Tê-lo-ia, porém morto, surpreendido pelo desgosto de o achar diferente daquilo que imaginava, aberto a fins pessoais e mesquinhos, desdenhoso relativamente à revolução mexicana. O elemento decisivo teria vindo da proposta de Trotzki de se deslocar à Rússia, a expensas suas, para organizar atentados ntra Estaline e outras personalidades.

*Os policiais mexicanos mostram a arma do delito.*

*À direita: Mornard, sentado ao lado do criminologista mexicano Alfonso Quiroz Cuaron, e, na fotografia de baixo, no seu cárcera «de luxo», na Cidade do México, juntamente com a mulher. Condenado a vinte anos de prisão, o assassino de Trotzki foi libertado no Outono de 1960. Dirigiu-se para Cuba, e, depois, para Praga, aonde se lhe perdeu o rasto*

No julgamento, Mercader foi condenado a 20 anos de prisão, o máximo de pena de harmonia com a lei mexicana. Na prisão é tratado com todo o respeito e com o luxo que na Cidade do México era fácil de obter numa «cadeia alegre» para quem tem muito dinheiro. Mercader tinha-o: segundo Gorkin, o luxo que o rodeava deveria ter custado à NKVD cerca de 250 mil dólares desde o seu ingresso na prisão até à sua saída em 1960. Dirigiu-se para Cuba e, daqui, passado algum tempo, para Praga, onde parece encontrar-se ainda. Krutchev revogou-lhe o título de «herói da União Soviética» que lhe fora conferido por Estaline durante o período de detenção.

Natália, a viúva de Trotzki, morreu em Paris poucos meses depois de libertação de Mercader. Havia deixado a calma casa de Coyoacan, as suas recordações doces e tristes, Seva, o neto adorado, fora para Paris para se tratar daquele cancro incurável que pouco a pouco a arruinaria. Durante a agonia, gritou: «**... Levam-no, levam-no, matam-no outra vez...**». À sua mente perturbada pelo mal voltava o terror daquela interminável vigília no hospital da Cidade do México, entre 20 e 21 de Agosto, quando ainda esperava que o seu Leon se salvasse, mas estava angustiada pela ideia de que alguém, como acontecera com o filho Lyova, o envenenasse ou o raptasse

JUSTIÇA

# TALVEZ A CADEIRA ELÉCTRICA VOLTE A MATAR

**Eis o que aconteceu, após o anúncio, nas celas dos 584 condenados, em casa dos seus familiares e na das famílias das suas vítimas. Em alguns Estados, no entanto, estuda-se a maneira de manter em vigor a pena demorte.**

Marylin Dobrolenski, uma das poucas mulheres condenadas à morte, chorou e orou até altas horas da noite. Lucius Jackson, na sua cela da penitenciária da Geórgia, com as dimensões de três metros e meio por quatro, voltou a deitar mão dos seus manuais jurídicos e estudou ainda as suas possibilidades de ser posto em liberdade vigiada. Steve Suggs, um outro condenado, gritou-lhe no corredor: **«Eh, Lucius, deixa de estudar. Poderemos ficar aqui ainda durante o resto da nossa vida, mas é vida, compreendes Lucius, vida!»** Na Flórida, da prisão de Raiford, o condenado Calvin Campbell contou: **«... nós, os 99 do braço da morte, rimos, dançamos, batemos nas paredes e nas grades durante toda a noite. Havia quem berrasse frases desconexas, quem aplaudisse Nixon, quem o injuriasse...»**.

Assim, da Califórnia ao Massachussetts, do Texas a Montana, a dispersa e angustiada colónia dos 584 «mortos vivos» da América reagiu à notícia de que o Supremo Tribunal, na quinta-feira 29 de Junho, tinha declarado, por 5 votos contra 4, que a pena capital **«tal como é hoje aplicada»** é **«uma punição cruel e inusitada»** e, portanto, contrária à oitava emenda da Constituição.

Fora das prisões, pelo contrário, a histórica decisão desencadeava a tempestade das polémicas. Em Washington, o parlamentar Louis P. Wyman apresentava imediatamente ao Congresso uma emenda de lei tendente a restabelecer a legitimidade da pena de morte por homicídio e alta traição. Às 21 horas dessa mesma quinta-feira, o presidente Nixon, numa entrevista televisionada, dizia: **«Congratulo-me por a decisão do Supremo Tribunal não abolir a pena capital em matéria de pirataria do ar e raptos de crianças»**. No dia seguinte, sexta-feira, 30 de Julho, legisladores e governantes de, pelo menos, cinco Estados iniciavam o estudo de novas leis do Estado tendentes a manter de pé a pena capital. É preciso recordar que, em matéria penal, os simples Estados americanos de per si têm quase absoluta liberdade jurisdicional, e que, deste modo, o mesmo crime pode ser punido de maneira diferente, dado o caso que seja cometido no Arkansas ou em Nova Iorque.

A **«Old Sparky»** (a velha cintilante) — como é chamada a cadeira eléctrica — poderá, portanto, voltar a matar? São muitos os que fazem esta pergunta. A decisão do Tribunal, nos nove diferentes e contrastantes pareceres dos juízes, reflecte, com efeito, a desagregação do país sobre esta questão: 51 por cento dos cidadãos americanos, segundo um inquérito Gallup de há apenas alguns meses, continuam favoráveis à pena de morte por causa da difusão dos morticínios (Manson tem tido muitos adeptos), da pirataria aérea, dos actos de terrorismo e da criminalidade em geral.

A importância do veredicto histórico-moral do Tribunal (saudado por Ted Kennedy como **«um marco que assinala a história da nossa justiça: o Tribunal decidiu pela vida e, com isto, deu nova vida à nossa democracia»**) é sem dúvida, e de momento, ofuscada, em ano de eleições, por uma questão igualmente política... Os quatro juízes conservadores nixonianos (o presidente William E. Burger, e os juízes Powell, Blackmun e Rehnquist) opuseram-se em bloco à abolição, os três juízes «liberais» mais os dois «oscilantes» conseguiram fazê-la passar. Se Nixon vier a ser reeleito em Novembro, dentro dos próximos quatro anos o Tribunal poderia vir a ter uma composição diferente, e, portanto, emitir um veridicto diferente.

A cadeira eléctrica, primeira das decisões da quinta-feira, 29 de Junho, estava ainda em uso em 19 Estados, a câmara de gás em 10 e a forca em 7; só o Estado de Utah mantinha a opção entre a corda e o pelotão de execução. Mas, na realidade, desde 2 de Junho de 1967, quando Louis Monge entrou na câmara de gás, no Colorado, por ter assassinado a mulher grávida e três filhinhos, nenhuma outra execução capital fora efectuada nos Estados Unidos, na expectativa de uma decisão definitiva do Tribunal. Entretanto, outros Estados haviam, um após outro, abolido a pena de morte (como a Califórnia, no princípio do ano: em San Quentin, os dois mais famosos mortos-vivos da América — Charles Manson e Sirhan B. Sirhan, estavam, pois, já tranquilos há alguns meses; agora, paradoxalmente, exactamente a Califórnia e o seu governador, o ex-actor Ronald Reagan, guiam a batalha pelo restabelecimento). Outros ainda haviam restringido a aplicação das condenações.

Um dos principais argumentos dos abolicionistas tem sido sempre este: na carnal de um negro contra uma mulher branca (dos 455 justiciados nos Estados do Sul, desde 1930 até hoje por este delito, 90 por cento eram negros). A quantos replicam que os netros são os que ocupam os primeiros lugares nas estatísticas da criminalidade e, portanto, é justo que o sejam também nas das condenações, os liberais respondem com a teoria do crime como produto do ambiente social, do desemprego, da miséria, da discriminação racial.

Deste grande debate, desta tempestade de polémicas e de contradições, que ecos pode alcançar o pântano de aborrecimento e de malvadez dos 584 seupltos vivos da América, que podem ofuscar aquela certeza de vida que se lhes deparou em 29 de Junho de 1972?

Não muitos, talvez. Esta afirmação parecerá paradoxal, a partir do momento em deira eléctrica acaba só quem não tem um bom advogado, quem não tem dinheiro, quem não é ninguém. A confirmar, em parte, esta teoria está o facto de 53 por cento dos actuais condenados à morte serem negros (os negros constituem 11 por cento da população americana) e que, sobretudo nos Estados do Sul, um dos delitos pelos quais mais fàcilmente se condena à morte é a violência

que em todos os «braços da morte» americanos, os condenados já podem ouvir rádio, telefonar de vez em quando ao advogado, ver televisão e, às vezes, ver também cinema os 99 da penitenciária de Reiford tiveram conhecimento da decisão do Tribunal ao assistirem à projecção de **Dirty Harry**, um truculento filme policial). Mas que coisa pode colher da vida um homem segregado durante 22 horas por dia vor detrás das barras de uma cela de 3 por 4 metros?

A resposta deu-nos Terry Cobb, um texano de 23 anos de idade, condenado á morte em 1969 por ter morto um outro jovem. **«Temos aqui»**, disse, **«um televisor por cada três celas, fixado sobre a parede do corredor. Às vezes olhamos para ele durante dez horas por dia e, assim, a maior parte dos litígios entre os encarcerados nascem das discordâncias sobre um programa de televisão. Porém, é como estar a olhar para um mundo de sombras. Olhei a TV no corredor e, após dois ou três anos que me encontrar recluso aqui dentro, já não sei se as imagens se referem a factos reais, a coisas que acontecem. A coisa mais atroz de ver é a publicidade televisiva. Há um anúncio curto da Pepsi-Cola que diz dever viver-se intensamente, há uma quantidade de coisas belas a fazer na vida. E, nos primeiros tempos, para um condenado à morte, não é agradável um anúncio televisovo deste género, não são agradáveis as imagens de mulheres belas, de automóveis, de piscinas. Depois, com o tempo, tudo passa, pois, a nossa vida não é vida, é uma morte vivente, em que se afunda um centímetro por dia»**.

**«Em San Quentin**, os 93 condenados à morte», escreve o jurista Anthony Amsterdam, da Stanford University,

**Compañia Trasatlántica Española, S. A.**

**MADRID**

PARA

**NEW YORK, PHILADELPHIA BALTIMORE e NORFOLK**

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna e rápida motonave espanhola:

**VALVANUZ**

esperado em 8 P.° F.°

Os Agentes Gerais

**LLORET & XAVIER, LDA.**

**Largo do Corpo Santo, 21-1.°**

**Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV LISBOA-2**

**ATLANTICA LINE**

**Genova**

**(Fabre-Fassio-Hansa)**

PARA

**NEW YORK – BALTIMORE – NORFOLK**

**BOSTON**

**M. S. «ATLANTICA LIVORNO» em 4 de Agosto**

**— Navio totalmente contentorizado.**

**— Tempo de percurso Lisboa / New York: 6,5 dias.**

**— Acomodações para passageiros.**

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL

**OREY, ANTUNES & CIA LDA.**

Praça Duque da Terceira, 4 — Telef. 366056/362266/369346

JUSTIÇA

**«são tratados como leprosos na comunidade da prisão: são alojados em duas alas completamente separadas, e podem atravessar o pátio a céu aberto, sòmente para ir ao hospital da prisão. Ainda presentemente, um velho regulamento prescreve que sejam precedidos e seguidos por dois guardas, que gritam: «Atenção, chega um homem morto, chega um homem morto...».**

Por FRANCO NENCINI

Em San Quentin, os homens do braço da morte saem das suas celas durante três horas e meia por dia, em turnos diferentes: porém, a sua recreação tem lugar num corredor coberto qu serve para tudo, desde o pingue-pongue à biblioteca, e que tem o comprimento de quarenta metros. Em conpensação, desde os tempos de Chessman, os regulamentos mudaram muito: os condenados têm acesso a quase todos os tipos de livros e de tratados legais, podem ter na cela máquinas de escrever, rádio, gramofone, mateiral para pintar. **«Porém, com tudo isto»**, diz o capelão Byron Eshelman, **«continuam a não saber quando o Sol nasce e quando se põe. O isolamento, o aborrecimento, o desespero levam bastante frequentemente a graves distúrbios psíquicos»**.

Naturalmente, a abolição da pena de morte não conduzirá ao fim de tudo isto. Na prisão de Nashville, o directormostrou aos condenados à morte a câmara de gás, para que se dessem conta do perigo a que haviam escapado. Mes nem todos — escreve o **Newsweek** — ficaram assim tão contentes. Um home disse: **«É APENAS UMA MORTE MAIS LENTA»**. E um outro: **«Não seria, pois, tão mau se te condenassem à morte hoje e te ececutassem àmanhã. Seria mais misericordioso»**.

O debate sobre a pena de morte trouxe à luz, também, este desmedido peso de sofrimento humano, para além da barbaridade fisiológica da execução: quer na forca quer na câmara de gás, decorrem cinco minutos antes da perda do conhecimento, e outros quinze antes da morte; na cadeira eléctrica os olhos saem das órbitas. Porém, num país pragmatista como a América não podia deixar de figurar, também, a questão do custo. Quando o então governador do Arkansas, Winthrop Rockefeller, añ três anos, indultou todos os quinze «mortos vivos» do seu Estado, calculou-se que havia feito economizar ao Arkansas um milhão e meio de dólares, considerando o custo dos prováveis apelos e a sua duração. Sobre este ponto, os fautores de pena capital sustentam, pelo contrário, que manter um homem naprisão por toda a vida é extremamente mais caro.

Uma outra das questões mais debatidas (dela fala também o ex-condenado Edgar Smith na entrevista excepcional que se segue) fora esta: o medo da pena de morte pode, na verdade evitar que o criminoso mate? Os abolicionistas americanos haviam feito notar que os cinco Estados com o mais alto índice de criminalidade (homicídios) desde 1930 até aos nossos dias, são igualmente os que apresentam mais elevado número de execuções capitais (a Geórgia comanda ambas as classificações), enquanto que os cinco Estados com o mais reduzido índice de homicídios são aqueles em que a pena de morte não é aplicada desde añ muito tempo. E parece ver-se aflorar este motivo também em alguns dos pareceres — repetimos, discordantes mesmo entre so cinco juízes abolicionistas que «venceram» — do Supremo Tribunal que, ao todo, ocupam 243 páginas e que, até agora, apenas foram publicadas pela Imprensa resumidamente.

Tomemos, por exemplo, um parecer do juiz Byron R. White, o «pendular» entre os nixonianos e os liberais e cujo voto desde há cerca de seis meses foi frequentemente decisivo e nem sempre na mesma corrente. Escreveu: **«...a pena capital é hoje, na América, administrada tão raramente e com um valor tão ténue como travão, que é já claramente execessiva, além de cruel e inusitada»**. O juiz Stwart, um velho jurista cuja nomeação já remonta a Eisenhower, notou na sua motivação que **«a oitava e a quarta emenda da nossa constituição não podem tolerar que seja aplicada inutilmente e com critérios tão diferentes e caprichosos...»**

Stwart referia-se claramente aos três casos (um roubo à mão armada com homicídio na Geórgia, e dois estrupros não fatais na Geórgia e no Texas) que constituíram a ocasião para a decisão: e que em muitos outros casos semelhantes, até nos mesmos Estados, levaram a penas mais leves. Sòmente dois dos juízes, Marshall e Brennen, desenvolveram como ponto central da sua motivação o parecer de que **«hoje em dia a morte constitui um singular e excessivamente severo tipo de pena, a tal ponto que resulta fatalmente ofensiva da dignidade humana»**

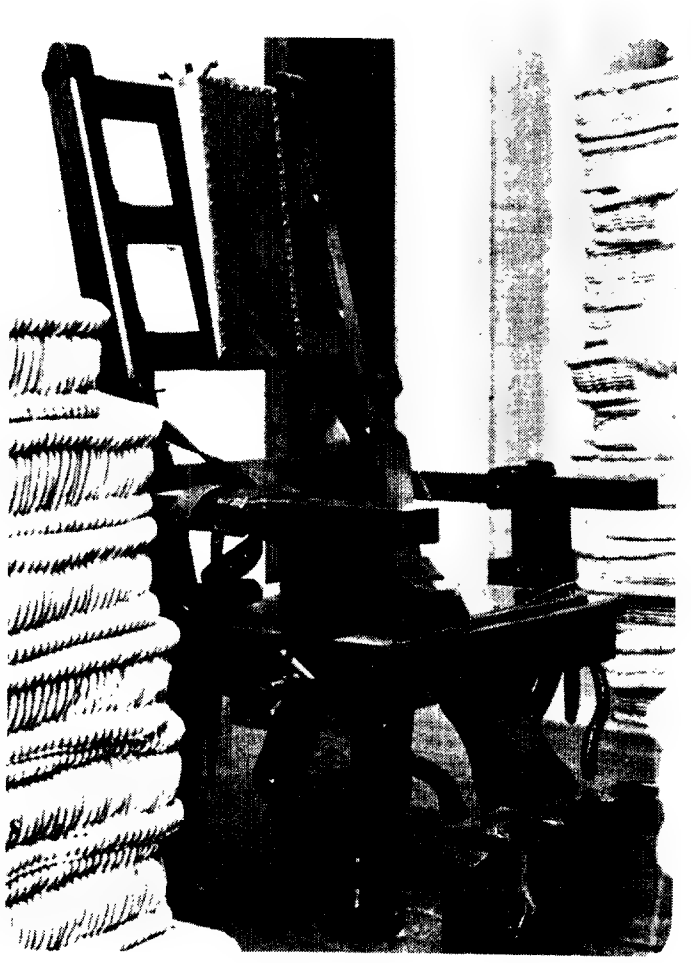
As polémicas e políticas, a batalha pela restauração da pena de morte serão longas e, indubitàvelmente, os nove discordes pareceres dos juízes e a formulação segundo a qual é inadmissível não «a pena de morte» em si mesma, mas «a pena de morte **como é hoje aplicada**», deixam o caminho aberto para que a história possa, pelo menos momentâneamente, voltar para trás.

Quanto esta fenda moral, esta indecisão está viva ainda no ânimo das gentes, demonstram-no as reacções dos familiares de dois polícias assassinados por criminosos condenados à morte. Na Flórida, Joseph Lawton, irmão de um agente abatido com dois tiros de pistola, disse: **«Esta decisão do Supremo Tribunal é apenas um erro triste. Protegem os assassinos. Os criminosos obtêm mais justiça do que as vítimas»**. No Estado de Nova Iorque, em Siracusa, a senhora Mumford disse: **«Durante muito tempo repeti a mim própria que levar à morte, na cadeira eléctrica, Fitspatrick, o homem que matou o Bob, não serviria para voltar a dar vida ao meu marido, mas apenas para fazer sofrer alguém mais. É difícil desejar-se a morte de alguém, e, no entanto, hoje, as minhas emoções são contraditórias, confusas...»**

**Publicamos pela primeira vez um documento impressionante: o testemunho de um homem, Edgar H. Smith, que escapou à cadeira eléctrica.**

# Aguardei a execução durante 14 anos!

A excepcional entrevista sobre a pena de morte que o DL apresenta em exclusivo para Portugal, foi escrita pelo cidadão americano que, durante mais tempo do que nenhum outro, incluindo Chessman, viveu no «braço da morte», aguardando execução: 14 anos. Chama-se Edgar H. Smith, tem hoje 37 anos e está em liberdade desde Dezembro de 1971. Graças a uma daquelas contradições do sistema jurídico americano que podem parecer incríveis, foi posto em liberdade poucos dias depois de se ter declarado culpado do delito de que era acusado (o sádico assassinato de uma adolescente, Victoria Zielinski). Durante catorze anos, Smith sempre se declarara inocente, e só em Dezembro de 1971 se acusou do delito perante o juiz do tribunal de apelação. De facto, exactamente esta declaração, e um acordo efectuado anteriormente entre os seus advogados e o tribunal, deram a liberdade a Smith: os juízes condenaram-no a 25 anos de reclusão, seguida da decisão de o libertar com a fórmula da «liberdade vigiada». De facto, catorze anos já ele havia descontado nos braços da morte e onze foram-lhe indultados por boa conduta. Na prisão, Smith escreveu dois livros sobre o que lhe aconteceu (**Brief against Death** e, um ano depois, **Reasonable Doubt**).



Em 1957, a um júri de primeiro grau de Nova Jersey haviam bastado duas horas para declarar Smith sulpado do assassínio de Victoria, uma linda estudante liceal que fora encontrada com o crânio esmagado, seminua, numa pedreira de saibro abandonada. Smith era, naquela época, um deslocado: antes de se alistar no corpo de fuzileiros tinha abandonado a escola por duas vezes. A Polícia tinha-o detido entre os possíveis suspeitos, e depois de um dia de interrogatórios, sem assistência legal, havia obtido uma confissão oral não assinada, com base na qual Smith foi incriminado.

Em Maio de 1971, a sua condenação fora invalidada por causa da confissão juridicamente viciada sobre a qual se baseava. Porém, naquele ponto, a Smith não restavam senão duas alternativas: admitir a própria culpabilidade ou enfrentar um novo procedimento judicial. Smith, a conselho dos seus advogados, escolheu a primeira alternativa. Quando, em Dezembro, numa sala de audiências, à cunha, do Tribunal de Apelação de Nova Jersey, o juiz lhe perguntou: **«Foste tu e só tu quem matou Victoria Zielinski?»**, respondeu impassível: **«Sim, fui eu quem a matou»**. Poucos dias depois, graças à mecânica de que já falámos, Smith era novamente um homem livre e declarava à Imprensa: **«Disse apenas o que me pedia para dizer para readquirir a minha liberdade. Era só teatro»**.

Nesta excepcional **«entrevista prepóstuma comigo mesmo»** (título original), concedida a **Esquire**, Smith fala da pena de morte de uma forma confusa, oscilando frequentemente entre o cinismo, o paradoxo e uma cerrada e frequentemente sumária acusação contra o sistema jurídico vigente. Os leitores poderão não compartilhar como nós não compartilhamos muitas opiniões, mas parecenos que se trata, como quer que seja, de um excepcional documento humano.

Pergunta — **Comecemos pelo que, pessoalmente, te aconteceu. Viveste durante 14 anos sob o pesadelo de uma condenação à morte: 14 anos é um período de tempo imenso, consideràvelmente mais longo do que aquele que passou Caryl Chessman antes de ser justificado. Nunca pensaste que, depois de todo este tempo, a tua execução poderia ter trazido um benefício qualquer à sociedade?**

Resposta — Pessoalmente creio que nenhuma execução, rápida ou retardada, responda a um objectivo útil à sociedade. Todavia, ainda que todo o ser vivo pudesse esquecer o crime de que fui acusado, haveria sempre alguém — por hopótese, o chefe da Polícia de Nova Jersey — convencido de que executar-me é uma coisa boa, um **resultado**. Esta vive obsessionada pela ideia de que se se executar A, então B não matará C.

P. — **Na tua opinião, portanto, não é verdade que a punição de um crime evite que outras pessoas cometam outros crimes?**

R. — Não, diria exactamente não. Se me levassem para a câmara e me queimassem amanhã, quem deixaria de cometer um crime? Alguém que seguiu o meu processo em 1957, mas que, desde então, já se esqueceu amplamente do processo e de mim? Ou de toda uma geração de adolescentes que agora poderia cometer crimes, mas que, então, nem sequer ainda tinha nascido? Não vejo nenhuma relação: o laço entre o crime e a sua punição com a morte permaneceria tão ténue e tão remoto que seria, de facto, inexistente.

P. — **Então, na tua opinião, toda uma teoria do direito seria destruída?**

R. — O facto é este: aqueles que teriam necessidade de ser assustados com a pena de morte — e, portanto, dissuadidos do crime — são aqueles que não vêem nunca uma execução capital: não veem nunca um homem morrer numa cadeira eléctrica. Tudo aquilo que a gente pode ver — e essa gente é composta, também, por criminosos potenciais — são umas poucas linhas no jornal do dia seguinte, no qual se diz que Fulano foi executado a tal hora.

P. — **Sugeres, então, que as penas de morte deveriam ser sempre executadas em público, como espectáculo?**

R. — Como disse, penso que não deveria haver execuções, a menos que se demonstre que servem realmente para qualquer coisa, c'os demónios, se se acredita — quero dizer, se se acredita que isso aterrorize os criminosos potenciais — então, executem-se as condenações em público, ao ar livre, e aterrorizemos o maior número possível de pessoas. Tragam-se para a luz do Sol as câmaras de gás, as cadeiras eléctricas, as forças. Mostremos àqueles que queremos «dissuadir» o que é que os espera se cometerem certos crimes.

P. — **Antes da pena de morte ter sido abolida, Douglas Lyons, um dos que mais se bateu pela sua abolição, defendeu a ideia de que se deveria ter transmitido, pelo menos uma vez, pela televisão, a execução de um condenado, para que a gente se desse conta de todo o horror da coisa. Que pensas disso?**

R. — Eu compraria imediatamente acções dessa estação de televisão. Uma transmissão assim teria um índice de agrado superior à das finais de futebol.

P. — **Mas serviria para qualquer coisa?**

R. — De certo que serviria. Serviria para fazer ganhar à estação de televisão uma tonelada de dólares. Poder-se-ia ter a **General Electric** ou a **Dow Chemical** (segundo se trate de cadeira eléctrica ou da câmara de gás) como financiadores publicitários da transmissão, e um cantor famoso que cante qualquer coisa apropriado enquanto o condenado se instala na cadeira...

P. — **Em suma, não te parece uma proposta séria?**

R. — Diria que não: numa «civilização» tão amante da violência e do espectáculo como é a nossa, se esta ideia fosse realizada, poderia abrir caminho a toda uma «série» televisiva, e o interesse acabaria por enfraquecer progressivamente.

Continua na pag. 20

**FANEMA, Fabrico Nacional de Equipamentos Marítimos, S. A. R. L.**

**Av. D. Carlos I, 35-3.º, Dt.º — LISBOA**

Tem o prazer de comunicar a todos os Ex.mos Industriais de Panificação e Pastelaria dos Distritos de Lisboa e Santarém, que foi nomeada distribuidora exclusiva para os citados distritos dos equipamentos de panificação e pastelaria do qualificado fabrico da firma **EMPREENDIMENTOS MECANO-CIVIS EDUARDO MARTINS, S. A. R. L.** de **VILA NOVA DE GAIA.**

**ANGÉLICA PLANTIER**

**MISSA DO 7.º DIA**

Participa-se o seu falecimento no dia 24 de Julho e que se realiza a Missa do 7.º dia, amanhã, dia 31, na Igreja da Lapa, às 12.45 horas.

JUSTIÇA

# AGUARDEI A EXECUÇÃO DURANTE 14 ANOS!

Continuação da pág. 19

Quando os americanos, todas as tardes às sete horas, podem ligar o televisor e ver os seus filhos, os seus irmãos e os seus maridos morrer no Vietname, não creio que eles pudessem exactamente nutrir um interesse notável pela assistência à pública execução de assassinos.

P. — **Se a decisão do Supremo Tribunal tivesse confirmado a legitimidade da pena de morte, na tua opinião, quais teriam sido as reacções do público?**

R. — Se os seiscentos condenados à morte fossem executados amanhã nas várias prisões dos 32 Estados, o rumor do protesto do público não acordaria um bebé adormecido.

P. — **Parece-me um juízo demasiado cínico sobre o público: não pensas que a sociedade atribua um valor à vida humana?**

R. — Não é uma visão cínica, é uma visão realística, e não tem nada que ver com a substancial civilização da nossa sociedade. O homem da rua não pensa ser, ele próprio, o carrasco. «O Estado executa a condenação, não a gente»: isto é o pequeno, educado artifício que permite a todos prosseguir alegremente na vida quotidiana sem remorsos ou sensação de culpa. O acto não visto da execução torna-se um acto irreal, um acto abstracto, executado por uma entidade abstracta, o Estado.

P. **Pensas que se cada um sentisse uma responsabilidade pessoal quando o Estado manda um homem para a cadeira eléctrica, as coisas se modificariam?**

R. Para mim, a melhor maneira de alcançar ràpidamente a abolição da pena de morte seria a de tornar públicas todas as execuções durante um certo período de tempo, e, depois, começar a sortear, entre os espectadores, um homem encarregado de dar volta ao interruptor da cadeira eléctrica ou de puxar a alavanca do gás.

P. — **Alguns afirmam que, como quer que fosse, a pena de morte acabaria por ser abolida para evitar o perigo de também inocentes poderem ser mortos injustàmente. Pensas que isto tenha alguma vez acontecido?**

R. — Com certeza, é inevitável. O sistema é feito pelos homens, e os homens não são infalíveis.

P. — **O que é que se sente ao estar na secção dos condenados à morte, quando se vê um outro condenado a ser levado para a sala de execução?**

R. — Não é uma emoção que dure muito tempo. Repito, uma execução é uma coisa bastante asséptica, breve e conduzida com o mínimo de clamor. Um dia ou dois depois de ter tido lugar, os condenados do braço da morte falam novamente de futebol. Não creio que nenhum de nós, ainda que pense verdadeiramente acabar na cadeira eléctrica, possa imaginar rigorosamente o momento em que entrará na sala...

P. — **Mas estás convencido, também tu, que certas pessoas nunca poderão ser reabilitadas, restituídas à sociedade?**

R. — Certo. Também aqueles que se opunham à execução de Chessman afirmavam que, mesmo que tivesse sido indultado, nunca teria sido restituído à liberdade.

P. — **Então, na tua opinião, para os culpados de homicídio, a solução ideal seria a condenação a prisão perpétua, sem a escapatória da liberdade vigiada?**

R. É uma hipótese, mas que vale apenas para alguns condenados, não para todos. O delito e a pessoa que o comete constituem um facto tão complexo, e cada crime e cada criminoso constituem um problema tão diferente, que é difícil ver a cada caso. E por que limitar a discussão só ao homicídio e aos homicidas? Em todas as categorias de crimes há criminosos que, no estado actual dos nossos conhecimentos científicos e sociais, simplesmente não podem ser reabilitados. Há violentadores que, mal sejam postos em liberdade, continuarão a cometer estupros, e, por outro lado, é também certo que 99,9 por cento dos que actualmente estão na prisão serão, mais cedo ou mais tarde, postos em liberdade. E, pois, uma visão miope, e também extremamente perigosa, aquela que tem em conta tão-sòmente o homicídio.

P. — **Pensas que a sociedade espera uma acção de reabilitação relativamente aos criminosos, enquanto estão na prisão?**

R. — Provàvelmente até os próprios criminosos a esperavam e a esperam. Mas a sociedade ainda não o pediu verdadeiramente, e até ao momento em que este pedido seja feito, até ao momento em que a sociedade não tenha decidido que o isolamento sem reabilitação não constitui um alvo bastante positivo, o «sistema» continuará apenas a retardar o próximo acto anti-social do criminoso.

## Marianne procura salvar-se

LONDRES — A actriz inglesa Marianne Faithfull, antiga namorada de Mick Jagger, membro de um conjunto de música POP, encontra-se num hospital a ser submetida a tratamento contra o vicio da heroina — anunciou o seu médico, o dr. James Willis, acrescentando ter sido autorizado pela actriz a fazer a comunicação. «Marianne é viciada em heroína e deve ficar várias semanas no hospital. Esta decidida a curar-se» — acrescentou Willis.

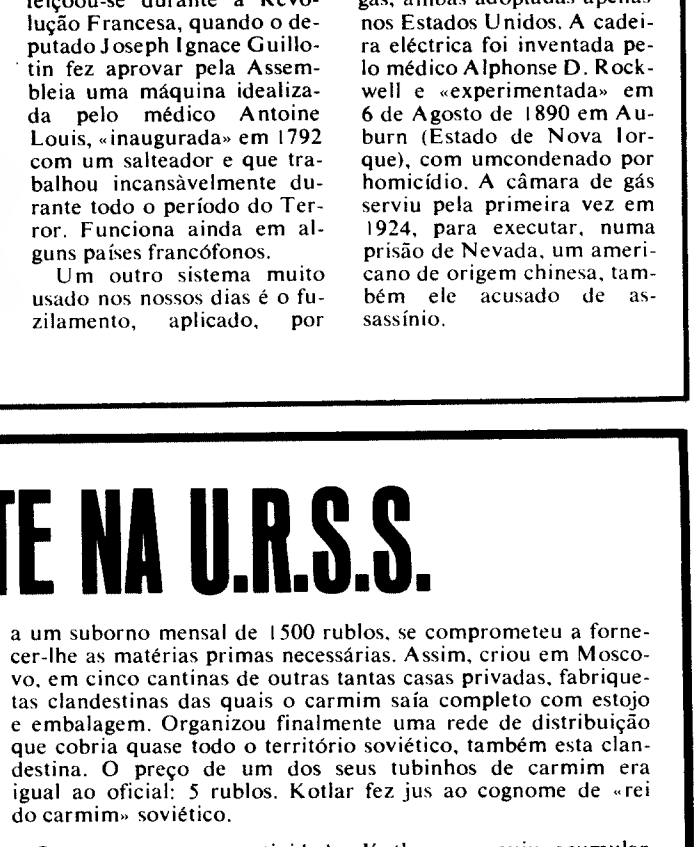
teatro MONUMENTAL
HOJE: 2 SESSÕES 2
20.45 E 23 HORAS
Domingos à tarde às 16 h.
Grupo D — M/ 18 anos
VASCO MORGADO apresenta
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA
P O P U L A R
P'RA' FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIRÓS
IRENE ISIDRO
JOSÉ DE CASTRO
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CÉSAR e VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
6.ª Semana
Mais de 60 figuras em cena

# As execuções

# DA ROCHA TARPEIA À CÂMARA DE GÁS

Nos tempos antigos não havia limites na escolha das execuções: ia-se do extermínio pela fome às mais atrozes torturas, e consideravam-se «normais» as decapitações, as fogueiras, as flagelações, os impalamentos. Em Roma, o réu de graves delitos podia esperar ser lançado da Rocha Tarpeia, ou metido em chumbo fundente ou até crucificado. A fogueira, que os romanos aplicavam sobretudo contra as vestais acusadas de ter violado o voto de castidade, foi muito difundida nos séculos XV, XVI e XVII para unir bruxas, herejes e outros «possessos do demónio», e em Inglaterra permanece em vigor até 1790 para alguns delitos comuns.

Dos modos mais usados no longínquo passado para executar os condenados a morte, sobrevivem apenas a decapitação e o enforcamento. Esta última é também a mais habitual nos países onde vigora ainda hoje a pena capital. A decapitação foi, durante séculos, uma pena comum em muitos países europeus, praticada até 1870 inclusive no Estado do Vaticano mediante a guilhotina. Os ingleses, que haviam adoptado a decapitação por volta do ano 1000, acabaram por a reservar aos culpados de elevada estirpe (como Maria Stuart, Ana Bolena e o rei Carlos I), destinando à força os condenados de baixa camada social. A decapitação aperfeiçoou-se durante a Revolução Francesa, quando o deputado Joseph Ignace Guillotin fez aprovar pela Assembleia uma máquina idealizada pelo médico Antoine Louis, «inaugurada» em 1792 com um salteador e que trabalhou incansàvelmente durante todo o período do Terror. Funciona ainda em alguns países francófonos.



*Uma das últimas execuções, em Paris, na guilhotina*

*Enforcamento na Jordânia*

Um outro sistema muito usado nos nossos dias é o fuzilamento, aplicado, por exemplo, em todos os países comunistas.

Os métodos mais «modernos» de execução são: a cadeira eléctrica e a câmara de gás, ambas adoptadas apenas nos Estados Unidos. A cadeira eléctrica foi inventada pelo médico Alphonse D. Rockwell e «experimentada» em 6 de Agosto de 1890 em Auburn (Estado de Nova Iorque), com umcondenado por homicídio. A câmara de gás serviu pela primeira vez em 1924, para executar, numa prisão de Nevada, um americano de origem chinesa, também ele acusado de assassínio.

# FRAUDE E SUBORNO LEVAM À MORTE NA U.R.S.S.

Nicolai Kotler é fuzilado ao amanhecer e, como frequentemente acontece na URSS, o público foi informado só depois do processo, sentença e execução já terem tido lugar, com um comunicado da agência **Tass**, publicado e comentado favoràvelmente por todos os jornais: a habitual unanimidade. Kotlat tornara-se culpado de três delitos puníveis, naquele país, com a pena de morte: apropriação de bens do Estado em medida relevante; corrupção de funcionário público; tráfico de valores. Os outros crimes que o Código soviético pune com a pena de morte são: traição e espionagem, actos de terrorismo e de sabotagem, banditismo e homicídio premeditado em circunstáncias agravantes, delitos em estado de embriaguez, violência carnal.

Lenine, cujo irmão mais velho fora enforcado por um atentado falhado contra a vida do czar, havia prometido aos russos abolir a pena de morte. Mas, uma vez conquistado o poder, em 1917, Lenine e os bolchevistas renegaram estas promessas. Desde então, na URSS, tem-se feito um largo recurso à pena capital, quer para atingir os adversários políticos, quer contra a delinquência, alternando o método do tiro na nuca com o do fuzilamento. Terríveis foram as purgas políticas da época estaliniana, com fuzilamentos aos milhares. Quanto à delinquência, nunca foram publicadas estatísticas, nem tão-pouco os jornais soviéticos podem dar qualquer ajuda na avaliação da extensão do fenómeno, porque referem notícias de criminalidade comum só esporàdicamente e em tom moralístico. Que os episódios de delinquência estejam difundidos confirma-o, todavia, a própria severidade das penas, em contínuo aumento.

Após a promessa não mantida de Lenine, a oportunidade de abolir a pena capital nunca mais foi discutida na URSS. A pena de talião é considerada o único «travão possível contra os delitos acima citados: nem o regime permitiria que surgisse um movimento de opinião para a abolição da pena de morte. Como em todos os países ditatoriais, o conceito de justiça é, além disso, elástico: as penas são aplicadas mais duramente sempre que se julgue necessário «um exemplo». O caso de Nicolai Kotlar, simultâneamente farsesco e trágico, é típico.

Pode ser difícil encontrar nos estabelecimentos soviéticos tudo quanto é preciso a uma mulher para se tornar bela: sapatos elegantes, vestidos de bom corte, cremes, **rouges**, perfumes. Até mesmo neste campo, a produção de bens está subordinada às necessidades da indústria pesada e militar. Porém, Kotlar, dando provas de inventiva e de indesmentível talento organizador, decide fazer igualmente felizes as mulheres russas. Primeiramente, deslocou-se a Riga, aonde tem sede a maior fábrica soviética de carmim para os lábios, e aí corrompe o director, o qual, a coberto de uma compensação equivalente a um suborno mensal de 1500 rublos, se comprometeu a fornecer-lhe as matérias primas necessárias. Assim, criou em Moscovo, em cinco cantinas de outras tantas casas privadas, fabriquetas clandestinas das quais o carmim saía completo com estojo e embalagem. Organizou finalmente uma rede de distribuição que cobria quase todo o território soviético, também esta clandestina. O preço de um dos seus tubinhos de carmim era igual ao oficial: 5 rublos. Kotlar fez jus ao cognome de «rei do carmim» soviético.

Graças a esta sua actividade, Kotlar conseguiu acumular a respeitável soma de um milhão e meio de rublos. Uma parte converteu-a em dólares, no mercado negro. Num país capitalista teria, talvez, tido maneira de revelar o seu estoio empreendedor sem violar o código. Na URSS é, pelo contrário, preso, processado e fuzilado. Não queremos fazer de Kotlar um heroi. Apenas como é fácil ver a absurda desproporção entre os delitos e a pena. Mas estava-se nos princípios de 1962, a URSS estava a ser percorrida por uma nova onde perversão, havia pressões populares para o aumento dos bens supérfluos e um generalizado descontentamento contra o sistema de produção e distribuição soviético. Assim, Kotlar serviu para intimidar os outros. Como este, podíamos citar muitos casos mais ou menos semelhantes.

DESPORTOS DL/ DOMINICAL

# COLUNA SEMPRE COLUNA

A semana foi de Mário Coluna: erguendo o grande e inesquecível «capitão» da sepultura do silêncio, o «Diário de Lisboa» ofereceu à opinião pública ampla matéria para reflexão, inclusive (e essa foi a ideia dominante) em relação ao futuro que pode esperar, na mais traiçoeira volta da esquina, os ídolos das plateias desportivas — mal um pé em falso coloque o abismo ao alcance do segundo passo.

Desde o «Mundo Desportivo» (em «carta aberta a Mário Coluna», assinada por Couto e Santos) até ao «Record» (em artigo sublinhado ao título de «O Benfica está com Mário Coluna») constata-se que o fabuloso «internacional» português começa a ter em seu redor um movimento de simpatia e apreço que, decerto, produzirá como melhor fruto a reconquista pelo futebol de um dos maiores expoentes de quantos até hoje praticaram o apaixonante desporto dentro das quatro linhas brancas.

E, enquanto os convites para

trabalhar começam a bater à porta do recordista de convocações para o «onze nacional» (honra sòmente dividida com o também extraordinário Eusébio, como ele de Moçambique e como ele sempre e só do Benfica) o prestigioso clube da «águia» anuncia que o «caso Coluna» mereceu a melhor atenção. Ao nosso prezado colega «Record» declarou o dr. Borges Coutinho, presidente dos «encarnados»:

«O Benfica está com Coluna e firmemente disposto a colaborar com o seu prestigioso jogador, dos maiores que o clube tem possuído nas suas fileiras desde sempre. Se o Benfica conseguir fazer algo em relação a Mário Coluna, pessoalmente ficarei satisfeito já que a sua acção ao serviço do clube, a cuja direcção presido, foi extraordinàriamente valiosa.»

E, após a reunião directiva da passada 6.ª feira, a situação de Coluna mereceu, por parte do presidente benfiquista, mais a seguinte mensagem de esperança:

«Só há bem poucos dias, o Benfica tomou conhecimento da actual situação de Mário Coluna que será convidado a deslocar-se ao Estádio da Luz para ser convenientemente observado quanto a uma lesão que contraiu no decurso do último jogo que disputou pelo Estrela de Portalegre. Depois, falarei como seu bom amigo, ao Mário Coluna e, do que se falar, algo poderá a surgir tendo em visto o futuro. Por ora, está nos planos do Benfica ouvir Coluna e colaborar...

Como se nota, é por obra e graça do nosso jornal (afinal em inequívoca e autêntica demonstração de um dos mais válidos objectivos da missão informativa que é timbre da Imprensa portuguesa, tantas vezes malbaratada e atacada pelos arrivistas do Desporto) por obra e graça do nosso jornal, salientamos novamente, o intérprete glorioso de algumas das mais belas páginas do Benfica adquiriu a certeza de que um praticante desportivo que sempre encarou com a melhor compreensão o trabalho dos homens da informação, não cai nunca no anonimato do seu reconhecimento.

### O BENFICA A SEU LADO

O próprio Mário Coluna, desta feita na redacção do «Diário de Lisboa», fêz questão de declarar que está já a receber apoios e palavras de esperança. Por exemplo: da firma «Sollium» (distribuidora dos Oleos Kendall) recebeu uma proposta para trabalhar como gerente de bombas de gasolina, estação de serviço e oficina de reparações de um grande estabelecimento a montar dentro da zona benfiquista do Estádio da Luz. Mas, como o contrato de cedência camarária de terrenos ao Benfica especifica claramente que a parcela de terreno doada é estrictamente para construção da «Cidade Desportiva», o presidente da Comissão Central do Sport Lisboa e Benfica (sr. eng.º Helder Viegas) sugeriu que, em caso de aceitação por Coluna dessa proposta comercial, o estabelecimento ficasse nos baixos do «terceiro anel»: exactamente onde já existe uma garagem com espaço suficiente para uma ampliação funcional.

— **Seria, sempre e apenas, para uso (e serviço) dos associados do Benfica** — disse Mário Coluna que acrescentou: «**Mas, acima de tudo, eu preferiria ficar a trabalhar no futebol, como treinador das camadas juvenis ou como «pesquisador de talentos». E, evidentemente, no Benfica...**

Aí está: Coluna quer continuar com o nome na folha dos honestos e brilhantes servidores do Benfica. Será assim tão difícil conceder-lhe essa alegria?

Evidentemente que o Sport Lisboa e Benfica, para além de saber melhor do que ninguém como deve agir e de ter ao seu comando um elenco directivo de escol, não pode alhear-se de uma directriz: o clube não é empresa comercial e, portanto, não tem nos seus estatutos um norteamento assistêncial. Mas, Coluna não é um inútil: o seu saber e a sua experiência, a sua prestigiosa figura e o seu maravilhoso «palmarés», são armas a jogar na revalidação do interesse da juventude pelo desporto que já foi rei absoluto. Se outra entidade mais ampla (e, estamos a lembrar-nos do próprio Ministério da Educação Nacional, através da Direcção-Geral dos Desportos) desperdiçar o ensejo de nomear o comendador Mário Esteves Coluna «embaixador do futebol» e «mestre da mocidade», pois que o Benfica acorra em seu auxílio: e lhe estenda o mesmo braço generoso que apoiou Augusto Silva.

E claro que há, também, um lugar vago dentro da orgânica do futebol português: entregue a José Augusto o comando da equipa de seniores e assoberdado o técnico com os múltiplos problemas que será necessário vencer para que o brilhante da «Taça Independência» se prolongue até aos relvados luminosos de Munique, a quem (melhor do que a Mário Coluna) se pode confiar o futebol junior da Federação?

### O ILUSTRE PRESIDENTE DO «ESTRELA»

Evidentemente que toda a regra tem excepção: neste caso de completa solidariedade humana em torno de Mário Coluna, o único solavanco vem de Portugal, dirigido à glória do futebol lusitano pelo sr. Francisco Calado Godinho Barrocas, residente na Rua da Mouraria n.º 119, naquela bela cidade alentejana.

Portalegre, 25 de Julho de 1972

Senhor Mário Coluna:

. Após ter lido a sua *infeliz* entrevista ao «Diário de Lisboa», fiquei com pena, dó, e tenho de o dizer com *asco* pelas suas declarações, que mostram não só ingratidão mas também maldade para quem tanto confiou em si, *mas apenas no primeiro mês.* Podia ter invocado outras razões para justificar o seu fracasso como treinador do Estrela. Não o fez, ou por estupidez ou por maldade, atrevendo-se a ofender a minha pessoa ao chamar-me simplesmente «sujeito», pondo-me na boca uma afirmação que nunca fiz, e ofendendo igualmente aquele que tanto o aturou, chamando-lhe «o homem das massas». Não temos nomes, senhor Mário Coluna? Não mereceríamos ser tratados doutra maneira, depois do senhor saber que dos 10000$00 mensais que recebia uma parte era oferecida ao Estrela pelo «sujeito» e «homem das massas?» Teria o senhor tão má memória que esquecesse os nossos nomes e os cargos que ocupamos no Estrela?

. Em virtude das suas *infelizes* declarações, vou propor-lhe o seguinte para seu bem, pois não me interessa um ídolo com pés de barro:

. — Tem de informar o redactor do «Diário de Lisboa» no sentido de ficar esclarecido que ao referir-se ao «sujeito» e «homem das massas» não teve qualquer ideia ofensiva para com o presidente e tesoureiro do Sport Clube Estrela. Não costumo ameacar, mas vejo-me obrigado neste caso, para defesa duma colectividade com pergaminhos de ouro no desporto nacional, a avisá-lo de que espero durante oito dias, salvo rectificação. Se o não fizer, tenho de me servir de todas as informações e provas convincentes das suas bebedeiras, dos seus calotes e da ingratidão que mostrou para com a cidade de Portalegre (não vila, como o senhor diz), pois já três jornalistas me procuraram com intuito de dizer da minha justiça em virtude das suas infelizes declarações. E olhe que tenho provas nas mãos para justificar e esclarecer devidamente tudo o que eu afirmar a respeito do senhor Mário Coluna como homem, como cidadão e como treinador.

Quer o senhor evitar escândalos que muito o prejudicarão e que não estou interessado em pô-los à mostra? Só tem a esclarecer o Diário de Lisboa no prazo de oito dias, como acima digo, no sentido de que não teve intenção de ofender o presidente do Sport Clube Estrela nem o seu tesoureiro, nem a colectividade a cujos destinos com muita honra presido.

Sem outro assunto, (a) *Francisco Calado Godinho Barrocas*

Como Mário Coluna me esclareceu e se depreende (aliás) dos termos da missiva (registada sob o número 5206, nos Correios de Portalegre) o sr. Barrocas é o presidente do Estrela de Portalegre. O teor da carta, assinada em baixo e em cima, é esclarecedor e define eloquentemente o seu autor. Assim, limitamo-nos a transcrevê-la fotogràficamente, para que o leitor possa equacionar nos devidos pólos os dois intervenientes nesta «guerrilha» que nem sequer teve razão de existência.

A propósito desta significativa e intencional missiva, declarou-me Mário Coluna:

1) Quando assinava o recibo dos seus vencimentos, o papel timbrado especificava que ele recebia o dinheiro do Estrela de Portalegre, sem qualquer menção a que parte dele era desta ou daquela pessoa em particular.

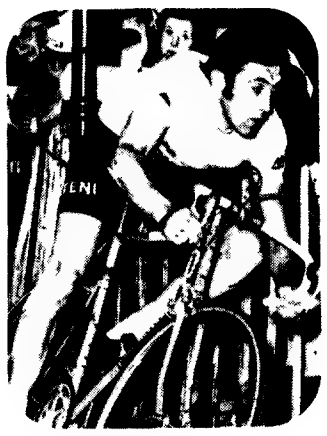
2) Se deveria tratar o sr. Francisco Calado Godinho Barrocas pelo título de presidente do Estrela de Portalegre, na entrevista que me concedeu, Coluna pede desculpa. E promete que, de futuro, passará a tratá-lo nessa qualidade, «ad seculo seculorum».

3) À alusão directa de que só merecera confiança no primeiro mês do seu trabalho em Portalegre, respondeu que também foi a partir daí que as lesões, os castigos, a falta de jogadores reservistas e de dinheiro para contratar reforços, se manifestaram mais agudamente. Aliás, como Coluna previra em anteriores conversas com o ilustre presidente do Estrela.

4) Se o Exmo. Sr. Francisco Calado Godinho Barrocas acha que a entrevista de Mário Coluna ao «Diário de Lisboa» é infeliz, está em pleno direito. Também Mário Coluna considera ter sido uma grande infelicidade o tempo gasto com a leitura da carta do ilustre presidente do Estrela, já que é apodado de «**caloteiro, bêbedo, ingrato, treinador fracassado e ídolo com pés de barro**») com dupla assinatura do sr. Godinho Barrocas. E, mais fez questão de afirmar: «**Em Portalegre só deixei amizades. Fui ali recebido com carinho; os mesmos que estiveram a abraçar-me à chegada vieram à despedida, com lágrimas nos olhos, oferecer-me as suas casas para um regresso.**»

Logo, esclarecido com a maior satisfação o ilustre presidente do Estrela de Portalegre, voltemos a folha ao remoque a Mário Coluna e sigamos adiante como qualquer outra caravana.

P.S.-Aqui ao lado, Mário Coluna (comovido com o gesto do dr. Borges Coutinho e com as atenções da restante direcção do Sport Lisboa e Benfica) lembrou-se de repente que o ilustre presidente do Estrela de Portalegre é doutor. E pede para eu não me esquecer de frisar isso, não vá aparecer por aí mais uma carta a pedir outra rectificação. Respondi a Coluna que não é preciso voltar atrás e emendar toda a prosa: os leitores do «Diário de Lisboa» com a maior facilidade, vão fazer o favor de colocar o devido título antes do nome do excelentíssimo senhor presidente do Estrela de Portalegre.



O campeão no trabalho

# EDDY MERCKX: UMA HISTÓRIA DE ÊXITO

Aos 27 anos de idade, ele é hoje o maior ciclista mundial de todos os tempos, calcando a pés juntos as notáveis proezas de Anquetil, Bobet, Rivière, Robic, Kubler, Coppi, Bartali, Koblet e Bahamontes. O quarto êxito consecutivo na dificilima «Volta a França» é o ponto culminante de uma carreira verdadeiramente fabulosa.

Eddy Merckx é belga: nasceu na aldeia de Meensel-Kiezeghem (na provincia de Brabant) a 17 de Junho de 1945. Aos 16 anos (Outubro de 1961) obtinha o seu primeiro triunfo, numa prova destinada a principiantes, corrida em 40 quilómetros, na estrada Petit-Enghien. Entre 206 candidatos ao melhor troféu, Merckx conseguiu um avanço superior à centena de metros: estava revelado um espantoso ciclista.

No ano seguinte, já aureolado com o título belga da categoria, Eddy inicia a preparação que o encaminharia até ao cetro mundial de amadores: logrado em 1964, em Sallanches. Essa meta coroou 25 triunfos numa única temporada e foi, igualmente, o corolário dos seus ininterruptos 88 sucessos como ciclista amador.

A 11 de Maio de 1965, Eddy Merckx salta para o bloco de profissionais da pedalada. Consegue nove vitórias sem um só fracasso e, na época imediata, vence pela primeira vez a clássica ligação entre Milão e San Remo. corrida que voltaria a pertencer-lhe também nas edições de 1967, 1969, 1971 e já este ano. Em 1968 e em 1970 triunfa em Paris-Roubaix. Ganha por três vezes a «Volta à Itália»: em 1968, 1970 e 1972. Bate todos os competidores em dois «munidiais» de estrada (1967 e 1971), conquista a faixa de campeão belga (1970), consegue um triunvirato de êxitos no Liége-Bastogne-Liége (1969,1971 e 1972), inscreve o nome no cume de algumas das competições mais prestigiosas do ciclismo («Midi-Libre», critério do «Dauphine-Libere», Volta à Catalunha, Volta à Romandia, Volta à Normandia, Paris-Luxemburgo e Volta à Suiça). Desde 1965 até ao momento, o «campionissimo» triunfa em 245 corridas destinadas exclusivamente aos melhores profissionais do Mundo: neste lote está um «record» de vitórias em etapas do «Tour» e quatro sucessos (consecutivos na «Volta à França».

Prestes a tornar-se pai pela segunda vez, Eddy Merckx vive como um autêntico milionário: casa de campo, casa de praia, vivenda na cidade e apartamentos na Belgica, na França, na Itália e na Suiça. Ganha uma média anual de 6000 contos e, para lá do ciclismo, é indefectível apaixonado pelo futebol: como Mecenas e director do Racing White ( o clube belga que calhou em rifa ao Desporto da CUF, na primeira eliminatória da «Taça da U.E.F.A.) ele prepara-se para roubar dois dias às pedaladas e vir até ao Barreiro ver o que conseguem os seus rapazes perante os «fabris». Será a segunda vez que Eddy Merckx estará no nosso país: esperemos que, desta feita, guarde uma recordação bem diferente da que lhe ficou da triste actuação em Alvalade, onde foi pago com um cheque sem cobertura por organizador pouco escrupuloso...

O futebol é o«hobby» de Merckx

A imagem comum: nova vitória, desta feita no «Tour». A sua esquerda encontra-se Guimard, um dos adversários que ficou pelo caminho

Ao lado de Jacques Goddet e Felix Levitan (os directores da «Volta à França) que estão já habituados a passar o volume dos melhores prémios para as mãos do belga

Regresso a Bruxelas: festa de gala para o quadri-triunfador no «Tour» receber as homenagens do burgomestre da cidade, Lucien Gormans

Uma espantosa resistência física e um coração de ferro:cosntatam todos os médicos que o observam

# ESCOLA NAVAL

## ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Nos termos do Regulamento da Escola Naval aprovados por Decreto 454/70 de 1 de Outubro de 1970 está aberto concurso desde 15 de Julho a 16 de Agosto para admissão de:

50 cadetes do curso de Marinha
5 cadetes do curso de Engenheiros maquinistas navais
5 cadetes do curso de Administração Naval

**1. Condições de admissão**

— Ser cidadão português, filho de pais portugueses
— Ter pelo menos 1,64 metros de altura
— Ter idade não superior a 19 anos para o curso de Marinha e 20 anos para os cursos de Engenheiro maquinista naval e administração naval, feitos até 31 de Dezembro de 1972.
— Ter habilitações que permitam o seu ingresso em cursos superiores com afinidade dos professados na Escola Naval (alínea f) e alínea g) do 3.º ciclo liceal.

**2. Admissão condicional ao concurso**

Para eventual provimento das vagas que não foram preenchidas pelos candidatos que satisfaçam as condições de admissão acima indicadas, poderão ser admitidos condicionalmente ao concurso candidatos nas seguintes condições, **prioritários** pela **ordem** que vão referidas:

**a)** Com aprovação no curso complemenetar dos liceus de qualquer alínea, desde que tenham obtido aprovação em Matemática e Ciências Físico-Químicas para os cursos de Marinha e de Engenheiros maquinistas navais ou Matemática e Geografia para o curso de Administração Naval;

**b)** Com possibilidade de completarem o curso complementar dos liceus na época de exames de Outubro;

**c)** Com acuidade visual inferior à estabelecida no quadro constante da Portaria n.º 22.987 de 31 de Outubro de 1967, mas obedecendo às condições do despacho ministerial de 25.10.69:

1) Para a classe de Marinha-Grupo B
2) Para as classes de Engenheiros maquinistas navais e de Administração naval — grupo C

**d)** Com mais 1 ano de idade que o estipulado nas condições de admissão.

**3. Documentos a entregar**

**a) Até 16 de Agosto:**

— Requerimento dirigido ao Comandante da Escola Naval pedindo a admissão ao concurso;
— Declaração do estado de solteiro;
— Autorização dos pais para assentar praça ou certificado de emancipação;
— Declaração em papel comum das suas habilitações e respectivas classificações.

**b) Até 21 de Agosto:**

— Certidão narrativa completa do registo de nascimento;
— Certidão do registo criminal;
— Certificado especificado das habilitações literárias.

**4. Provas a prestar**

— Inspecção médica
— Provas de aptidão física
— Exame psicotécnico

Os candidatos residentes no Continente prestarão estas provas na Escola Naval, em Lisboa (Alfeite) na semana de 16 a 20 de Agosto.

Para os candidatos residentes nas ilhas adjacentes e nas províncias ultramarinas a inspecção médica e as provas de aptidão física são realizadas na sede dos respectivos comandos territoriais da Armada na mesma semana.

O Ministério da Marinha tomará a seu cargo os transportes para Lisboa dos candidatos aprovados que fiiquem dentro das vacaturas existentes.

**5. Alistamento**

O alistamento dos candidatos no Corpo de Alunos da Escola Naval será feito em 1 de Setembro, pela ordem que ficarem aprovados, e implica para o aluno a obrigatoriedade de servir a Armada durante 8 anos, a contar da data de promoção a guarda marinha.

**6. Duração dos Cursos**

Os cursos na Escola Naval têm a duração de quatro anos.

As cadeiras de natureza académica, de índole a programas semelhantes às professadas nas Universidades, são consideradas equivalentes nos termos legais.

**7. Condições de Frequência**

Os alunos têm direito aos vencimentos fixados pela legislação vigente (450$00 como cadete no 1.º ano e alimentação e 3500$00 como aspirante nos anos seguintes), aos artigos de fardamento que fazer parte da tabela superiormente aprovada e ainda a assistência médica, cirúrgica, medicamentosa e hospitala nas mesmas circunstancias que os oficiais.

Os alunos são isentos do pagamento de propinas, e recebem as publicações necessárias ao estudo das matérias que fazem parte dos planos de curso.

As condições de admissão e minutas de requerimentos poderão ser consultadas na Escola Naval no Alfeite, e nos liceus, colégios, capitanias dos portos e delegações marítimas.

Quaisquer outras informações poderão ser obtidas na Secretaria da Escola Naval e pelos telefones de Lisboa 270951, 270955 e 270041.

Os candidatos que precisem de deslocar-se à Escola Naval poderão utilizar qualquer dos seguintes meios:

1. — Vedetas que saem da Doca de Marinha às 9 horas e às 9 h. 45 minutos.
2. — Carrinhas da E. N. que largam de Cacilhas às 9 h. 10 m. e às 10 h. 15 m.
3. — Táxis de Cacilhas para a Escola Naval.

Escola Naval, Alfeite, em 23 de Junho de 1972.

O Secretário,
*António Carlos Sousa da Fonseca*
Cap. Frag. AN

DL/DOMINICAL DESPORTOS

# O GRANDE TESTE

Nesta altura do ano em que as colectividades têm absoluta necessidade de conseguir fundos para acudir à revalidação de contratos ou à aquisição de novos jogadores (e escasseia o contributo associativo, por divórcio da grande massa, ausente em férias) assiste-se, com a maior impotência (e, até, muita compreensão) a viagens até à América, onde qualquer sujeitinho de falas mansas goza e brinca com dirigentes de grandes clubes, apenas porque eles, sabendo das dificuldades em que vivem os seus grémios, estão enfeudados a um punhado de dólares: que vai (quem sabe?) aliviar muito a tensão que pesa sobre as suas tesourarias. E vemos, também, que os emblemas metropolitanos, exactamente com os escudos no alvo, embarcam até ao Ultramar, dispostos a treinarem os seus representantes perante as plateias: o que significa a modos que cobrar dinheiro pelos ensaios das grandes peças...

*Allen, entre Iazalde e Nelson*

Assim, aí temos, em Angola (Sá da Bandeira) e Moçambique (Beira) jogos de futebol sem qualquer interesse especial que não seja a competência por um bonito troféu e o saque a notas de mil, não tantas como (decerto) se desejaria mas, de qualquer modo, ainda suficientes para valerem o pagamento de três desgostos: e o preço de algumas cabeças. E que, dos quatro «grandes» em compita neste troféu intercontinental, só um ficará satisfeito: os associados dos restantes vão, de imediato e após o primeiro da temporada, deitar as mãos à cabeça e, entre duas lamentações, desabar um mundo de protestos sobre quem defendeu as suas cores.

Com efeito, este simples e singelo passeio a África pode representar, quer queiram ou não, um equacionar de cabeças para três técnicos de futebol. Sabido que o prestígio de José Maria Pedroto não sofrerá, mesmo perante a mais severa derrota, uma só beliscadura por sócios ou directivos do Vitória de Setúbal, outro tanto não se pode prever, certamente, em relação a Riera, Allen ou Scopelli, caso os ventos da desfortuna lhes soprem pelas costas e, Porto ou Sporting ou Belenenses vierem a conhecer postos demasiado desairosos nesta compita familiar.

E que, por muito que nos tentem convencer do contrário, os grandes exércitos associativos não gostam nada de perder: ainda que se trate de um jogo a feijões, e o adversário seja o mais dilecto e querido dos bons amigos. A história passada tem exemplos aos punhados desta céptica filosofia: e não será ainda, estamos desde já a ver, que a mais imutável das leis sofre alteração.

Por isso, a aceitação deste contrato, por banda de três dos mais cotados clubes do continente, não mereceu a plena concordância dos seus elencos directivos. Numa das colectividades (sabêmo-lo, de fonte mais que segura...) o lugar de dois directores ficou apenas preso por um fiozinho: e sòmente até que se saiba como vão correr as coisas, lá pelos ultramares do calor e das transferências difíceis.

*Scopelli*

*Riera*

Para Ronnie Allen, as condições da derrota perante o Benfica (em Foxboro) em nada são desprestigiantes, sabido que o técnico inglês não contou com três dos seus melhores elementos: Damas, Chico e Dinis. Mas, em Africa, se tiver «o santo de espaldas», como será?

Riera, que já tem todos os reforços que pediu e já dispensou quem quis, como irá ser julgado pela desiludida «claque» portista, anos e anos em busca de um êxito e agora virada de alma e coração para o trabalho do conceituado chileno?

Quanto a Scopelli, homem de belo passado mas [illegible] certamente já curto [illegible] palavras o aguardam, [illegible] azul não conseguir [illegible] desta, brilhar ao sol?

Por isso mantemos [illegible] tada certa pertença [illegible] to. Ele é o único [illegible] os responsáveis, que [illegible] arrisca um ceitil na quermesse africana.

**Neves de Sousa**

# Voleibol: Técnica para principiantes

O serviço (acto de colocar a bola em jogo) foi, até certa altura, executado da forma mais simples, isto é: com o batimento da bola por baixo para o campo adverso.

Dada a facilidade de recepção e o consequente ataque em boas condições, foi-se aperfeiçoando a técnica de serviço, transformando-o numa arma de ataque pela força que se passou a imprimir ao batimento da bola.

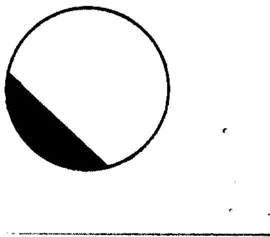
Apareceram assim os serviços «balanceiro» e «ténis», mais tarde transformados em «serviços flutuantes», variação que as equipas mais evoluídas tiveram de adoptar em face da forma eficaz como a recepção actuava perante os serviços em força, neutralizando-os.

Porém, uma pergunta nos surge: valerá a pena arriscar um serviço difícil perante uma recepção eficaz? Parece que não, pois a percentagem de serviços falhados pode ser superior aos conseguidos directamente, já que não motivam faltas na recepção da bola.

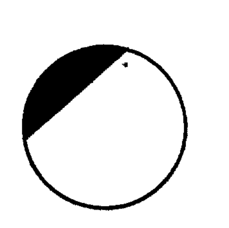
Analisando as diversas variantes do serviço temos:

**Serviço por baixo** — A bola tem de ser lançada ou largada (pois não pode ser batida em apoio) no ponto onde possa ser atingida pela mão no seu curso normal de oscilação. A perna que está à frente é a contrária à mão que bate a bola. Erros que se cometem com frequência: braço demasiado curvo; atirar a bola demasiado perto do corpo, muito longe do corpo ou lateralmente; não entrar em campo logo que a bola é batida, portanto sem ocupar o local normal da posição do jogador 1 em campo.

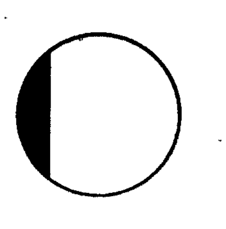
**Serviço por baixo lateral**
A mesma técnica, tendo em atenção que a bola é batida com o braço ligeiramente curvo numa trajectória lateral. Veja-se o ponto de contacto com a bola:



**Serviço ténis** — braço ligeiramente curvo; atirar a bola ao ar em frente da cabeça e nunca atrás; estender o braço para cima e para a frente batendo a bola. Veja-se o ponto de contacto com a bola:



**Serviço ténis flutuante** — o contacto com a bola deve ser breve e sêco: a bola não deve ser imprimida com força; a parte da mão que toca na bola situa-se na zona punho/polegar. Veja-se o ponto de contacto com a bola:



A bola sai sem rotação e, atravessando as camadas de ar que encontra pelo caminho, depara com uma resistência tal que obriga a oscilar. Daí a designação de flutuante.

**Serviço balanceiro** — a bola deve ser batida com o braço ligeiramente curvo para não dar margem a grande choque no cotovelo: pernas afastadas ligeiramente: pés paralelos, pêso do corpo distribuído igualmente sôbre as duas pernas. Quando bate a bol, efectua uma flexão lateral para dentro do campo e a perna contrária entra em campo para o jogador ir logo ocupar o seu lugar. Erros que se cometem: atirar mal a bola (ou seja sem contrôle); o corpo muito direito; executar o lançamento e o batimento com o mesmo braço.

**Serviço balanceiro flutuante** a mesma técnica do anterior mas sem força.

**REMATE**

Chama-se remate ao acto de bater a bola à rêde: e mais ou menos em força para o campo adversário. Ao remate, quando a bola é batida mais em jeito, ou quando é desviada do bloco contrário, dá-se o nome de «amortee».

A técnica do remate consiste no movimento total desde a partida para o remate até à queda depois da bola batida para o campo contrário. O jogador que vai rematar deve colocar-se na zona dos 3 metros e daí partir para o remate. A corrida para o remate deve começar quando o jogador vê a bola atingir o pònto máximo da sua trajectária na curvatura que lhe é imposta pelo levantador.

O jogador que vai rematar deve observar: a posição de partida; a deslocação em passos curtos, soltos, descontraídos e dar um último passo grande; juntar um pé ao outro (ligeiramente afastados, paralelos) e com a biqueira do pé da retaguarda colocada a meio do pé da frente. Os calcanhares são a parte do pé que primeiro toca o solo; ainda deve fazer grande flexão de pernas, com o corpo inclinado ligeiramente à frente, braços atirados para trás das costas para dar impulso à subida. Mais: subir na vertical, quando sobe levantar os dois braços, o braço direito na posição do remate; o braço esquerdo meio flectido, cruzado à frente da cara.

Quando efectua o batimento da bola, o braço esquerdo desce rápido: e o direito desloca-se para rematar, avançando o ombro direito e efectuando como que um ângulo agudo. Cai na ponta dos pés com flexão de pernas. No caso do remate balanceiro, a bola tem de estar afastada da rêde e a corrida é lateralizada.

Há (portanto) cinco pontos fundamentais a considerar e que são: corrida, chamada, subida, batimento e queda

**BLOCO**

Actualmente deve efectuar-se o bloco com as mãos no campo adversário: e para evitar toques na rêde, tem de ser feito de forma impecável, seja por um ou mais jogadores.

Na técnica da execussão do bloco deve atender-se aos seguintes factores.

a) As mãos devem situar-se à altura dos ombros ou queixo, como se estivessem colocadas para um passe.

b) Os braços nunca devem ser puxados de trás das costas para evitar os toques na rêde quando da subida

c) A partida para o salto é feita na posição média e é o poder de pernas (que tem de ser grande) que eleva o corpo.

d) O salto para o bloco deve ser sempre precedido de uma deslocação e o corpo e as mãos devem estar na vertical.

e) O olhar deve acompanhar sempre a acção das mãos sôbre a bola e obrigá-las a procurar a bola.

f) O bloco deve ser feito por 2 ou mesmo 3 jogadores excepto num ataque directo ou noutra situação que justifique o bloco de um só jogador.

Em face do passe e do ataque adversário surge um problema: quando deve começar a fazer-se o bloco? Os blocadores devem começar o salto depois do salto do atacante. Se o atacante executa o remate com a mão direita deve fazer-se o bloco diante do braço que ataca e nunca em frente do jogador. Nunca se deve correr para o bloco. Para atingir uma perfeição absoluta no bloco (que só se consegue com elevado poder de pernas) há que trabalhar afincadamente o salto: e, lògicamente, ministrar treino de pernas.

A título de curiosidade podemos dizer que os jogadores bem treinados atingem:

No salto sem corrida — 65 a 76 cm. de altura

No salto com balanço — 80 a 90 cm. de altura

Jogadores há que, pelo seu elevado treino ou pela sua estatura, conseguem atingir marcas que rondam os 1 a 1,05 m.

No bloco feito por dois jogadores a maior dificuldade está em conjugar o esforço dos dois atletas que tem de ser igual para ambos, quer na deslocação, chamada, salto e mãos.

O bloco (efectuado com as mãos na vertical) pode ser denominado passivo. Com as mãos um pouco inclinadas à retaguarda pode dizer-se que o bloco é activo, pois permite passar logo ao contra-ataque.

Tendo ainda em atenção que podem passar-se as mãos quando da realização do bloco: e se a esse movimento efectuarmos ainda um pouco para baixo, considera-se que o bloco será de ataque pois permite jogar a bola logo para o campo contrário. É o que na gíria, se chama «fazer o chapéu».

Pormenor a considerar: a diferença de estatura entre dois ou três jogadores que efectuem o bloco, um deles deve saltar depois do outro, para poderem ter as mãos à mesma altura quando do bloco ao remate. O bloco nunca deve ser formado considerando un ângulo agudo entre dois jogadores, pois nesse espaço pode infiltrar-se a bola. Deve (sim) fazer-se o bloco considerando o anteriormente referido, mas as mãos dos blocadores devem estar de frente para a rêde e ao lado umas das outras.

O treino do bloco é dos mais aturados e exige um domínio absoluto dos jogadores sôbre si próprios, podendo referir-se que, numa primeira fase, tal treino engloba cerca de 60 esquemas distintos de trabalho à rêde.

**DEFESA EM MERGULHO**

Quanto à defesa em mergulho, quer para a frente quer lateralmente nada há (dentro da técnica) a acrescentar. Apenas se deve referir a necessidade (nos mergulhos laterais) de aperfeiçoar a queda, o batimento da bola e o enrolamento, e dar preferência nas defesas à direita a um jogador com uma boa técnica para esse lado, ou vice-versa. Devemos acrescentar que as equipas japonesas adoptam, no treino da defesa em mergulho, diversos enrolamentos, quedas e batimentos (no esticar dos braços) da técnica do judo.

FERNANDO MONTEIRO


## A C. P. INFORMA:

**APEADEIRO DE ENTRECAMPOS**

**ACESSOS A ESTE APEADEIRO PELO LADO ASCENDENTE**

Com vista à construção de novas plataformas e abrigo para passageiros, no apeadeiro de ENTRECAMPOS, não nos é possível, durante a execução dos trabalhos, manter a plataforma actual assim como o seu abrigo, do LADO ASCENDENTE.

Em substituição desta plataforma está a ser montada outra, com caracter provisório, imediatamente antes do actual viaduto metálico da Avenida da República, ficando a dar acesso a esta Avenida e à Avenida 5 de Outubro.

Tanto os acessos como a plataforma estão providos de luz eléctrica.

Como a actual bilheteira é encerrada, a venda de bilhetes no SENTIDO ASCENDENTE é feita numa dependência a instalar na plataforma provisória. Para os passageiros que embarquem do LADO DESCENDENTE, a venda de bilhetes é feita em trânsito sem qualquer agravamento.

A projectada plataforma entra ao serviço no dia 31 de Julho.

# SPASSKY CONTRA FISCHER:

# DOIS MUNDOS NUM TABULEIRO

O embate escaquistíco entre Bobby Fischer e Boris Spassky, a desenrolar na calma Islândia, transformou-se numa luta de galos, com norte-americanos e russos a transportarem para torno de um tabuleiro de xadrez os seus sonhos de supremacia mundial. Para além do insólito comportamento de Fischer, autêntico «play-boy» entronisado pela habilidade para mover peões, bispos e rainhas, há que destacar andarem envolvidos no debate mais de um quarto de milhão de dólares, o que significará (em moeda portuguesa) cerca de 4250 contos para o vencedor da compita e 3250 para o derrotado.

*ELES*

Spassky é sujeito calmo, amante do ar livre e dos exercícios físicos. Fischer é um dorminhoco: menos de 12 horas diárias de sono não são nada. Spassky tem a sua actuação a ser seguida e comentada por grandes mestres russos em sessões públicas nas principais cidades do seu país. Fischer, que aprendeu a jogar xadrez quando ainda não tinha oito anos, foi ensinado pela irmã (Joan) que, acompanhada pelo marido e por três filhos, está em Reykjavic a prestar «apoio moral» ao mano célebre. Em resposta, os soviéticos decidiram mandar vir a mulher de Spassky, Larissa, que já se encontra na capital islandesa. Fischer continua a assaltar o árbitro Lothar Schmidt com uma quantidade de queixas diárias, além duma dezena também diária de cartas com queixas entregues pelo vice-presidente da Federação Americana, «mister» Fred Cramer, mas assinadas por Fischer. Segundo disse o grande mestre argentino Miguel Najdorf, deve haver uns 300 milhões de pessoas que seguem apaixonadamente o encontro. Muitas não conhecerão bem o jogo mas conhecem Fischer. Najdorf pensa, aliás, que este gahará o campeonato.

*OS E.U.A. SUSPENSOS*

Um dia destes, Bobby Fischer confirmou que, antes de aceitar o recomeço do encontro contra Boris Spassky (interrompido depois da segunda partida) teve uma conversa telefónica com Henry Kissinger.

O conselheiro especial do presidente Nixon exortou-o a retomar o seu lugar na mesa do campeonato, indicou Fischer numa declaração à agência France-Presse. Kissinger disse-lhe: *«Sou um dos piores jogadores de xadrez do mundo, sei muito pouco de xadrez: mas, por favor, continue o encontro. É importante para o nosso país».*

*CONFIDÊNCIAS DE FISCHER*

O correspondente da Agência France-Press, em Reykjavik, assistiu a uma interessante conversa entre Bobby Fischer e o grande mestre argentino Miguel Najdorf, que veio à capital islandesa para assistir ao encontro.

Fischer começou por cumprimentar Nadjorf: *«Arranjou uma bela gravata».* E a seguir: *«Que idade tem?»*

Najdorf: *«62 anos».*

Fischer: *«Com essa idade serei ainda campeão do mundo. Acha que as partidas jogadas aqui têm sido melhores do que as que disputei contra Tigran Petrossian, em Buenos Aires, na final do torneio dos pretendentes ao título mundial?»*

. Nadjorf: *«Creio que sim. Penso que a terceira partida, aqui, foi a melhor. Você jogou xadrez como o Mozart tocava».*

Fischer: *«Como é que acompanhou as nossas partidas?»*

. Najdorf: *«Vi a quinta na televisão, em Nova Iorque, com os comentários dos grandes mestres Samuel Reshevsky e Arthur Bisguier. Teve um grande interesse. E a propósito, eu não compreendo você: pede dinheiro à TV, mas não permite que as câmaras funcionem».*

Fischer: *«As câmaras incomodam-me».*

Najdorf: *«Mas você deve saber que há milhões de pessoas que se interessam agora pela primeira vez pelo xadrez e que falam dele. Este encontro é um acontecimento histórico. Penso que Spassky cometeu um erro na quinta partida porque estava excitado. Os nervos decidiram...»*

. Fischer: *«Neste momento você está excitado?»*

. Najdorf: *«É claro que estou, trata-se do «encontro do século». Como é que você perdeu a primeira partida? Porque é que tomou o peão H-2 sacrificando o seu bispo?*

. Fischer: *«Não foi um erro. Íamos para o empate e eu fiz essa jogada para complicar a situação. Depois, por três vezes, pude obter o empate, mas enganei-me na 40.ª jogada.*

Najdorf: *«Na quarta partida, você esteve em má posição. Spassky podia evitar a troca das rainhas no final da partida que deu a si a possibilidade do empate.»*

Fischer: *«Sim, concordo, estava em maus lençóis.*

No final da conversa, Najdorf declarou ao correspondente da AFP: *«Fischer vai ganhar este encontro. Sabe porquê? Porque Bobby é exclusivamente um jogador de xadrez, enquanto que Spassky é um bom jogador, um grande «gentleman» e igualmente gosta de gozar a vida. Nós sabíamos de que modo Fischer reagia quando era batido... Ora, pela primeira vez vimos agora como ele sabe jogar mesmo quando está a perder por 2/0.*

*«Você lembra-se de que maneira Fischer se comportou em minha casa, em Buenos Aires? (Referia-se à ocasião em que Fischer defrontou Petrossian, tendo nessa altura Najdorf oferecido um jantar de cem talheres). Fischer veio, esteve uns dez ou quinze minutos, e depois foi-se embora para estudar uma idéia para uma nova variante. Tem um grande amor pelo xadrez. Vai tornar-se campeão do mundo».*

ZANUSSI É A FÁBRICA E A PRIMEIRA MARCA
ZANUSSI
FRIGORÍFICOS
COMPRAR QUALIDADE E GARANTIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA É BOM NEGÓCIO
J. J. GONÇALVES, SUCRS. C.I.S.A.R.L.
DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL
LISBOA – Av. Elias Garcia, 123 – Tel. 772013 – PORTO – Rua do Bonjardim, 472 – Tel. 55101
72FRZ-08

DESPORTOS DL/DOMINICAL

# ONDE FICA O LIMITE DA CAPACIDADE FÍSICA?

Pelo DR. J. MATOS DA SILVA

Existe um provérbio, da antiga Grécia, segundo o qual a velhice seria, por si só, uma doença. Se isto é verdade, estamos no direito de perguntar: quando se declara esta doença?

É evidente que não se pode fixar uma idade certa, mas a verdade é que muitas coisas mudam depois de decorrida metade da vida. A partir dos 35 anos de idade, a capacidade física encontra-se já de certo modo diminuída: pode-se mesmo dizer que aos 25 anos se atingiu um limite, no que diz respeito à grande maioria das actividades desportivas. Segundo pesquisas médicas recentes, a «performance» respiratória (capacidade vital), assim como as funções do sistema circulatório, muscular e nervoso, diminuem cada vez mais, à medida que se envelhece.

É do conceito geral que as pessoas idosas se tornam presbitas e precisam de óculos para ler. Isto acontece porque o cristalino já não consegue contrair-se eficazmente, como nas pessoas novas. Este último fenómeno faz-nos compreender que o cristalino perde, com a idade, a sua elasticidade, tornando-se cada vez mais rígido.

Observa-se uma manifestação análoga com os tecidos conjuntivos e articulações. O homem que envelhece torna-se geralmente menos atento e os seus tecidos perdem quase toda a sua elasticidade. Facto interessante: esta faculdade que a vista tem de ver os objectos muito próximos começa a diminuir desde os 12 a 14 anos de idade. A partir desta idade o cristalino perde pouco a pouco a sua elasticidade e o processo de envelhecimento começa. Mas, por outro lado, um ser humano de 12 a 14 anos está sem dúvida na metade ascendente da sua vida: o seu crescimento ainda nem terminou.

Como se verifica, o crescimento e a juventude por um lado, a rigidez e a velhice por outro, têm acções sobrepostas. Quando se toma como critério de envelhecimento a rigidez em ossificação, ou a calcificação, é-se levado a dizer que alguns órgãos envelhecem muito cedo, como por exemplo os ossos e o cérebro. Pelo contrário, há órgãos que permanecem jovens e conservam uma faculdade de crescimento e regeneração até uma idade avançada: tais como a medula óssea e alguns órgãos do sistema metabólico. Quando a calcificação aparece num osso, esta é sã, e isto acontece mesmo nos primeiros tempos de vida; mas se ela aparece no sistema vascular, mesmo que se trate de uma pessoa idosa, esta terá de considerar-se mórbida. A questão do envelhecimento é, portanto, de base, uma questão de órgãos atingidos por este fenómeno.

Não há dúvidas que todos os órgãos, pouco tempo depois de atingirem o seu máximo de desenvolvimento, entram uma fase de regressão e perdem um pouco das suas faculdades. Quase sempre isto acontece a par de um ligeiro endurecimento. Este processo é incessante e inevitável. Assim, as glândulas digestivas não começam a funcionar senão na infância: mas, no homem que envelhece, as suas funções enfraquecem — e uma pessoa extremamente idosa não poderá (portanto) suportar uma alimentação pesada. Do mesmo modo, a capacidade que se desenvolve a princípio progressivamente, enfraquece a caminho da velhice, mesmo que o indivíduo não seja calcificado.

Trata-se assim, de saber em que momento os fenómenos de envelhecimento estendem os seus efeitos sobre todo o organismo em detrimento das forças de rejuvenescimento. Na realidade, o que mais importa não é a idade determinada pelo acto de nascer: mas sim o estado em que se encontram, no homem, estas relações de força. Em consequência destes factos, teremos que, por justo direito e por razões científicas, diferenciar a idade biológica da idade civil estabelecida pelo calendário.

Uma criança de 10 anos de idade pode apresentar um ar de velho, e mesmo senil, e pode sê-lo efectivamente no seu comportamento e na sua alma. Ao contrário, uma pessoa de 70 anos pode parecer ainda jovem, activa e robusta, e sê-lo efectivamente. Isto depende seguramente do facto de uma grande parte das forças vitais terem sido mais ou menos despendidas ou, ao contrário, conservadas. Entretanto, é compreensível que tudo o que representa um endurecimento ou, mais frequentemente, um estado de precocidade, implica um certo envelhecimento prematuro.

Quando se dão a um lactente quantidades relativamente grandes de vitamina D, para que tenha os ossos robustos, a ossificação e o endurecimento desejados podem muito bem ultrapassar os seus fins e conduzir a uma esclerose ou mesmo a uma senilidade precoce.

Sempre que as crianças estão «amadurecidas» para a idade ou mais significativamente «avançadas», este acto encanta verdadeiramente os pais e no entanto ele pode significar um envelhecimento prematuro. Naturalmente que essas crianças não parecem à primeira vista «senis»: mas, o conjunto do seu processo de envelhecimento não é menos evidente. As idades sucedem-se mais ràpidamente, sem que a evolução da alma siga o mesmo movimento. Este leva os seus efeitos até à maioridade. Nesse momento, o ser humano está «usado» ou atingido por uma esclerose geral.

Não há dúvida que o que se chama «a esperança da vida» do ser humano aumentou notàvelmente nos nossos dias, mas muitas vezes a vida é a vida de um homem doente. Vêem-se ainda, sobretudo, as doenças do endurecimento, quer dizer, dos depósitos no organismo, tais como reumatismo, gota e diabetes, mas mais ainda a arteriosclerose com as suas consequências.

De todos estes factos podemos deduzir que a prevenção contra estas doenças da velhice deve praticar-se durante a infância e a juventude. Todo o processo prematuro de endurecimento favorece mais tarde, na idade senil as enfermidades aqui assinaladas.

Daí o conselho: praticar desporto é (pode ser) a grande fuga à brusca queda na velhice. E o Verão, como praias e campos à espera do ser humano, é um convite que não pode ser desprezado.

*Primeira experiência*

*Granitado vermelho*

*Agradável e macio*

*Sensação diferente*

# QUEM TEM MEDO DO TARTAN?

**Por LÍDIA FARIA**

**Recordista internacional de atletismo**

**Fosto de J. Tavares**

. Depois de um breve interregno, volto hoje aqui, já com saudade como é evidente. Mas, verdade é que necessitava de uma pausa capaz de conceder novas forças para uma luta que nem sempre tem o sabor de vitória: a luta por um desporto melhor. Ao mesmo tempo, aproveitei a ausência saboreando o brinde do futebol nacional por terras de Vera Cruz, não ficando também desiludida com a actuação do meu conterrâneo Joaquim Agostinho lá pelo país do can-can. Enfim: foram representações que prestigiaram o nosso Desporto,o que não sucede todos os dias.

Pois, este fim-de-semana, temos mais um marco a assinalar no panorama desportivo nacional: a pista de Tartan do Estádio Nacional. Será a primeira entre nós e será, talvez, o facto que irá recordar os actuais Jogos Luso-Brasileiros prestes a morrerem de desinteresse.

Estive já na nova pista do Estádio do Jamor. Fui lá, como muita gente, para apreciar e (no meu caso) experimentar o tartan. Procedia-se, na altura às respectivas marcações por uma equipa técnica. Experimentei a sensação (agradável) de lá correr. Foi apenas o contacto com aquela nova (entre nós) matéria que debaixo dos pés se assemelha a borracha. Ninguém diria que esse «granitado» avermelhado seria tão agradável e macio.

Pois, gostei do tartan, embora saiba que alguns dos nossos atletas estão cheios de receio de lá correrem. Isso é próprio de nós, mulheres... Mas, no fundo, até esse medo tem de ser batido pela confiança.

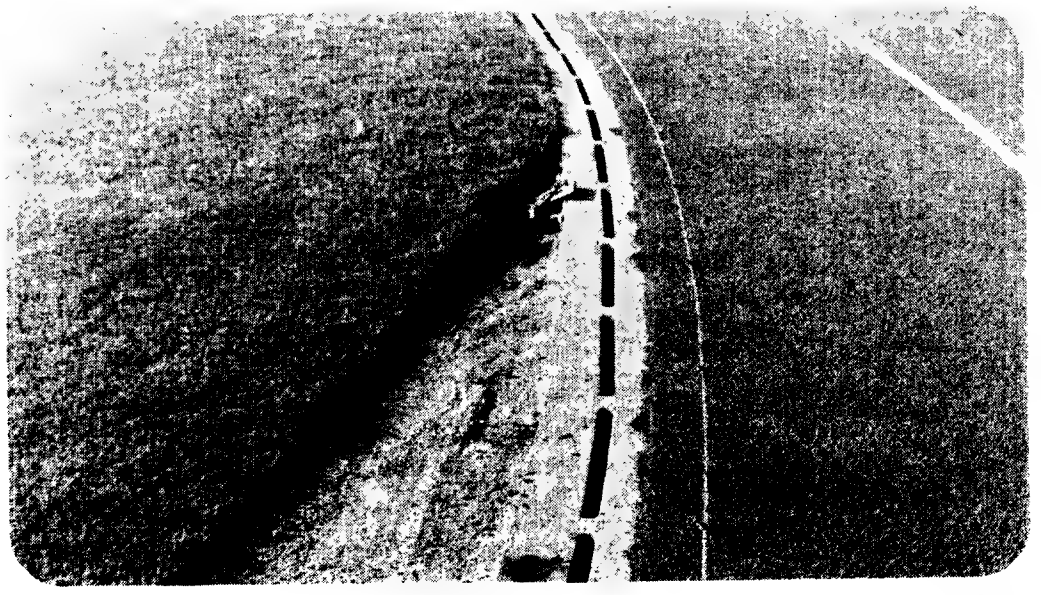
Assim, e em antevisão, uma ideia: é quase certo que, no futuro, as pistas de cinza vão estar às moscas. Mas, até lá...

Fiquei, nesta minha experiência e visita, decepcionada com os acabamentos ao redor do melhoramento. Assim: aquela pedra miúda ao redor da pista vai invadir os corredores de corrida — e pedra com borracha não liga bem. A última pista (sete) torna-se perigosa para o atleta que nela corra, pois a vala está a centímetros dos seus pés. As caixas de ferro (de rega da relva) continuam a nível muito superior ao do terreno, pondo em risco uma lesão, que até pode ser grave. A economia de relva ao redor do campo de jogos (linhas de cabeceira e lateral) parece também não ter justificação: trata-se de defender a integridade física do atleta e não de um luxo.

Como se poderá ver, o tartan, maravilha de hoje, é afinal acompanhada pelos homens de ontem...

*Melhor impulsão*

*Como se fosse borracha*



*Se alguem tropeça...*

*... haverá um grande desastre*

## A C. P. INFORMA:

### OS MILITARES E A AUTOMOTORA N.º 5018

A partir de 5 de Agosto, todos os portadores de **BILHETES ESPECIAIS PARA MILITARES**, que embarquem na estação de VIANA DO CASTELO e seguintes no sentido do PORTO, não poderão utilizar a automotora N.º 5018 aos sábados, domingos e dias de feriado oficial.

ETF 36 A

**barcos de recreio**

**motores EVINRUDE de 2 a 155 HP**

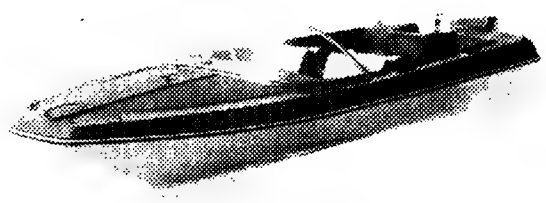
*As mais afamadas marcas de barcos de recreio, a remos ou a motor, para a prática de ski aquático, pesca e caça submarina.*

DELL QUAY
**DORY**
EM FIBRA DE POLIESTER

**Nacionais**
EM FIBRA DE POLIESTER

**ZODIAC**
PNEUMÁTICOS DE ORIGEM FRANCESA

**ACHILLES**
PNEUMÁTICOS DE ORIGEM JAPONESA



EM EXPOSIÇÃO NO SALÃO DE VENDAS DOS REPRESENTANTES
**MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.**
AVENIDA 24 DE JULHO, 62-C — LISBOA — TELEFS. 66 77 94/8

DL/DOMINICAL — DESPORTOS

# SETE DIAS EM PARADA

1 — Eddy Merckx «limpa» tudo na «Volta à França»: e Agostinho, diminuido por facto quase estranho à própria corrida (análise «anti-dopping» positiva) realiza um contra-relógio muito além das suas reais e insofismáveis possibilidades. Na tabela geral, o campeão português contenta-se com o 8.º posto, ficando com o 3.º na classificação da «montanha». Trinta e três por cento de abandonos reflectem, insofismável e claramente, as dificuldades do mais duro, mais acidentado e mais difícil «Tour» de sempre. Ao lado dos quase 400 contos ganhos pelo fenómeno Merckx, ficam as receitas de Agostinho como cota inferior à possível de recolher. De qualquer modo, ainda assim não foi mau de todo: 11 contos pelo 8.º lugar na geral, cinco contos e meio pela posição final na «montanha», cerca de 38500 escudos por presença e conquista de outros louros, nomeadamente nas escaladas. Depois, Agostinho vai à vida: quem o quiser contratar para circuitos já sabe que o nosso homem não cobra menos de 15 contos por espectáculo.

2 — Enquanto Ronnie Allen desembarca na Portela de Sacavém e declara que dois dos golos do Benfica perante o Sporting foram consequência de intervenções infelizes de José Carlos na cobertura da sua baliza, os adeptos dos «leões» reúnem-se em conclave, para escutarem a confissão do seu presidente (disse o dr. Brás Medeiros: **«sou o culpado de termos perdido o campeonato»**), encararem com optimismo o próximo início das obras da «Cidade Desportiva» e o aumento do preço das cotas mensais, tomarem conhecimento de que o clube não está disposto a pagar pela renovação dos contratos de Peres e Dinis o que os futebolistas solicitam e, sobretudo, para atacarem (frontal ou indirectamente) a Imprensa, habitual válvula de escape para insucessos e frustrações.

3 Desinteresse quase absoluto em face da inexpressiva manifestação desportiva que dá pelo nome de «Jogos Luso-Brasileiros»: e Angola, Moçambique e o Continente a assistirem a uma torrente de desfechos quase totalmente favoráveis ao grupo visitante que, nem por sombras, tem representatividade na primeira linha do desporto brasileiro. Os três jornalistas convidados pela Direcção-Geral a seguirem de perto os cotejos são (afinal e também) os primeiros a proclamarem, nos seus jornais e em uníssono, que a orgânica do encontro está errada: e os dias estão contados para uma iniciativa que poderia ser válida e proveitosa.

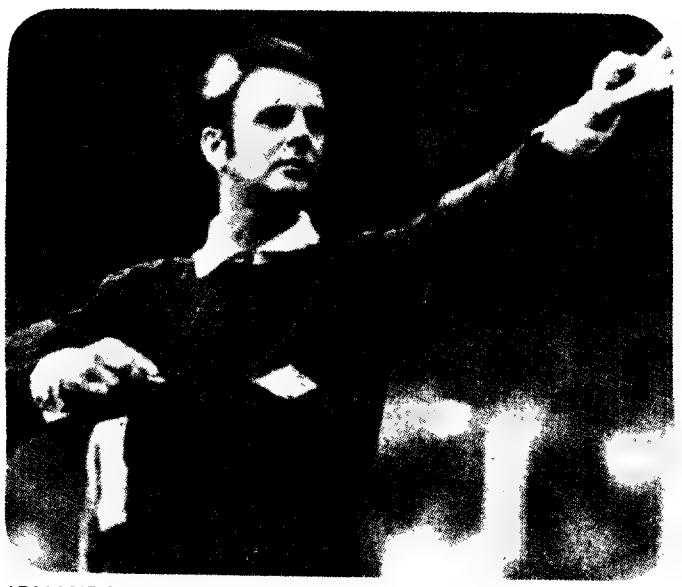
4 — Portugal apresenta-se na Corunha, no 20.º campeonato mundial de hóquei em patins, para tentar a reconquista do título em equação. Sem Jorge Vicente e com Elias e José Carlos a funcionarem como espectadores de honra, a turma escolhida por Guilhermino Rodrigues inicia a campanha debatendo-se com tremendas dificuldades ante o Vitória de Setúbal seguem o mesmo rumo: a meta é a Africa Portuguesa que não terá, por ora, ensejo de admirar as «gambetas» de Dinis, os longos lançamentos de Peres, as acrobáticas defesas de Damas, a genica de Guerreiro e o regresso à boa forma de Vieira Nunes. Mas, em contrapartida, lá mais para o sul, anuncia-se um prato de gala: Simões, Toni e Humberto Coelho, de botas calçadas, a alinharem por uma turma cujo emblema não conhecem mas onde sabem que vão ter férias pagas a 50 notas de mil por cabeça.

6 Cassius Clay passa por Lisboa: e não se afasta um centímetro da sua linha política de rumo. Nixon ou McGovern? Pois o diabo que escolha um deles. Quanto ao resto, que sim senhor: que Frazier vai levar nas lonas, que Patterson vai ficar estendido no ringue, que ninguém o conseguirá travar da reconquista do trono e da coroa de campeão mundial de todas as categorias no universo do murro. E abalou para Casablanca, onde os dólares da exibição são menos proibitivos que em algibeira de portugueses.

*O imponente casal Clay*

7 A mais séria das dificuldades em torno de uma verdadeira selecção do ciclismo português, com capacidade que justifique a exibição (ainda que só à partida) para um «mundial» de estrada. Joaquim Andrade? Recuperação muito improvável, depois do desleixo físico com que se apresentou ao tiro de largada para «Volta à França». Fernando Mendes? Presença deveras impossível, após a queda sofrida quando pedalava em busca de fama e de francos. Venceslau Fernandes? O Centro de Medicina Desportiva de Lisboa dá o dito por não dito (ou o não dito por autêntico) e elimina o benfiquista ainda antes da primeira pedalada. E fica a questão no ar: que vamos fazer a Gap? Agostinho, um dirigente e um massagista não chegariam (sobrando) para o comportamento que se adivinha?

**N. de S.**



ARMANDO Marques: árbitro brasileiro é convidado pelo União de Coimbra para dirigir jogos num torneio comemorativo da subida de divisão. No seu país chamam-lhe Armandinho.

## COREANOS DANÇAM EM PARIS

PARIS — Formado por sessenta bailarinos, o «Ballet Nacional» da Coreia do Sul vai dar uma série de espectáculos no Teatro dos Campos Eliseos, sob o patrocinio da Associação Francesa de Acção Artistica. O programa, que será cumprido de 11 a 16 de Setembro inclui um espectáculo de cantares e danças folcloricas da Coreia.

## TROPA: braçada em seco

Alfredo Tropa é, na opinião de pessoas que sabem o que dizem, o melhor realizador da nossa Televisão e um dos mais promissores cineastas portugueses. Por isso mesmo, grande foi a minha surpresa (e, por certo, a de outros telespectadores) quando, no final de uma incrível transmissão directa da piscina de Coimbra, topei com o nome do jóvem realizador na indicação de responsável pela reportagem. Nem acreditei!

Jogos luso-brasileiros, ambiente de festa, confraternização, público aos montes (ai não, que era de «borla») alegria às carradas e câmaras doidas, num delírio constante em torno dos atletas em competição. Aquilo não eram imagens de uma prova desportiva, mas simples achegas para um documentário de (má) divulgação. Tão depressa se via um grande plano do nadador que seguia em primeiro lugar como do que ía em último, imagem da pista 2 como da 5, do vencedor como da assistência: tudo isto com as provas a decorrerem. E a gente, os pagantes, sem entenderem patavina.

Afonso Gonçalves comentava, claramente desfasado daquilo que nos era dado ver (ou não ver, como queiram). A páginas tantas: **«aqui está fulano, vencedor desta prova»**. As câmaras estavam, exactamente nesse momento, com a preocupação de focar um nadador ainda com alguns metros para percorrer. Seria o 2.º classificado? Ou o último?

Em face desta trapalhada, desta inutilidade de estarrecer, pergunta-se: a quem serviu e para que serviu aquela «transmissão directa» que a R.T.P. efectuou da piscina municipal de Coimbra? E responde-se: a ninguém. Para nada. E insiste-se: o realizador Alfredo Tropa percebe alguma coisa de Desporto? Já teria visto uma prova de natação? Mais: Alfredo Tropa esteve em Coimbra? Mas, este mesmo, na noite de 5.ª feira? Ia jurar que não.

**ALEXANDRE PAIS**

**SECRETARIA DE ESTADO DA AERONÁUTICA**

**REGIMENTO DE CAÇADORES PÁRA-QUEDISTAS**

**CONSELHO ADMINISTRATIVO**

**VENDA DE FARDAMENTO INCAPAZ**

O concurso público para arrematação de lotes de fardamento incapaz foi transferido do dia 26 de Setembro para o dia 17 de Agosto.

Quartel em Tancos, 28 de Julho de 1972.

O CHEFE DA CONTABILIDADE

**Domingos Gomes do Amaral**
Capitão I. C.

1.os JOGOS FLORAIS NACIONAIS DO C.A.T. COELIMA

PRAZO DE ENTREGA

31 AGOSTO 1972

Lencois COELIMA — Pevidem

1º GRANDE PRÉMIO DE MOTOCICLISMO

Organização da Federação Portuguesa de Motociclismo

5/6 de Agosto 15,00h

DO CAMPEÃO DO MUNDO;

ANGIEL NIETO

NAS CATEGORIAS DE

50/e 251/500 c.c.

Prova Ibérica:

50, 125/ e 250/ c.c.

Provas Nacionais:

50, 125/250

e 251/500 c.c.

Bilhetes à venda:

Em Lisboa:

Agências Abep e Abelha

No Estoril:

Junta de Turismo da Costa do Sol e nos escritórios do Autódromo

Preços:

| Sábado, 5/8/72 | Domingo, 6/8/72 |
|---|---|
| Central – 40$00 | Central – 50$00 |
| Lateral – 25$00 | Lateral – 30$00 |
| Peão – 10$00 | Peão – 15$00 |

Parques:
Autos: 10$00 – Motos: grátis

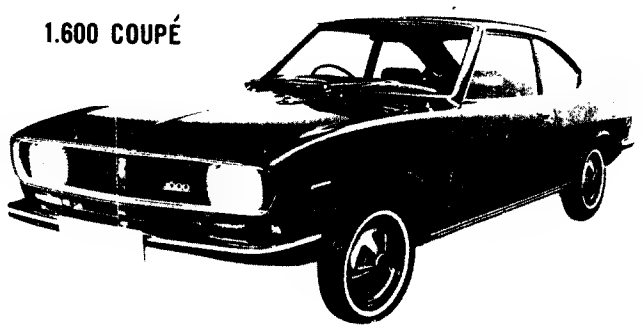
Transportes assegurados a partir do Cais do Sodré
Ligação em autocarro Estoril-Autódromo: 5$50

NOTA: Os possuidores de lugar cativo e os participantes com opção, têm de obter o bilhete de ingresso, que lhes será facultado contra a apresentação da senha correspondente à corrida n 2 O levantamento desses bilhetes deverá ser feito nos escritórios do Autódromo a partir do dia 1 de Agosto

Espectaculo para m/ de 6 anos
grupo A

autódromo do estoril

o maior empreendimento turístico-desportivo do país

CASQUILHO
& FILHOS, LDA.
AGENTE OFICIAL
MAZDA
1.600 COUPÉ

visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa

HIPOTECAS
Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei
Transacções rápidas e com o máximo sigilo
A CONFIDENTE
Rua do Ouro, 292, 1. (Esq. c/ o Rossio)
LISBOA Telef. 369384/5/6

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO
CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer
OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...
E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...
Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

APENAS POR 2$50
Pode encontrar a solução para o SUCESSO que tanto ambiciona.
Envie hoje mesmo 2$50 em selos de correio para:
C. I. M. — Apartado 5050 — LISBOA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.
Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.
Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.
Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.
Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

# PARA O PERÍODO DE 30 DE JULHO A 5 DE AGOSTO

# horóscopo pelo astrólogo HORUS

## ÁRIES

*(21 de Março a 20 de Abril)*

**AMOR:** Domine um pouco mais o seu temperamento impulsivo. Poderá ter decepções no terreno sentimental. Mantenha as suas emoções sob controlo. Poderá consolidar um afecto recente que tem neglegenciado até agora.

**DINHEIRO:** Possibilidades de dinheiro através de negócios de imóveis, mas é preciso evitar os que sejam demasiado arriscados. Sejam quais forem os jogos de azar que lhe proponham, saiba que os astros se opõem a tal actividade. E preciso também ter a maior atenção se tiver de assinar contratos ou fazer novos negócios.

**PROFISSÃO:** A pouco e pouco registar-se-á uma evolução favorável dos seus assuntos profissionais, e poderá tirar daí o melhor partido. Não se fie nas promessas de terceiros.

**SAÚDE:** Evite qualquer excesso ou esgotamento. Durma bastante e não deixe de escolher a sua alimentação.

## TAURUS

*(21 de Abril a 21 de Maio)*

**AMOR:** Um encontro imprevisto lhe proporcionará muitas alegrias no terreno sentimental. Boas possibilidades de fazer progredir os seus assuntos sentimentais, e igualmente todos os projectos em suspenso referentes a esses assuntos.

**DINHEIRO:** Encontrará uma colaboração muito boa para resolver os assuntos relacionados com os seus negócios. Há indícios de lucros moderados em negócios e transacções financeiras.

**PROFISSÃO:** Poderá obter sucesso nos seus assuntos profissionais em curso. Altura favorável para procurar e encontrar apoios úteis. Desfavorável para deslocações de qualquer espécie.

**SAÚDE:** Mantenha a sua calma e em pouco tempo a crise passará. Controle os impulsos de ira.

## GEMINI

*(22 de Maio a 21 de Junho)*

**AMOR:** Deixe que a pessoa amada tome as iniciativas e trace os programas para este período. Terá mais alegrias no terreno sentimental. Não fale de mais durante esta semana e não dê ouvidos a falatórios.

**DINHEIRO:** E conveniente manter em segredo os planos e projectos que tem em mente. As diligências relacionadas com os seus projectos materiais tendem a evoluir favoràvelmente. Imponha-se com cuidado e diplomacia e inteligência, mas tenha em conta as ideias e os desejos dos outros.

**PROFISSÃO:** A situação, no seu trabalho, exige um esforço um pouco maior do que o do costume. Com calma e inteligência, breve tudo se normalizará. Profissionalmente não procure forçar as coisas, o sucesso virá na devida altura.

**SAÚDE:** Seja prudente no decorrer de qualquer viagem que faça.

## CANCER

*(22 de Junho a 22 de Julho)*

**AMOR:** Mantenha as suas emoções sob controlo poderá ter uma grande decepção no terreno sentimental. Seu temperamento ansioso vos fará sofrer, não se contentando com o que a sorte lhe proporcionará, durante esta semana. Procure dominar-se, e a situação melhorará.

**DINHEIRO:** Não fuja a responsabilidades, nem despreze amigos que um dia ainda lhe venham a ser úteis. Os erros de julgamento e as explosões de cólera apenas destruirão a sua segurança. Empregue as suas energias nas tarefas, e não se deixe iludir por miragens.

**PROFISSÃO:** Será uma semana muito satisfatória, pois seus esforços serão finalmente reconhecidos. Poderá conseguir um lugar de destaque se agir com inteligência. Uma atitude realista e adaptável permitir-lhe-á atingir os seus fins.

**SAÚDE:** Para acabar com perturbações digestivas, consagre um dia da semana, pelo menos, a um regime de frutas. Use de cuidado não despreze a sua saúde.

## LEO

*(23 de Julho a 22 de Agosto)*

**AMOR:** Haverá muita curiosidade em torno de si e muitos procurarão provocar confidências, mostrando-se interessados na sua felicidade; tenha cautela. O importante é estar em paz com a pessoa que ama. Contudo, Vénus recomenda discreção nos assuntos sentimentais.

**DINHEIRO:** Não aparecerá nada de interessante no trabalho rotineiro. Entretanto, se tiver alguns negócios arrojados em vista, não perca a oportunidade. No entanto, há indício de paragem momentânea dum assunto pecuniário.

**PROFISSÃO:** Não rejeite uma proposta de trabalho antes de a ter examinado atentamente. Será um pouco difícil conciliar as suas opiniões com as das pessoas que vos rodeiam de perto; não insista, pois um projecto profissional pode ainda ter necessidade de ser aperfeiçoado antes de ser executado.

**SAÚDE:** Evite conservas em geral, antes que mais tarde venham a tornar-se prejudiciais ao seu organismo.

## VIRGO

*(23 de Agosto a 22 de Setembro)*

**AMOR:** Os astros vos arrastarão a sentimentos muito romanescos, aos arrebatamentos. Tudo correrá bem se estiver muito seguro da pessoa amada. Vida mundana movimentada, relações de amizade muito agradáveis.

**DINHEIRO:** Vai entrar num período interessante e muito importante. A sorte está do seu lado; utilize plenamente a sua energia e siga em frente sem receio, sobretudo no capítulo material.

**PROFISSÃO:** Grande surto de actividades que vos entusiasmará. Aparecerão muitas novidades interessantes. Depois de uma viagem inesperada e não desejada, obterá vantagens num domínio que não suspeitava; procure tirar todo o partido da situação.

**SAÚDE:** Será boa, desde que não abuse excessivamente das suas forças.

## LIBRA

*(23 de Setembro a 22 de Outubro)*

**AMOR:** A vida sentimental mostra-se um pouco confusa. Trate de ver dentro de si próprio e evite qualquer discussão com a pessoa que ama. Se tal tendência não for reprimida, diminuirão muito as suas probabilidades de felicidade. Se souber escolher as suas amizades poderá ser muito feliz.

**DINHEIRO:** Poderá perder dinheiro e tempo se der ouvidos a amigos que apenas se aproveitam da sua amizade em seu próprio proveito. Chegou a ocasião de obter lucros no trabalho de colocação com sócios e pessoas capazes de ajudá-lo.

**PROFISSÃO:** Caminhará mais seguramente ao encontro dos seus desejos se se limitar a dedicar-se às coisas de valor permanente. Acima de tudo, fuja aos perigos do egoísmo, da presunção e da teimosia. E uma excelente semana para novas relações, inclusive na vida comercial. Contudo, seja tolerante com as faltas dos seus semelhantes.

**SAÚDE:** Tenha muito cuidado com a sua pele; afecções a temer.

## SCORPIUS

*(23 de Outubro a 21 de Novembro)*

**AMOR:** Importante, neste período, é amar e ser correspondido. E é este o seu caso. Fora disso, tudo correrá superfluamente e sem resultado prático. Período muito bom para o amor. Faça planos para o futuro.

**DINHEIRO:** Terá satisfação com o rumo que tomarão os acontecimentos durante este período, principalmente se estiver na disposição e assentar um programa orçamental. Em suma: as vibrações favoráveis se fazem sentir na sua vida privada, assegurando o seu progresso, material.

**PROFISSÃO:** A semana ser-lhe-á muito favorável ao trabalho. Cuide da sua correspondência, pois há indícios de que receberá uma boa notícia de pessoas distantes. Os que estiverem prestando a sua colaboração a grandes organizações, assim como servidores públicos, poderão cuidar do seu próprio bem-estar com redobrada confiança.

**SAÚDE:** Constipação, distúrbios digestivos a temer. Evite gelados.

## SAGITTARIUS

*(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)*

**AMOR:** Não use de franqueza demasiada e lembre-se de que certas regras de psicologia aplicada são de grande eficácia. Saiba dar o rumo que a sua vida sentimental está a exigir. Não se precipite.

**DINHEIRO:** A semana não se recomenda para empréstimos de dinheiro. As dívidas contraídas agora talvez só muito dificilmente serão saldadas. Não confie de mais na sua sorte, embora possa estar certo de que cumprirá todos os contratos que fizer.

**PROFISSÃO:** Dentro em breve, poderá haver uma grande e talvez total modificação em sua vida de trabalho. Faça tudo com carinho e sempre com cautela. Entretanto, não conte com muita alegria ou liberdade de acção durante este período.

**SAÚDE:** Poupe a sua vista. Um exame médico lhe será muito útil.

## CAPRICORNIUS

*(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)*

**AMOR:** Muito cuidado na selecção da criatura a quem se unirá pelos laços matrimoniais, se quiser poupar muitos aborrecimentos. Fuja dos casos concretos e dos amores ilícitos, pois o aspecto de Vénus inclina as aventuras sentimentais.

**DINHEIRO:** O período não se apresenta muito favorecido em matéria de dinheiro. No entanto, se tomar as devidas precauções, a sua situação manter-se-á mais ou menos estável, firme. Não são aconselháveis as especulações ou negócios arriscados.

**PROFISSÃO:** As discussões na sua profissão devem ser muito ponderadas e calculadas, tendo em vista principalmente as condições actuais. Não faça nada precipitadamente. Procure esforçar-se mais no seu trabalho para conseguir melhorar de posição. Haja com inteligência e diplomacia.

**SAÚDE:** Disposição a contrair infecções intestinais; faça um tratamento depurativo, ingerindo alimentos leves.

## AQUARIUS

*(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)*

**AMOR:** As suas influências planetárias aconselham o arbitramento das divergências como o meio mais seguro de solucionar problemas. Outro aspecto mais favorável ajudará a afastar algumas preocupações, notadamente as relacionadas com crianças, parentes e amigos íntimos.

**DINHEIRO:** E possível que das relações comerciais, e mesmo dos litígios, surjam novas fontes de renda, a que não serão estranhos os seus colaboradores. Talvez diminuam as críticas e já não seja tão grande a resistência aos seus planos e desejos.

**PROFISSÃO:** Conte com os conselhos e esforços das pessoas que vos cercam em seu trabalho. Seja compreensivo. Uma posição astral em aspecto adverso esta semana indica que a ocasião não é indicada para mudança de ocupação ou emprego.

**SAÚDE:** Deve ser um pouco vigiada. Evite os divertimentos seguidos.

## PISCIS

*(20 de Fevereiro a 20 de Março)*

**AMOR:** Serão realizados os seus projectos desde que mantenha uma conduta adequada ao que se propõe. Trate de ser prudente e controle os sentimentos. Procure fazer um bom programa para o final da semana junto da pessoa amada. Terá muitas surpresas agradáveis.

**DINHEIRO:** A semana será boa para chegar a acordos de trabalho. Conseguirá melhorar a sua situação financeira. Apresenta-se um período de tranquilidade e satisfação. E provável que recolha agora o fruto de prolongados esforços. Em todo o caso, cuide do que é seu.

**PROFISSÃO:** Chegou a altura de realizar os seus planos, sem desfalecimentos, embora não seja conveniente efectuar por enquanto alterações importantes, na sua situação. Confie mais no seu trabalho do que em possíveis ajudas, e reafirme a sua fé nas coisas que para si têm um significado especial.

**SAÚDE:** Não abuse da sua resistência física; evite desportos violentos. O seu estado será satisfatório desde que que não faça extravagâncias.

# A NOVA EFICÁCIA

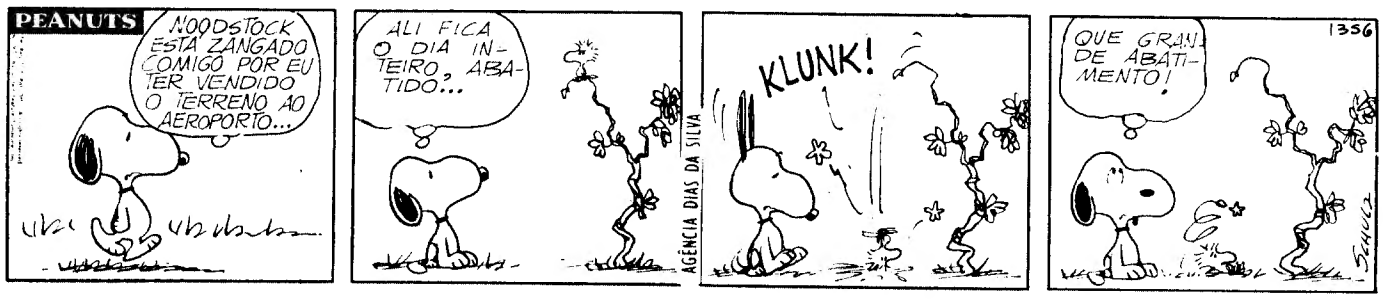
Leio no DL, em notícia de S. Francisco, que astrónomos daquela cidade prevêem que existe um planeta muito para além de Plutão, o planeta mais distante até hoje conhecido, ou, enfim, suspeitado. J. I. Brady, da Universidade da California, escrevendo no jornal da sociedade astronomica do Pacifico, calcula que o planeta X é três vezes maior do que Saturno mas está escondido da Terra pelo brilho das estrelas da Via Láctea. Brady e outros cientistas baseiam as suas previsões no trabalho do gigantesco complexo de computadores do laboratório de radiação de Livermore.

Precisamente no mesmo dia em que leio esta notícia, sei também pelo *Paris-Match* que está a ser feito na Faculdade de Letras de Nancy um dicionário de lingua francesa de uma riqueza incomparável. Seu autor é um computador, o Gama 60. Esta máquina de tendências literárias tem digerido os grandes estilistas franceses de todos os tempos, alguns dos quais usaram na sua obra um número impressionante de palavras.

Até agora o Gama 60 já pôs de parte 90 milhões de palavras. Uma obra gigantesca que, feita pelos homens, ocuparia muita gente durante muitos anos, e que este computador literário faz com grande à vontade.

Um novo dicionário, um novo planeta. Só num dia. Quantas coisas mais, boas e más, nos darão estes novos escravos a quem concedemos inteligência e poder, talvez com demasiada precipitação e demasiado entusiasmo. Sempre adorámos que trabalhassem para nós e os computadores são muito eficazes. Eficazes demais, talvez, há quem o receie.

**Emília Bravo**



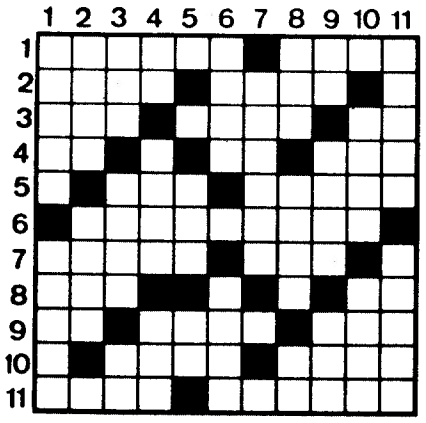

## palavras cruzadas

### COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10152

**HORIZONTAIS:**

1 Desfalque (fig). Homem que entre as classes populares da India, acompanha o noivo, como paraninfo.
2 Numeral. Origens. (pop). Quinhentos e um em romano.
3 Rato. Papo (pop). Quinhentos e um em romano.
4 Osmio (s. q). Artigo definido. Apelido. Remate.
5 Grei. Nublado.
6 Estabelecimento onde recebem instrução os jovens que se destinam à carreira eclesiástica.
7 Estômago (fig). Correnteza.
8 Bosque (T. de São Tomé). Antes de Cristo.
9 Rádio (s. q). Régulo. Pedra de altar.
10 Mais mau. Divisavam.
11 Um dos estados da América do Norte. Concluida.



**VERTICAIS:**

1 Diadema. Sujo.
2 Cursos de água naturais e abundantes. Bilha para maluvo, na Lunda. Artigo definido.
3 Letra grega. Medida de madeira para vinho, no Porto. Letra grega.
4 Solitário. O mesmo que ulmeiro. Fecho as asas para descer mais depressa.
5 Suspiros. O sono das crianças.
6 Patrões. Produto.
7 Ocultar.
8 Rio de Inglaterra. Pequeno peixe brasileiro. Seis em romano.
9 Tempo do verbo ser. Sem calor. Camareira.
10 Filha de Belo, rei de Tiro, e irmã de Pigmalião. Cidade da Roménia.
11 Lucro importante (fig). Dispõe em camadas.

Resolveu completamente....

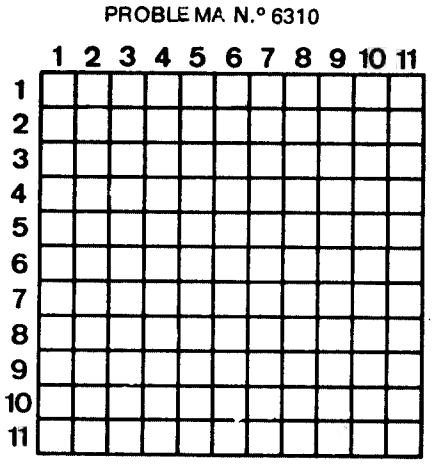
**Resolveu completamente este problema?**
**Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.**

### NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6310

**HORIZONTAIS:**

1 Antigos povos das margens do Reno. Anima.
2 Género de batráquios, cujo tipo é o sapo-parteiro. Governos (fig).
3 Nota musical. Percorras. ITEM.
4 Cabelos brancos. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Abismo.
5 Guarnecer de asas. Costuro.
6 Nome de um planeta. Espaço de trinta dias.
7 Falseia. O mesmo que outar.
8 Escudeiro. Prende. Espécie de mata (T. de São Tomé).
9 Post scriptum. Cassa. Reis.
10 Além. Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday.
11 O mesmo que Romano (ant). Desenrugo.



**VERTICAIS:**

1 Quinhão (pop). Vedar.
2 Rio do Brasil. Sulco.
3 Níquel (s.q). Grande sala. Ribeira da Ásia Russa.
4 Base aérea portuguesa. Nome de homem. Renque.
5 Inércia. Homem de baixa estatura.
6 Distrito da Índia Portuguesa. Pau-ferro.
7 O mesmo que aldeia. Espirito.
8 Lês. País. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho.
9 Prefixo de negação. Sumo da uva antes de se completar a fermentação. Troça.
10 Filões. Separes.
11 Pessoa notável (fig). Cara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10151

**HORIZONTAIS:**

1 Vagas. Urram.
2 Emito. Moira.
3 Ralem. Am. Ad.
4 Dr. Bu.
5 Ega. DAR. Ser.
6 Sacai. Eno.
7 Ro. Ten. Cá.
8 Rua. DUAS.
9 Eça. Alvim.
10 Corta. Doara.
11 Amais. Assas.

**VERTICAIS:**

1 VERDES. Leça.
2 Amargar. COM.
3 Gil. Açorara.
4 Atem. Ti.
5 Som. Ditaras.
6 Fa.
7 UMA. Rendada.
8 Roma. Ulos.
9 Ri. Socavas.
10 Árabe. Asira.
11 MADURA. Mas.

**Provérbio:** DAR DUAS VERDES COM UMA MADURA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6309

**HORIZONTAIS:**

1 Pajeú. Pargo.
2 Avara. Elias.
3 Arau. Capo.
4 Adagada.
5 Má. Ro.
6 Até. Aer. Per.
7 Lusas. Urano.
8 MCCI. Galo.
9 Ura. Asa.
10 Fite. Ámen.
11 Anoso. Trará.

**VERTICAIS:**

1 Pá. Amal. Ufa.
2 Avá. Atum. In.
3 Jará. Escuto.
4 Erado. Acres.
5 Uauá. Ásia.
6 Gee.
7 Peca. Ruga.
8 Alado. Rasar.
9 Ripa. Palama.
10 Gão. Er.
11 Os. Coro. Una.

# AOS QUATRO VENTOS

## VICTOR HUGO

A publicação em Paris de uma série de notas inéditas de Victor Hugo, com o título de «Choses Vues» (Coisas Vistas), deu lugar a que se recordasse uma vez mais o insigne autor de «Os Miseráveis».

— Até 1850, Victor Hugo foi conservador. Mudou politicamente quando Luís Bonaparte deu o golpe de Estado de 1852. A partir de então tornou-se liberal humanista.

— Por ocasião da sua morte, em 1885, o diário «La Croix» escreveu: *«Estava louco há trinta anos.»*

— Flaubert qualificara-o de um *«imenso bom homem»*.

Perguntaram uma vez a André Gide quem era, em sua opinião, o melhor poeta de França e este respondeu: *«Victor Hugo, pois quem havia de ser!»*

## POLÍTICA

Quando o recém-nomeado candidato democrático à Presidência, senador Georges McGovern, falou à Junta da Federação Nacional dos Produtores de Leite, em Washington, referiu-se à influência nestes termos:

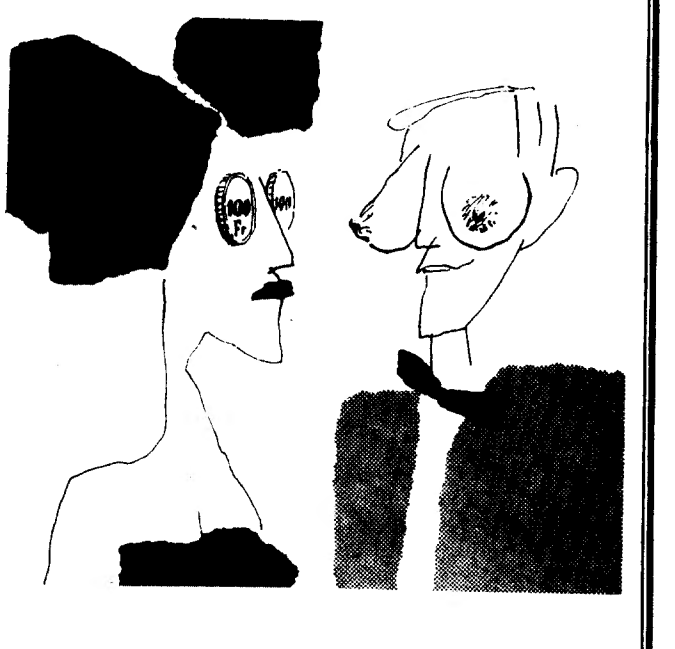
. *«As pessoas de Washington têm ideias diferentes acerca do que realmente é a influência política. Alguém me disse que influência política é poder almoçar com o Presidente quando lhe apeteça a fim de discutir com ele o problema legislativo que lhe interesse nesse preciso momento.*

*«Um jornalista opinou que ter influência é almoçar com o Presidente e, tocando o telefone, o Presidente diga que está demasiado ocupado para responder.*

*«Um estudante, porém, sintetizou de maneira mais precisa: — Ter influência política é almoçar com o Presidente e, tocando o telefone, o Presidente se levante e, pegando no auscultador, diga: É para si.»*

## A SOLUÇÃO

Num povoado do Arizona, uma velhota chama a uma porta. Uma outra anciã abre.



— *Como estás, velha Betty?* — pergunta-lhe a primeira. — *É o canalha do teu marido?*

— Então não sabes? Saíu a colher uns tomates na horta, resvalou, bateu com a cabeça numa pedra e morreu acto contínuo.

— *E tu que fizeste?*

— Eu? Que querias que fizesse? Abri uma lata de conserva de tomate!

## GENTLEMAN

O marido ofendido, George Ray, de 42 anos, de Nova Iorque, explica ao juíz porque requer o divórcio:

— Quando surpreendi minha mulher com um homem, indignei-me e comecei a gritar, a insultar e querei abater de um só golpe aquele tratante.

— *E que é que o impediu de o fazer?* — pergunta o juíz.

— Conteve-me o comportamento incrível daquele homem, que era um inglês...

— Deixou-me petrificado...Depois de ter metido as roupas debaixo do braço com muito cuidado e levando os sapatos na mão, beijou com grande respeito minha mulher, dizendo-lhe: «Espero, minha senhora, que a vida nos reserve a oportunidade de nos vermos de novo menos ràpidamente.»

## ÁGUA E VINHO

Reflexão de Oscar Wilde:

«Se um governo proíbisse o uso da água, seriam muitos então os que a prefeririam ao vinho.»

## O CONTRÁRIO

Quando Meyerbeer morreu, um sobrinho do famoso músico berlinense compôs em sua honra uma marcha fúnebre, que fez escutar a Rossini.

— Que lhe parece, maestro? — perguntou-lhe finalmente.

— Não está mal, não está mal — respondeu Rossini — mas creio que teria preferido o contrário:..

— Que quer dizer?

. . — Que teria preferido que fosse Meyerbeer a compor uma marcha fúnebre em sua honra!

# LEILÃO

ANTIGUIDADES

## DINASTIA

ANTIQUÁRIOS, LEILOEIROS E GALERIA DE ARTE, LTD.

TELF. 668973 — RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 183-r/c.-Dt.º

LISBOA

## COMUNICADO-CONVITE

Esta firma vendeu em seu leilão de 2, 3 e 4 de Maio do corrente ano um par de cómodas reproduzidas na grav. 5 do respectivo catálogo com o lote n.º 1 e com a seguinte descrição:

PAR DE CÓMODAS D. JOSÉ, EM PAU SANTO

Belas peças da marcenaria portuguesa abauladas lateralmente e na frente, de misulas salientes. Tratando-se de um par, são já hoje difíceis de se encontrar.

Pertenceram à colecção D. Francisco de Almeida.

As mesmas foram arrematadas na sessão do dia 3 de Maio pela importância de Esc. 520 000$00 (QUINHENTOS E VINTE MIL ESCUDOS) a um cliente que não quis que se revelasse o seu nome.

Dias após, pessoas cobrindo a sua cobardia com o manto do anonimato, fizeram constar serem as mesmas falsas, isto é, cópias.

A essas pessoas e até a alguns comerciantes de boa fé que se envolveram nesta história, no «diz-se ou ouvi dizer», convidamos a comparecerem para peritagem destas peças na próxima 2.ª-feira dia 31 do corrente das 11 às 13 e das 15 às 19 horas.

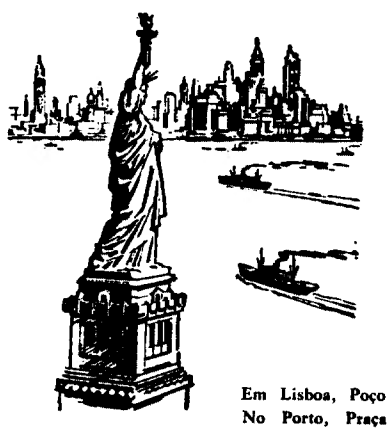
Esta firma tem como 8.ª condição de vendas o seguinte:

«A AGÊNCIA TOMA INTEIRA RESPONSABILIDADE PELAS CLASSIFICAÇÕES FEITAS»

Fica pois esta firma aguardando para que no dia 31 lhe façam a prova em contrário



# SURDOS



## CASA SONOTONE

Chegou finalmente a época das férias. Como é bom descansar. Uns preferem a Praia outros o Campo mas?... todos gostam de ouvir bem. Que felicidade ter boa audição. Estamos aqui para os ajudar. Venham até nós para lhes fazermos um exame audiométrico e uma demonstração que é gratuita, com os melhores aparelhos do Mundo. Temos tudo o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Prestamos assistência técnica com consciência a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer marca e de qualquer casa. Pilhas de todas as voltagens de mercúrio e de carvão. Esperamos a vossa visita com a qual ficamos muito reconhecidos. Mais uma vez um grande OBRIGADA.

Em Lisboa, Poço do Borratém, 33, s 1. Telf. 868352
No Porto, Praça da Batalha, 92-1.º. Telf. 02-35602
Em Luanda, R. Ant.º Enes, 42-2.º. Apartamento 26



# TOYOTA

SERVIÇO OFICIAL

Peças e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço

Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

# COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8

SERVIÇOS RÁPIDOS

TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS


## VENDA DE SUCATA

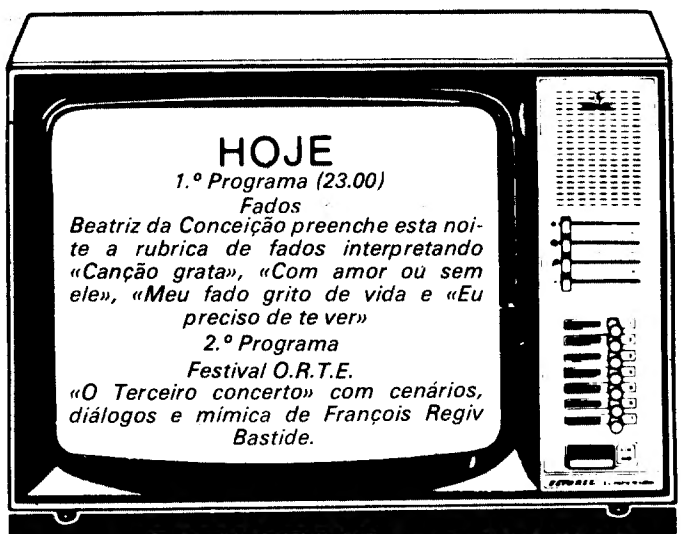
A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no dia 7 do próximo mês de Agosto, pelas 10 horas, junto ao Armazém Municipal, procederá à venda, em hasta pública, de diversos lotes de sucata.

Cascais, 10 de Julho de 1972.

O Presidente da Câmara
**José Guedes Pinto**
**Machado**
Eng. Civil

**O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Alberto Simões Carvalho, Cantina da Estação dos Caminhos de Ferro de SETÚBAL**

# televisão





SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS


### HOJE

**1.º Programa**

**1.º Período**

12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Dia do senhor
13.35 Nos bastidores da aventura
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.40 Expedição
15.05 Tarde de cinema: O Que é Preciso é Coragem
16.25 TV Rural
17.00 Atletismo: Transmissão directa dos jogos Luso-Brasileiros
20.10 Os companheiros
20.40 TV 7
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Longstreet
23.00 Fados
23.15 Domingo desportivo. Inclui o resumo filmado do Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins
23.45 Telejornal - últimas notícias
23.50 Meditação e Fecho

**2.º Programa**

20.30 Dó, Lá, Si
21.00 O regresso de lucy
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Festival O.R.T.E. O Terceiro Concerto
23.30 Fecho

### AMANHÃ

**1.º Programa**

**1.º Período**

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino Singular
13.15 Uma mãe para Eddie
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Um dia com...
19.30 Telejornal - 2.ª Edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta aberta
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Na terra do arco-íris
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 O jogo do galo
22.40 Os pioneiros da pintura moderna
23.35 Eurovisão. Inclui um resumo do CampeonatodeHóqueiem Patins.
23.45 Telejornal - últimas notícias
23.50 Meditação e Fecho

**2.º Programa**

20.30 Abertura e Uma Mãe para Eddie
21.00 Um dia com...
21.30 Telejornal - 3.ª Edição
22.00 Noite de cinema: Amado e Temido
23.35 Fecho

# urgência

| | | | |
|---|---|---|---|
| Emergência | 115 | Judiciária | 53 5380 |
| Bombeiros | 32 2222 | Intoxicações | 76 1176 |
| C.V.P. | 66 5342 | Aeroporto | 71 1397 |
| H. de S. José | 86 0131 | C.R.G.E. | 53 7021 |
| H. de S. Maria | 73 0231 | C. Águas | 36 1361 |
| P.S.P. | 36 6141 | Combóios | 32 622[illegible] |

# tempo

**HOJE**

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado na faixa costeira e pouco nublado ou limpo no interior; o vento era fraco e havia neblina ou nevoeiro em alguns locais.

**TEMPERATURAS DO AR**

09 00 H

| | |
|---|---|
| PORTO | 19º |
| PENHAS DOUR. | 18º |
| COIMBRA | 22º |
| PORTALEGRE | 21º |
| LISBOA | 20º |
| FARO | 21º |
| FUNCHAL | 22º |

**TEMPERATURAS EXTREMAS**

*Elvas*
*Máxima* ..... 32º
*Penhas da Saúde*
*Mínima* ..... 32º

**TEMPERATURAS NO ESTORIL**

Água do mar ..... 16,4º
Atmosfera ..... 18,8º

**MARÉS DE HOJE**

| PREIA-MAR | | BAIXA-MAR | |
|---|---|---|---|
| 6.31 | *3,7 m* | | |
| 18.47 | *3,9 m* | 12.07 | *0,8 m* |
| Dia 31 | | | |
| 7.11 | *3,6 m* | 0.38 | *0,8 m* |
| 19.30 | *3,8 m* | 12.53 | *1,0 m* |
| Dia 1 | | | |
| 7.58 | *3,5 m* | 1.26 | *1,0 m* |
| 20.22 | *3,6 m* | 13.46 | *1,1 m* |

**PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ**

**Períodos de céu muito nublado ou limpo no interior; vento fraco ou moderado podendo soprar em regime de nortada durante a tarde para sul do Cabo Carvoeiro; neblina ou nevoeiros locais.**

**AMANHÃ**

Nascer ás ..... 6.37
Ocaso ás ..... 20.49

Dia 2 Dia 9 Dia 17 Dia 24

# rádio

**EMISSORA 1.º Programa**

16.00 Noticiário. Jogos olímpicos, por Feernando Garcia. Onda musical
17.00 Onda musical
18.05 Música e cadência
19.00 Campeonato do mundo de hóquei em patins: — Transmissão do Pavilhão dos Desportos, da Corunha, do relato do desafio «Portugal — Nova Zelândia»
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Pequena história do teatro musicado em Portugal
22.00 Teatro das comédias: «Amor e ingratidão» — de Guy de Maupassant, numa adaptação de Maria Pereira da Silva
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para outro — por Fernando Garcia
00.00 De um dia para putro (cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para outro — (cont.)
02.00 Fecho

**2.º Programa**

16.00 Concerto em mi menor, op.85, para violoncelo e orquestra (Elgar)
16.30 Trechos em piano — OBRAS DE Rachmaninoff e Ravel
17.00 Perspectivas da música de câmara de Sherubini
17.43 Bailado do 3.º acto da ópera «Vésperas Sicilianas» (Verdi)
18.00 Intercâmbio musical. Concerto de Domingo (concertos da rádio sudoeste da Alemanha, Baden-Baden, temporada de 1971-72)
19.10 Sonata para violoncelo e piano (Sir Arnold Bax)
19.27 Quarteto em ré menor, op.34 (Dvorak)
20.00 Diário sonoro
20.20 A Orquestra «I Musici»
20.30 As grandes figuras do mundo português — pelo Dr. Caldeira Pais.
21.00 Recital de canto e orgão pelo soprano Elisete Bayan e Gertrud Mersivsky
21.19 O violinista Óscar Ghiglia
21.30 Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

**programa estereofónico — MF 2**

21.00 Música ligeira variada
22.00 Oratória «A paixão de Cristo» (Almeida Motta)
01.00 Fecho

**RÁDIO CLUBE**

**Onda Média**

16.00 Projecção
16.35 Tarde desportiva
19.00 Chave do totobola
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 72»
20.00 Nota de abertura
20.15 Comentador desportivo
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estreia da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens biblicas.
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
2.00 A noite é nossa
6.00 Diário rural
7.00 Talismã

**Modulação de frequência**

16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.00 Chave do totobola
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa á ĝ-gô
23.00 Noticiário; Programa á gô-gô (continuação)
0.02 Em órbita-dois
1.02 Banda sonora/ Sonipol
2.00 Perspectiva
3.00 Fecho

**Emissor de Miramar**

15.55 Tarde desportiva
18.00/20.00 «Sinfonia 18»
18.01 Música e desporto
18.30 Presença coimbrã
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.00 Nota de abertura
20.07 Norte dia a dia
21.00/24.00 «Genérico»
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

# farmácias de serviço

## LISBOA

**ALCÂNTARA**
**Dilema,** R. Aliança Operária, 49-B (tel. 636620); **Costa,** Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704); **Vieira da Rosa,** Rua Prior do Crato, 74 (telef. 660187).

**ALTO DO PINA**
**Ibéria,** Rua Barão de Sabrosa, 235-A (telef. 78277).

**ALVALADE**
**Aeroporto,** Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384); **Sanex,** Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); **Rio de Janeiro,** Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (tel. 721409)

**AMEIXOEIRA**
**S. Bartolomeu,** Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).

**ARCO DO CEGO**
**S. Jorge,** Avenida Rovisco Pais, 32-A (telef. 534027).

**AREEIRO**
**Algarve,** Avenida de Roma, 7-B (tel. 731478).

**ARROIOS**
**Pancada,** Rua Rebelo da Silva, 11 (tel. 43340).

**CASTRO**
Avenida Almirante Reis, 76-A (tel. 821973)

**AVENIDA DA LIBERDADE**
**Liberal,** Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).

**AVENIDAS NOVAS**
**Figueiras,** Avenida Marquês de Tomar 20 (tel. 44995);; **Cruz Nunes,** Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 41845).

**BAIRRO ALTO**
**Sanitas,** Praça Luís de Camões, 24 (telef. 322798).

**BAIRRO DA ENCARNAÇÃO**
**Ascenso,** Praça do Norte, 11 (telefs. 311216 e 310172).

**BAIXA**
**Silva Carvalho,** R. dos Franqueiros, 126 (tel. 326575).

**BELÉM**
**Bom Sucesso,** R. Bartolomeu Dias 63-A (tel. 611454)

**BENFICA**
**Santa Cruz,** Avenida Gomes Pereira, 34-B (telef. 704828).

**CAMÕES**
**Sanitas,** Praça Luís de Cmões, 24 (tel. 322798)

**CAMPOLIDE**
**Oliveira,** Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)

**CAMPO DE OURIQUE**
**Elma,** Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176); **Urbano, de Freitas,** R. Silva Carvalho, 5 (tel. 662838); **Tagus,** Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); Pinheiro, Rua Campo de Ourique, 133 (tel. 686640)

**CARNIDE**
**Ribeiro,** Estrada da Luz, 199-A (tel.780969).

**JANELAS VERDES**
**Reis Garrido,** R. das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327).

**LAPA**
**Mota Capitão,** Rua de S. Félix 45-B (tel. 660720)

**LUMIAR**
**Central,** Rua do Lumiar, 75 (tel. 790480)

**MARQUES DE POMBAL**
**Liberal,** Avenida da Liberdade, 219, (tel 43641).

**MOURARIA**
**Silva,** Calçada de Santo André. 16 (tel. 862074).

**OLIVAIS**
**Antunes Rosas,** Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais -Sul) (telefone 313610); **Central dos Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315539)

**PENHA DE FRANÇA**
**Branquinho,** Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725).

**PICHELEIRA**
**Luzmar,** R. João Nascimento Costa, 16-A (tels. 720703-728395).

**RATO**
**Vicente de Jesus,** Largo do Rato, 3-C (tel. 681947).

**RESTELO**
**Belém,** Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Tel. 612248).

**SANTO AMARO**
**Gomes,** Rua da Junqueira 326 (Tel. 638193); **Costa,** Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704).

**S. BENTO**
**Fénix,** R. da Cruz dos Poiais 52 (Tel. 678531).

**S. MIGUEL**
**S. Miguel,** Praça Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469).

**S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
**Novais,** Avenida Luís Bivar, 11 (Tel. 44324)

**SETE RIOS**
**Curie,** Avenida Madame Curie, 15-A (Tel. 778439); **Laranjeiras,** Rua Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035).

**SOCORRO**
**Silmar,** Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829).

**XABREGAS**
**Conceição,** Calçada de D. Gastão, 30 (Tel. 381279).

**SEIXAL**
**Soromenho** R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

## LINHA DE SINTRA

**AMADORA**
**Cavaca** R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019) **Flama** R. Elias Garcia, 78 - B (Telef. 932485) **Confiança** Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 - A (Telef. 938149)
**DAMAIA**
**Damaia** P. Alexandre Gusmão, 9 - A (Telef. 970523)
**QUELUZ**
**Zeller** R. da República, 83 (Telef. 950045) **Correia** L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)
**CACÉM**
**Central** R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)
**MEM MARTINS**
**Química** Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
**S. PEDRO DE SINTRA**
**Valentim** (Telef. 980456)
**SINTRA**
**Misericórdia** L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
**COLARES**
**Colares** Abreja (Telef. 299088)

## LINHA DE CASCAIS

**ALGÉS**
**Miraflores** R. António Granjo, 2 (Telef. 213161)
**CAXIAS**
**Nova** Rua Bernardim Ribeiro, 1 - A (Telef. 242839)
**PAÇO DE ARCOS**
**Trindade Brás** R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2442034)
**OEIRAS**
**Central** R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
**PAREDE**
**Aisip** B.º das Caixas de Previdência, Bloco A (Telef. 2472948)
**S. JOÃO DO ESTORIL**
**S. João** (Telef. 261186)
**MONTE ESTORIL**
**Suiça** Cruzeiro (Telef. 260087)
**CASCAIS**
**Cordeiro** Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170) **Nova** Est. de Alvide - Fontaínhas (Telef. 281044)

## OUTRA BANDA

**ALCOCHETE**
**Nunes** L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
**ALHOS VEDROS**
**Portugal** Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
**ALMADA**
**Central** R. de Olivença, 11 (Telef. 270504)
**BAIXA DA BANHEIRA**
**Nova Fátima** Est. Nacional, 221 - B (Telef. 224141)
**BARREIRO**
**Piçarra** Av. do Bocage, 65 - A (Telef. 2274771)
**COVA DA PIEDADE**
**Atlântico** R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Telef. 2764466)
**MOITA**
**União Moitense** Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
**MONTIJO**
**Giraldes** R. Almirante Reis, 45 (Telef. 2300035)
**SESIMBRA**
**Lopes** R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
**SETÚBAL**
**Higiene** R. Frei Agostinho da Cruz (Telef. 22408). **Portugal** R. Camilo Castelo Branco (Telef. 23211)

## PORTO

SUB-TURNO A

**Batalha (da),** Praça da Batalha, 26; **Campo (do),** Praça da República, 118; **Costa Cabral,** Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura,** Rua de Tânger, 1463; **Invicta,** Rua do Bonfim, 331;

SUB-TURNO B

**Barros,** Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima,** Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia,** Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes,** Rua Matias de Albuq., 243; **Sá,** Rua Vale Formoso, 181; **Sarabando,** Largo dos Lóios, 36

## COIMBRA

**Olivais,** R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804); **Universal,** Pr.ª 8 de Maio, 35 (tel. 23733); **Adriana,** Pr.ª da República, 20 - 22 (tel. 23609).

# cinemas ● cinemas ● cinemas

**MONUMENTAL** (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos) 2.ª Semana
Um filme divertidíssimo.
OS SETE LADRÕES DA CIDADE com Frank Sinatra, Dean Martin e Peter Falk.

**SATÉLITE** (Telef. 562632)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D (18 anos) 2.ª Semana
AS MIL E UMA NOITES PARA ADULTOS. Uma realização de Elichi Yammamoto.
Atenção aos novos horários

**IMPERIAL** (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo D (18 anos)
«CASANOVA 70» com Marcello Mastroianni, Vima Lisa e Eurico Maria Salerno. Em complemento «MASSACRE DE CHICAGO».

**EDEN** (Tel. 320768)
15.15, 18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
Os dois maiores nomes de filmes de terror Christopher Lee e Peter Cushing em «EU MONSTRO» (Technicolor)

**ROMA** (Tel. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Homens em desespero «A LEGIÃO DOS DANADOS» com Jack Palance e Tom Hunter e Diana Lorys (Estmancolor)

**ODEON** (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
24.ª Semana de êxito
NÃO DESEJARÁS O DELICADINHO DO 5.º, com Alfredo Landa, Jean Sorel, Ira de Fustemberg e Isabel Garces.

**LONDRES** (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
5.ª semana
MELODY.
Venha ver como começamos a amar com Mark Foster, Jack Wield e Tracy Hyde
Cinema
Snack Bar-Pub
The Flag-Faça 3 coisas num Sítio Só

**IMPÉRIO** (Tel. 555134/5)
15.15, 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Hayley Mills e John Mills em «ESTE DIFÍCIL AMOR»
Technicolor (Metro-Alameda)

**AVIZ** (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Color-Scope
o Filme do ano
27.ª Semana. O filme do ano
TRINITÁ (COW-BOY INSOLENTE, com Buel Spencer e Terence Hill.

**ESTÚDIO** (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
5.ª Semana
O MUNDO A SEUS PÉS.
O melhor filme de todos os tempos de Orgon Welles.

**TIVOLI** (Tel. 717480)
14.30 - 18.00 e 21.30
Grupo A (6 anos)
O maior êxito de sempre «MÚSICA NO CORAÇÃO» com Julie Andrews e Christopher Plumer
70 m/m Technicolor
(Ar condicionado)
**ATENÇÃO:** o filme começa rigorosamente às horas dos espectáculos.

**ALVALADE** (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo B (10 anos)
Humphrey Bogart e José Ferrer em «OS REVOLTADOS DO CAINE»
Technicolor

**ESTÚDIO 444** (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Uma sátira dirigida aos computadores «MILHÕES ESCALDANTES» com Peter Ustindy, Maggie Smith e Kar Malden
Metrocolor

**BERNA** (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo C (14 anos)
O amor e a vida no ponto de separação de duas Épocas «A GRANDE FUGA» com Lyndmila Savelyena
Technicolor (ar condicionado)

**VOX** (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
O Reino do terror alarga-se! «AS CICATRIZES DE DRÁCULA» Um filme de Roy Ward Baker.

**MUNDIAL** (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
Tecknicolor (Grupo B 10 anos)
O Regresso de um ídolo «FOGONA PRADARIA» com Charles Bronson
(ar condicionado)

**CONDES** (Telef. 322523-326710)
15.15 - 21.15 2.ª semana
Agora para maiores de 14 anos «E TUDO O VENTO LEVOU» com Clark Gable Vivien Leigh, Leslie Howard e Olivia de Havilland
O filme começa a ser projectado 10 minutos depois do início das sessões.

**ROYAL** (Tel. 855037)
15.00 e 21.00
Grupo C (14 anos)
Emocionante! Emotivo! Violento! «O SOLITÁRIO DO RIO GRANDE»
Color com Gregory Peck, Pat Quim, Richard Crenna e Anne Heywood Em complemento «O GOLPE DE OURO-RUR»

**CASINO ESTORIL**
18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
«TRISTANA - AMOR PERVERSO»

**LYS** (Tel. 48560)
14.45 e 21.00
Grupo D (18 anos)
Continuação de estreia «DROGA, LOUCURA MORTE em complemento «Agência de Vigarices»

**S. JORGE** (Tel. 54152/4
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo B (10 anos)
Um «Western» emocionante «ADEUS SABATA» com Yu Brynner.

**EUROPA** (Tel. 661016)
21.00
Grupo C (14 anos)
Um disparate num Western muito especial.
Frank Sinatra e Ursula Andrss em «4 NO TEXAS»

**APOLO 70** (Tel. 763319
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Eastmaucolor
Um filme de Orson Welles «HISTÓRIA IMORTAL» com Orson Welles e Jeanne Moreau. (ar condicionado)

**POLITEAMA**
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Ela tinha muito amor para lhe dar... Mas também tinha um segredo escondido «SE TU SOUBESSES» com o cantor Al Bano e Susanna Mastinkova.

# outros espectáculos

## LISBOA Teatros

**MONUMENTAL**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«P'ra frente Lisboa»

**VILLARET**
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Os Contestatários».

**LAURA ALVES**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente2

## LISBOA/Cinemas

**RESTELO**
21.00 (18 anos)
«O Salto do Anjo»
**CINEARTE**
21.00 (14 anos)
Sabata chega e mata»
**PARIS**
21.00 (18 anos)
) Salto do Anjo»
**MAYER**
21.00 (14 anos)
«Real Caçada ao Sol»
**PROMOTORA**
21.00 (10 anos)
«Os noivos da revolução»
**OLÍMPIA**
21.00 (10 anos)
«Os sobrinhos do Zorro» e «Comissário X no vale das montanhas»
**JARDIM**
21.00 (10 anos)
«Sob o signo do Capricónio»
**UNIVERSAL**
21.15 (10 anos)
«Os jovens guerreiros»
**ESPLANADA CASTANHEIRA**
21.45 (10 anos)
«Nebraska o pistoleiro»
**ARCO ÍRIS**
21.00 (10 anos)
«A lei do Zorro» e «Roma invencível»

## LINHA DE CASCAIS

**CASCAIS**
**S. José**
21.30 (18 anos)
«Dívida de ódio»
**ALGÉS**
**Stadium**
21.30 (18 anos)
«O Golpe»
**PAREDE**
**Royal Cine**
21.15 (10 anos)
«A Fuga»
**ESTORIL**
**Casino**
18.30 e 21.30 (18 anos)
«Tristana - amor perverso»
**Palácio**
21.30 (18 anos)
«O Segredo»
**Esplanada**
21.30 (14 anos)
«História de amor»
**OEIRAS**
**Oeiras-Cine**
21.00 (14 anos)
«Não faças ondas»

## OUTRA BANDA

**ALMADA**
**Incrível**
21.15 (14 anos)
«O Magnífco rebelde»
**LARANJEIRO**
**Instrução e Recreio**
21.30 (18 anos)
«O Clã dos Sicilianos»
**BARREIRO**
**Cine-Barreirense**
21.00 (17 anos)
«O Destino marca a hora»

## LINHA DE SINTRA

**QUELUZ**
**Queluz Cinema**
21.15 (10 anos)
«Missão Batanga» e «Páginas de amor»
**CACÉM**
**S. João**
21.00 (18 anos)
«Entre a honra e o amor»
**MEM MARTINS**
**Cine Chaby**
21.30 (18 anos)
«A Transplantação»
**DAMAIA**
**D. João V**
21.30 (18 anos)
«Fogo cruzado»
**AMADORA**
**Recreios Desportivos**
21.15 (18 anos)
«O Provinciano»
**SINTRA**
**Carlos Manuel**
21.30 (14 anos)
«Siga aquele camelo»

## PORTO Cinemas

**ÁGUIA DE OURO**
21.30 (10 anos)
«Trinitá, cow-boy insolente»
**ESTÚDIO**
21.30 (18 anos)
«A Nave dos loucos»
**RIVOLI**
21.30 (14 anos)
«A Vigéssima 5.ª Hora»
**PASSOS MANUEL**
21.45 (18 anos)
«O Regresso»
**TRINDADE**
21.30 (18 anos)
«A Ruptura»
**JÚLIO DINIZ**
21.30 (18 anos)
«Mundo cão»
**S. JOÃO**
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta»
**BATALHA**
21.30 (10 anos)
«Nem Mundo Novo»
**VALE FORMOSO**
21.30 (10 anos)
«Perigo em cada segundo»
**CINEMA TERÇO**
21.30 (10 anos)
«O distraído»
**CARLOS ALBERTO**
21.00 (10 anos)
«Vigaristas no Convento» e «Duelo no Rio Bravo»
**OLÍMPIA**
21.30 (10 anos)
«O silêncio de Tarzan»
**COLISEU**
21.30 (10 anos)
«Play time»

## COIMBRA

**AVENIDA**
21.30 (18 anos)
«Casamento por procuração»
**ESPLANADA**
**VOLUNTÁRIOS**
21.45 (18 anos)
«A adolescente e o quarentão»

## LEIRIA/cinemas

**TEATRO JOSÉ LÚCIO SILVA**
21.30 (18 anos)
«A ameaça»

Á VENDA EM TODO O PAÍS MAIS UM NÚMERO DE
motor

# BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

**ADEGA MACHADO** Cantam Ivete Pessoa Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.
**LUSO** — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Ermida e José Luís Tomar; fado de Coimbra e canções internacionais por Plínio Sérgio. Guitarradas por Jaime Santos e Fernando Alvim. **Travessa da Queimada, 10. Tel. 362889.**
Aberto todos os dias.
**ADEGA MESQUITA**
Cantam Fernanda Pinto, Natalina Bizarro, Ana Hortense e Alcino de Carvalho. Tocam António Luís Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307.**
**FORCADO**
Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria A[illegible] Portugal, João Alberto, Manuel [illegible]ins. Folclore pelos 5 Típicos [illegible]la Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221 - Telefone 368579.**
**VIELA**
Rua das Taipas, 14 Tel. 327256
O Restaurante realmente típico onde Sérgio apresenta todas as noites o seu elenco privativo
Encerrado ao domingo
**CASEBRE** — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.as feiras. Rua da Barroca, 133. Tel. 369760**
**ARREDA** — Fado amador oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra as 3.as feiras. Consumo mínimo 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef 263864.**
**FRAGATA REAL** — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô - Jô Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila - Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anjos. **Travessa de S. Miguel, 22, — Alfama Tel. 868551**
**FANTASMA**
Dancing-Caveau com variedades — Filipe Dancers. Show todas as noites uma atracção surpresa. Rua **Gomes Freire, 145-B Aberto todos os dias até às 05.00 h**
**NINA** — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7 - 13 Tel. 34859/368197**
**TOSCO** — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562)**
**TAMILA** Marão e s/conjunto. Matinées todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**
**D. QUIXOTE** — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 H. da madrugada. **Rua da Trindade,9 Tel. 327109** Encerra aos domingos.
**HIPOPÓTAMO** Com Helder Reis. Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef 48384.**
**TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)** Conjunto Oliveri. **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**
**CASINO ESTORIL** Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**
**CACO**
Dancing c/ música ambiente com singular quarteto.
Rua Camilo Castelo Branco 23-A.

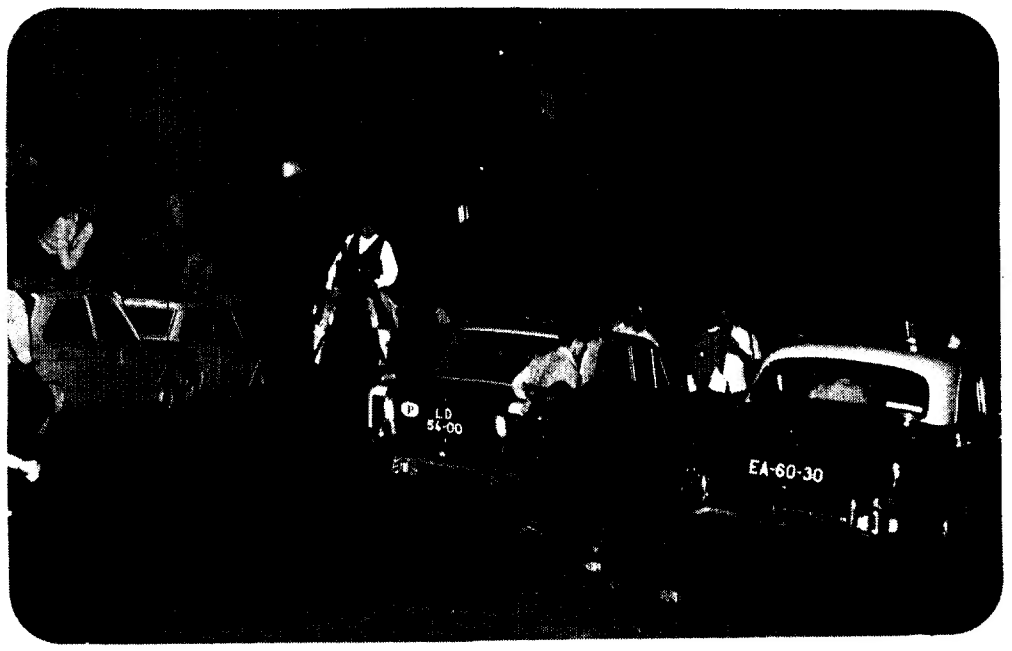
DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF. 654531/2/3/4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

DL/DOMINICAL — A CIDADE

# MARIALVAS E TOUROS NA CALÇADA DE CARRICHE

Depois da Grande Marcha, das cantigas no Pavilhão dos Desportos e dos arraiais, as «Festas da Cidade», seguindo os melhores princípios do marialvismo à antiga portuguesa (que visto de longe parece engraçado e até o turista gosta), brindaram o lisboeta (e de que maneira!) com uma largada de toiros que teve início num terreiro da Calçada de Carriche.

Aí, na tarde de sexta-feira, os bichos esperaram a hora de correrem a cidade, vigiados por campinos e admirados por todos-cidadãos e saloios, miúdos e graúdos. Os touros, os cavalos, a música nos altifalantes, sardinhas assadas e vinho tinto, assim foi o arraial pela tarde fora, até ao anoitecer. Gente conhecida, ganadeiros e lavradores, gente menos conhecida, populares e bebedores e até figurinos doutras épocas, «marialvas» e «severas», à procura das medidas na naftalina do «Paiva». A ver se lembrava as «farras» da Lisboa de outras eras, das esperas e das touradas reais-tempos que já lá vão, enfim.




No meio do asfalto um touro bravo à solta

### *MARIALVAS*

Até à grande largada tudo se foi passando à volta da tenda de comes-e-bebes que o Desportivo da Mouraria tinha montado e onde a sede, que sempre acompanha as tardes taurinas, recebia algum conforto.

— *No arraial do Martim Moniz é que era bom! Se fosse sempre assim... Mas já acabou e mudámo-nos para a feira franca em Moscavide. Temos aí uma barraca de petiscos cujos lucros revertem a favor do Desportivo*, explica-nos um membro do grupo que por ali debica uma sardinha.

Conforto também era dado à saudade por fadistas e cantadeiras empenhados na divulgação do fado marialva, daquele que fala de marqueses e touradas, aqui e ali entremeado por um acordeão a tocar uma modinha do Ribatejo. Por essa altura já a Praça do Campo Pequeno se via encher e nas bancadas esperava semelhantes espectáculos de variedades que iria preceder a entrada dos touros nos curros.

Junto ao improvisado touril da Calçada de Carriche, entre os «mirones», arrastando o capote improvisado com uma manta, encontrámos um espontâneo que não chegou a dar que falar, talvez porque o vinho da coragem lhe tenha vergado as pernas, para dormir numa sombra fresca, e sonhar com as exibições que não fez. Sem dizer o nome (*—«Eu cá sou um saloio qualquer!»*) fez da voz gaguejante algumas palavras clandestinas:

— *Pcht! Olhe cá, eu sou um espontâneo e quero tirar um touro. Nunca fui toureiro mas quero tirar um touro. Vou-me pôr ali mais acima e quando eles forem a passar tiro um. Não tenho medo. Só da guarda. Eu cá é que sei, que ainda sou do tempo dos marialvas!*

*Bigode postiço e fatiotas do «Paiva», assim estavam os marialvas que davam o tom à festa*

Bamboleante e em má forma, esquecido das fracas cores do seu capote, o espontâneo impossível riu-se com o seu plano e lá foi procurar um poiso estratégico.

*Texto de FRANCISCO NEVES*
*Fotos de JOSÉ TAVARES*

### *DAR PRÓ TORTO*

Quem também estava perto dos bichos eram alguns campinos que pareciam adivinhar o tresmalhe nocturno feito pelo asfalto da cidade:

— *Tenho cá a impressão que isto ainda vai dar pró torto... Se fosse em Vila Franca, não havia azar, mas daqui até ao Campo Pequeno sem baias nem nada...*

Até que chegou a hora de campinos e tipóias se prepararem para o que se iria tornar numa perigosa e árdua caça ao touro pelas ruas lisboetas. Cerca das onze, touros e cabrestos lá partiram enquadrados por campinos e seguidos de muita gente. Tudo estava planeado: até ao Campo Grande ia-se sem grandes pressas e só perto da praça é que se «apertava» para a entrada no redondel. Mas nem tudo correu como foi previsto e, pouco depois, Lisboa era uma grande praça por onde touros e cabrestos investiam atropelando o salve-se quem puder dos mais desprevenidos peões de brega. E foi a grande confusão; havia os que iam ao touro e aqueles a quem o touro ia; e muitos foram os colhidos; do Saldanha à Avenida Gago Coutinho.

A partir daí o programa foi o do imprevisto; cada vez mais perto da cidade, a festa começou a tornar-se perigosa. Os bicórneos haviam invadido Lisboa. Cerca de uma dúzia de chifres investiam contra a cidade, amedrontada ao encontrar um par deles na esquina mais insuspeita. Não sendo o marialvismo uma interpretação científica das reacções dos bovinos tudo podia acontecer. Um bovino em casa. Um bovino no café. No jardim, na escadaria. Um bovino não se percebe, por isso das duas uma: ou se foge ou se agarra. Assim se fez. Fugiu-se muito mais.

Depois de tudo o que se passou, ficam-nos as palavras do jornalista e organizador de mais esta festa (?) de Lisboa que, indicando com o dedo o mistério das nuvens, dizia antes de tudo o que se passou:

. — *Se isto vai correr bem? Só Ele é que sabe. Se estiver contente comigo corre bem, senão...*

Porque estaria Ele zangado?

A festa acbou em destroços; por onde passaram os touros deixaram o rastro.

FÉRIAS SHAUB-LORENZ E GRAETZ

Para umas férias na Ilha da Madeira, partiu de Lisboa mais um grupo de Agentes das famosas marcas de Televisores, Rádios e Alta - Fidelidade SCHAUB - LORENZ e GRAETZ, com GARANTIA OCL.

Estas férias destinam-se a premiar a confiança demonstrada por aqueles Revendedores em todos os artigos com GARANTIA OCL, uma garantia de qualidade e assistência, já preferida também pelo público em geral.

Fazem parte do grupo OCL, além daquelas duas marcas, mais as seguintes: INDESIT, RILI, ODACLA, SIERA, REMINGTON, SEVERIN, ROLLER-GRILL, NECCHI, STARMIX, JOLLY EXPRESS, CINDERELA, ZURCO, VESUVIUS - SAUNIER DUVAL, RADAR.

Ao grupo que agora seguiu para umas merecidas férias na Ilha da Madeira, desejamos as maiores venturas.

1 SEMANA em LONDRES
POR APENAS 3 350$
Partidas: 5, 7, 14, 21 e 28/8
(Algumas datas esgotadas)
- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA DE LONDRES
- TODAS AS TAXAS
- ASSISTÊNCIA DE DELEGADO ABREU

NOVAS PARTIDAS: 11, 18 e 23/8
LONDRES — FIM DE SEMANA
DE 1 A 5/9
POR APENAS 2900$
Em qualquer das partidas DESCONTO DE 10% para grupos de 10 pessoas
ORGANIZAÇÃO
abreu
FUNDADA EM 1840
PORTO — Av. Aliados, 207 — Telefone, 27931
LISBOA — Av. Liberdade, 160 — Telefone, 320021
COIMBRA — Rua da Sota, 2 — Telefone, 27011

Antiguidades

DE TODAS AS ÉPOCAS. ESTRADA LISBOA - PORTO ao km 101 (junto ao Restaurante St.ª Teresa). ENTRE RIO MAIOR E BATALHA — ABERTO TAMBÉM AOS DOMINGOS.